

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Cátia Solange Fornaziero Celeste de Alencar

CULTURA ELETRÔNICA, BLOGS E FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA

**Sorocaba/SP
2007**

Cátia Solange Fornaziero Celeste de Alencar

CULTURA ELETRÔNICA, BLOGS E FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Percival Leme Britto

**Sorocaba/SP
2007**

Cátia Solange Fornaziero Celeste de Alencar

CULTURA ELETRÔNICA, BLOGS E FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA

**Dissertação aprovada como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre no Programa de
Pós-Graduação em Educação da Universidade de
Sorocaba.**

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Ass. _____
1º Exam.: João Wanderley Geraldi
Prof. Dr. UNICAMP

Ass. _____
2º Exam.: Maria Lúcia de Amorim Soares
Profª Drª UNISO

**Dedico este trabalho aos meus
grandes amores: Marco César,
Lucas e Malu.**

AGRADECIMENTOS

Agradecer é tão importante quanto o apoio e confiança daqueles que estiveram presentes nesse período. Por isso, agradeço à vida por me dar mais este presente.

Aos meus pais, pela presença forte, estimulante e verdadeira.

Ao meu marido, pelo abraço aconchegante, pela cumplicidade e pelo otimismo.

Lukinha e Malu, queridos filhos, a vocês um agradecimento especial, pois souberam me entender, até mesmo nos vários momentos em que fui uma mãe ausente.

Agradeço a minha família por compreender a minha distância, especialmente, as minhas sobrinhas, Laís e Giovanna, das quais privei muitos passeios alegres.

Aos professores do mestrado pelo conhecimento compartilhado.

A você, Percival, pelas palavras doces, pelos puxões de orelha e, principalmente, pela amizade desfrutada nas tardes de terça.

Aos amigos do mestrado, companheiros de discussões e ansiedades estudantis.

Patrícia, minha colega de trabalho, revisora das minhas referências e ouvinte das minhas frustrações.

Agradeço a Banca examinadora, Prof^a Dr^a Maria Lúcia de Amorim Soares e Prof. Dr João Wanderley Geraldi, pelas orientações carinhosas que ajudaram na conclusão deste trabalho.

*Não é no silêncio que os homens se fazem,
mas na palavra, no trabalho, na ação-
reflexão.*

Paulo Freire

RESUMO

A evolução tecnológica observada a partir da década de 80 modificou o panorama mundial. Nunca, na história da humanidade, tantas transformações ocorreram de forma simultânea e em tão pouco tempo. Porém, para a maioria da população a “sociedade do conhecimento” não é real, pois o conhecimento e a tecnologia estão centrados nas mãos de poucos. Uma série de reflexões, voltadas para a questão da democratização do saber, estão presentes em nossa sociedade. Este trabalho, trata, em primeiro lugar, da universidade pública e particular, pois na atualidade houve um aumento considerável do número de instituições privadas de serviços educacionais, servindo à lógica do mercado e à ampliação de uma atividade econômica; por outro lado, existe a luta das instituições que recebem financiamento público e que tentam se manter e se preservar diante de imposições mercadológicas. A partir desse panorama, caracteriza-se, por meio de uma base teórica, o conceito de universidade, suas várias ramificações, inserida no mercado econômico. Outro aspecto é o estudante universitário hoje, e a condição de “ser universitário”: como se caracteriza essa população que corre ao encontro de uma formação superior e o conhecimento que este estudante produz. Neste ponto, aparece a WEB, não somente como fonte de pesquisa, mas também como meio de divulgação do saber de grupos específicos. Surge, assim, o foco do trabalho: os blogs de estudantes universitários. O que se pretende investigar, por meio de uma base teórica, é que tipo de estudante produz conhecimento e que conhecimento produz. Neste trabalho, há o interesse de desvendar como os blogs funcionariam para a divulgação do conhecimento de estudantes universitários de Instituições de Ensino Superior. São reflexões sobre a questão da universidade hoje, seus caminhos e suas relações com o mundo do saber. Um outro aspecto a se pensar é a WEB, como é vista e como se apresenta diante do estudante universitário. Diante desse cenário de possibilidades, os blogs marcam presença nesse meio de comunicação, além de serem uma possibilidade de transmissão de conhecimento e informações dos mais variados tipos. Analisa-se a WEB, a universidade, o “ser” universitário e os blogs produzidos por alunos; ora presos a uma instituição, ora resultado de uma vontade própria, essas produções transmitem um tipo de saber universitário. Estas reflexões se estendem sobre a formação universitária e a cultura eletrônica.

PALAVRAS-CHAVE: Educação superior. Comunicação eletrônica - Aspectos sociais. Weblog. Internet na educação

ABSTRACT

The technological evolution observed starting from the decade of 80 modified the world panorama. Never, in the humanity's history, so many transformations happened in a simultaneous way and in such little time. However, for most of the population the "society of the knowledge" is not real, because the knowledge and the technology continue centered in the hands of few. A series of reflections, gone back to the subject of the democratization of the knowledge, they are present in our society. This work treats, in first place, of the public and private university, because at the present time there was a considerable increase of the number of private institutions of education services, serving to the logic of the market and the enlargement of an economical activity; on the other hand, the fight of the institutions that receive public financing exists and that try to maintain and if it preserves before impositions of the market. To leave of that panorama, it is characterized, through a theoretical base, the university concept, their several ramifications, and inserted at the economical market. Another aspect is the academical student today and the condition of being "academical": as that population is characterized that runs to the encounter of a superior formation and the knowledge that this student produces. In this point, the WEB appears, not only as research source, but also as middle of popularization of the knowledge of specific groups. It appears, like this, the focus of the work: the academical students' weblogs. The one that she intend to investigate, through a theoretical base, is that student type produces knowledge and that knowledge produces. In this work, there is the interest of unmasking as the weblogs would work for the popularization of the academical students' of Institutions of Higher education knowledge. They are today reflections on the subject of the university, their roads and their relationships with the world of the knowledge. Another aspect to think is the WEB, as it is seen and as comes before the academical student. Before of that scenery of possibilities, the weblogs mark presence in that middle of communication, besides they be a possibility of knowledge transmission and information of the most varied types. It's been analysed the WEB, the university, being academical and the weblogs produced by students; some times arrested to an institution, other times resulted of an own will, those productions transmit a type of knowing academical. These reflections extend on the academical formation and the electronic culture.

KEY-WORD: Superior education. Electronic communication - Social aspects. Weblog. Internet in the education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 UNIVERSIDADE, MODERNIDADE E CONHECIMENTO	13
2.1 Conhecimento ou competência na universidade?.....	26
3 A INTERNET	35
3.1 www. Conhecimento? Informação? Hoje. Br	38
3.2 “Navegar é preciso”	48
3.3 Eu blogo, tu blogas, nós blogamos	55
3.5 Alguns tipos de blogs	59
4 ESTUDOS DE CASOS.....	77
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
REFERÊNCIAS	114

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de reflexões sobre a universidade hoje, seus caminhos e suas relações com o mundo do saber. Esta instituição que há séculos acompanha a humanidade, também se modificou bastante neste percurso: de espaço para a busca do saber torna-se, a cada dia, um espaço para a formação de mão de obra qualificada para o mercado. A produção de um conhecimento universal e desinteressado, razão primeira da universidade, deu vazão a um modelo de ensino superior em que se produzem grandes contrariedades, como a educação mercantilista, o conhecimento utilitário e especializado, o distanciamento da formação do ser social e o saudosismo daqueles que ainda crêem na essência criadora deste ambiente.

De um lado, a universidade e o saber; do outro, o universitário e a Internet. Na junção destes elementos está o foco de nossa pesquisa: o “saber” que se produz em *blogs* universitários. Optamos pelos *blogs* justamente pela carga ideológica que os marca na atualidade, sendo considerados por muitos um novo espaço para divulgação de informação e conhecimento dos mais variados tipos, além de possibilitar a reorganização na forma de comunicação, rompendo com a seqüência emissor/receptor. Hipoteticamente, buscávamos encontrar nesses espaços o reflexo de uma formação universitária precária e a Internet servindo como reforço do sistema econômico que favorece minorias. Por outro lado, também verificamos se a universidade poderia mudar esta realidade, ou seja, se o ambiente universitário mudaria o perfil do *blog*.

Uma das dificuldades maiores para a realização da pesquisa foi justamente encontrar universitários blogueiros. Em primeiro lugar, blogueiro não responde *e-mails*; foi também difícil encontrar quem tivesse continuidade nas *postagens*; porém, a dificuldade maior foi desvendar os caminhos para chegar nestes grupos. A Internet é um labirinto sedutor, muitas vezes, e nos perdemos até nos acharmos. Quando encontramos as primeiras comunidades, a pesquisa começou a existir.

No primeiro capítulo, “Universidade, modernidade e conhecimento”, analisamos as mudanças ocorridas na universidade, principalmente a partir de 1980. Com o crescimento das universidades particulares, a educação deixa de ser responsabilidade do Estado. Outro aspecto da modernidade é a questão do conhecimento e da informação. Esta se propaga de maneira rápida e por várias fontes – rádio, TV, jornais, revistas, Internet –, mas de maneira condensada e direcionada para a concretização de ideologias; o conhecimento, por seu lado, se reduz ao utilitarismo e serve ao poder de grupos que dominam o mercado. A universidade

perde força política, identidade e vive a dualidade entre a servidão mercadológica e a formação de um sujeito consciente de sua cidadania e do seu papel como ser social.

Iniciamos o segundo capítulo a partir de outro aspecto: a Internet, como é vista e como se apresenta diante do estudante universitário. Esta é a principal das novas tecnologias de informação e comunicação que surgiram a partir da década de 60 e que tiveram seu ápice na década de 90. Para muitos, a Internet é responsável pela “aceleração” das mudanças; para outros, permite a comunicação de muitos com muitos em qualquer momento. O certo é que este tipo de espaço para a comunicação se espalha pelo mundo e é neste ambiente que grande parcela da sociedade gasta horas nas mais variadas atividades, navegando muito mais por encantamento que em busca de conhecimento. A Internet, criada para ser fonte de conhecimento compartilhado por grupos de pesquisa, configura-se como um instrumento de propagação da cultura de massa; a visão crítica do conhecimento tem seu espaço, porém há uma luta desleal diante de grupos que dominam a rede, que, na maioria dos casos, reproduzem informações banais. Para chegar a algum conhecimento na rede, precisamos encontrar o caminho, muitas vezes precisamos de um professor como mediador.

Diante desse cenário, surgem os *blogs* marcando presença nesse meio de comunicação, que passa a ser avaliado como possibilidade de transmissão de conhecimento dos mais variados tipos. No terceiro capítulo, são avaliados estes espaços que permitem a comunicação partilhada entre comunidades. Seria uma maneira barata de expressar emoções, segredos, manias, hábitos, taras, intimidades das mais variadas tipologias; por outro lado, alguns internautas utilizam este espaço para “fazer jornalismo”, ou seja, pequenas expressões de ineditismo têm atribuído ao blogueiro o cunho de “jornalista”, e apontado este meio de comunicação como possibilidade de substituição às atuais mídias.

Neste trabalho, analisamos a Internet, a universidade, o “ser” universitário e os *blogs* produzidos por alunos. Ora presas a uma instituição, ora resultado de vontade própria, suas produções transmitem um tipo de saber universitário. Nossas reflexões se estenderam sobre a formação universitária e a cultura eletrônica. Por que *blogs* universitários? A Internet não pode ser separada da vida universitária: os alunos são constantemente direcionados a este espaço para pesquisas, para compras de livros específicos, para atualizar-se, enfim, grande parcela dos universitários encontra, neste ambiente, facilidades para o ambiente estudantil.

Os *blogs* apareceram, então, como continuidade da vida universitária e de uma nova vida criada na rede, cuja identidade apresentada nem sempre pode ser considerada real, assim como muitas das informações contidas nestes espaços.

Analizamos alguns tipos de *blogs*, divididos em algumas categorias, e confrontamos a questão do saber diante da cultura de massa. Ainda neste capítulo, são demonstradas iniciativas de professores universitários, principalmente de Jornalismo e Comunicações, que fazem da escrituração em um *blog* a oportunidade de pôr em prática leituras mais críticas. Ressaltamos ainda a imaturidade da produção destes jovens que, em grande parte, fazem da universidade um espaço restrito ao tempo-aula, presos ao conhecimento restrito a sua formação profissional, retransmissores de um cotidiano entregue às ideologias e, na sua maioria, contribuem para a unificação do pensamento midiático dominante.

Não podemos dizer que vivemos numa “sociedade do conhecimento”, pois vivemos o empobrecimento dessa capacidade. Podemos dizer que muito do que se produz é resultado de um reduzidíssimo conhecimento, bastante direcionado e servindo, por vezes, a grandes corporações que financiam pesquisas. Nas IES, o corpo docente e o discente perderam qualidade: os professores são especialistas em sua área e os alunos acabam tendo um saber em doses homeopáticas, pois o tempo como universitário se restringe na atualidade e além dos muros da universidade não se exercitam os valores universitários.

Assim, a Internet, sonhada como um espaço onde todos os saberes se encontram, é mais um meio de divulgação e dominação de grupos específicos que mantém a ordem do capital, pois um *blog* estudantil, por melhor que seja, não consegue a repercussão alcançada por grandes provedores.

Há muito que pensar em termos de universidade e novas tecnologias, porém um ponto essencial é repensar a formação deste contingente que entra e sai a cada ano das IES como se nada tivesse acontecido. Onde está a força da universidade na formação humana para a melhoria do mundo em que vivemos? Muitos valores já foram perdidos, urge que resgatemos os princípios morais, a cidadania, a conscientização para ações que possam favorecer a evolução da humanidade. A universidade precisa do mercado, mas não pode tê-lo como única razão de sua existência.

2 UNIVERSIDADE, MODERNIDADE E CONHECIMENTO

“É por isso que é necessário romper com a lógica do capital se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente”.

Isteván Mészáros

A questão da formação universitária diante da cultura eletrônica deve ser analisada à luz da conformação da Educação Superior.

A universidade tem sido, na cultura ocidental, responsável pela produção do conhecimento técnico do homem sobre a natureza e da formação de sujeitos sociais através de intercâmbios de saberes. Idealizada como o ambiente em que se busca a verdade, ela tem se modificado ao longo da história.

Não cabe analisar toda esta trajetória, porém é importante saber o que ocorreu, principalmente nas últimas décadas, quando o modelo das instituições acadêmicas se modificou significativamente, acompanhando a nova estrutura do capital e do conhecimento. Para Goergen, “ao longo das últimas décadas foram sendo desenvolvidos vários modelos de instituições acadêmicas que se distinguiam uns dos outros pelo sentido mais ou menos prático que davam à sua atuação no interior da relação ciência e sociedade” (GOERGEN, 1998, p. 2).

A informação e o conhecimento têm valor exacerbado no mundo atual, de modo que possuí-los é estar à frente no mercado econômico. Por isso, nações soberanas lutam para antecipar tecnologias e dominar mercados. A universidade, neste cenário, desempenharia o papel de agente facilitador da produção do conhecimento tecnológico. Porém, o que presenciamos não é bem isso: temos uma universidade que, em sua maioria, se tornou um centro comercial, no qual predomina uma formação superficial.

Este modelo de ensino superior torna a educação mercantilista, produzindo um conhecimento utilitário e especializado, distanciado da formação do ser social e provocando o saudosismo daqueles que crêem na essência criadora deste ambiente. Dias Sobrinho aponta que a universidade viveu muitos conflitos históricos, com maior ou menor intensidade, e que esta não pode ficar presa ao passado e muito menos preservar privilégios das elites sociais do passado.

A clássica função de conhecimento geral, preservação da cultura e da erudição, da formação do pensamento reflexivo, de transcendência civilizacional da universidade se depara agora com as tendências da fragmentação, da rapidez, da utilidade ou do valor econômico, da aplicabilidade, do instrumental e organizacional. Como manterá

idéia de universalidade perante as demandas de curto prazo da formação técnica e profissional, das necessidades de especialização e das divisões do trabalho, do pragmatismo das pesquisas micro-orientadas, do utilitarismo e do particularismo da produção e do consumo de conhecimentos? (DIAS SOBRINHO, 2005, p.33)

Toda reforma traz contradições, adeptos e críticos. Porém, uma vantagem nas mudanças da Educação Superior ocorridas nas últimas décadas do século XX foi a possibilidade da democratização do acesso, ainda que com grande distanciamento do pensamento reflexivo.

Desde a década de oitenta, os países capitalistas vêm modificando o sistema educacional. No Brasil, a retração financeira do Estado atinge várias áreas. Com relação à educação, o Estado redireciona o financiamento do ensino, trazendo para o campo da educação princípios empresariais, como a livre concorrência, o lucro e a competitividade. O gráfico abaixo demonstra esse crescimento, resposta às exigências de mercado, pois com o crescimento da população havia necessidade de mais vagas. A educação passa a ser vista por empresários como um “negócio” rentável.

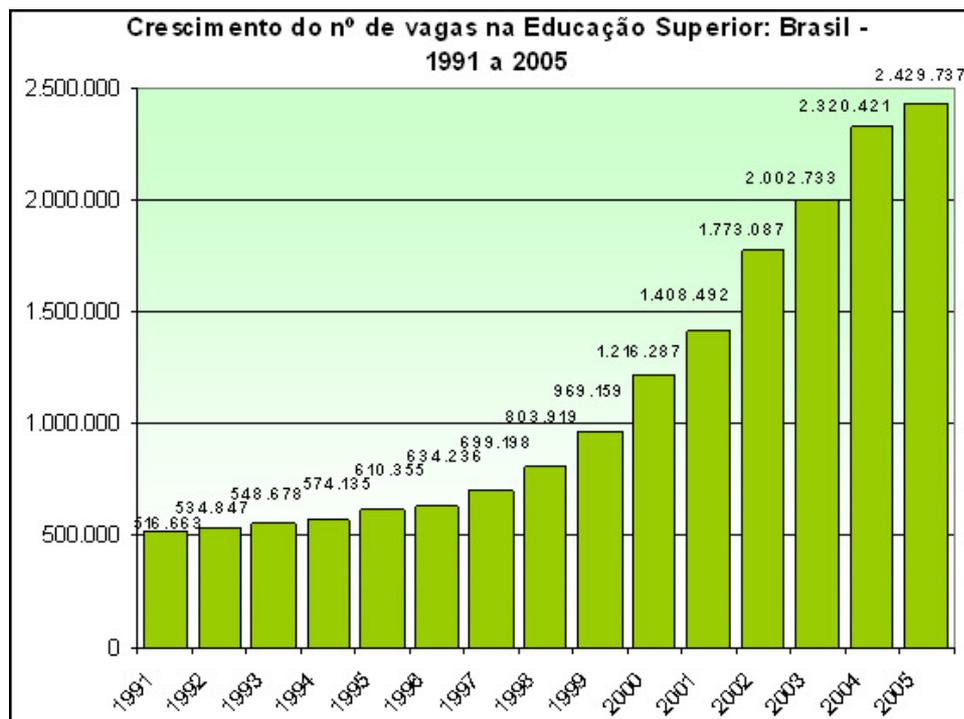


Figura 1- Crescimento do nº de vagas na Educação Superior: Brasil – 1991 a 2005

De acordo com as estatísticas do Censo da Educação Superior, o número de vagas nas IES brasileiras cresceu de 516.663, em 1991, para 2.429.737, no ano de 2005, um aumento de 470%. É interessante ainda notar que os maiores índices de crescimento foram registrados a partir do ano de 1999, justamente quando as diretrizes da LDB (publicada em dezembro de 1996) começaram a surtir efeito; e, depois, em 2002 a 2004, anos em que houve um acréscimo de mais de 300 mil vagas oferecidas na Educação Superior do país. (INEP, 2007)

Os números mostram os dados a partir de 1991, quando se manifesta plenamente o novo perfil da Educação Superior. Entre os fatos que aceleraram este processo estão algumas medidas tomadas pelo Governo, na década de 1990, como a redução dos gastos federais com universidades, atendendo orientações do Banco Mundial. Esta política foi eficaz: entre os anos de 1990 e 1995, foram reconhecidas 18 novas universidades. Em 1998, um documento da OMC insinuava que a educação, em particular a Educação Superior, pode ser tratada como serviço comercial regulado pela OMC. Este novo documento reforçando essa prática dará mais vigor à visão de que o conhecimento é um bem que pode ser pago.

No processo de privatização da Educação Superior, dois fatores se destacam: por um lado, verificou-se o aumento do número de instituições privadas de serviços educacionais, servindo à lógica do mercado e à ampliação de uma atividade econômica; por outro, assistiu-se (e ainda se assiste) à luta das instituições que recebem financiamento público na busca por se manter e se preservar diante de imposições mercadológicas (DIAS SOBRINHO, 2002, p. 166).

Das IES, hoje, 89,3% são privadas, atendendo a demanda do mercado. Sobre esse aumento, Sguissardi defende a idéia de que estas são notadamente de cunho lucrativo – aumentaram em quantidade, mas não em qualidade – e que se vive um dilema na universidade e na IES em função do que é público e do que é privado:

Um simples olhar panorâmico sobre a expansão quantitativa de instituições privadas, notadamente com fins lucrativos (*for profit*), e das matrículas nessas instituições, assim como sobre a lenta mas firme redução dos investimentos estatais nas universidades públicas, com relação ao PIB, de uma amostra aleatória de países ricos e pobres, fornecerá provas contundentes de que a universidade e, por extensão, a Educação Superior estão passando por profundas mudanças, de que esse dilema – *público* ou *privado/mercantil* – ocupa lugar central.

No caso do Brasil, a multiplicação das instituições de ensino superior privadas, em especial com fins lucrativos, foi extraordinária nos anos recentes, elevando-se seu número a cerca de 90% do total. As matrículas em instituições privadas já beiram os 80%, com evidente potencial de crescimento. Em contrapartida, mais de 90% da pesquisa produzida no país – mormente a básica –, mais de 80% dos mestres e 90% dos doutores titulados são frutos do investimento público e da atividade científico-acadêmica das universidades públicas (federais e estaduais, entre estas se destacando as estaduais paulistas). (SGUISSARDI, 2005. p.3)

Ponto a destacar em Sguissardi é a questão da pesquisa: a maioria dos mestres e doutores vem de universidades públicas, o que é bastante preocupante quando se pensa em produção de conhecimento, pois isso demonstra um número reduzido de pesquisas e produção do conhecimento, além do que pesquisa não produz lucro imediato, logo não interessa às instituições com fins lucrativos.

Neste período de transformações na educação brasileira, é importante frisar a participação de instituições internacionais, como o Banco Mundial, as quais intervêm na questão dos financiamentos relativos à Educação Superior. O Estado redireciona seus investimentos e gastos com a educação e amplia seu poder fiscalizador cobrando das instituições mais eficiência. José Dias Sobrinho analisa o momento:

Papel de grande importância têm, nessas reformas, os organismos internacionais de caráter econômico, financeiro e ideológico; no caso brasileiro (isso também de grande evidência na Argentina), o conjunto de agências conhecidas como Banco Mundial. O primeiro aspecto importante dessa intervenção consiste na questão dos *financiamentos* relativos à Educação Superior. A recomendação é de que haja uma cobrança generalizada e a busca de diversificação de fontes, adotando-se complementarmente alguns mecanismos de apoio, como bolsas, empréstimos e desoneração fiscal. O critério central é o de retorno econômico. Por isso, o governo, em sua missão avaliadora, deve imbuir-se do espírito controlador e planejador. (2002, p.167)

A orientação do Banco Mundial modifica a idéia do que é um bem público e do que é um bem privado. A universidade pública da década de 50 não existe mais, o conceito de parcerias é introduzido na educação e hoje encontramos universidades públicas cobrando por cursos e universidades particulares oferecendo bolsas de estudos aos necessitados, o PROUNI, o sistema de cotas para índios e afro descendentes.

Temos um Estado que não assegura os direitos básicos, como saúde e educação, aos cidadãos e que privatiza esses serviços que antes eram públicos, negando a cidadania. A Educação Superior tem sido tratada como bem privado, gerando lucros às empresas de educação. Muitos países centrais e periféricos mantêm uma política de Educação Superior que prioriza a redução permanente do financiamento estatal por meio do congelamento salarial, redução dos direitos trabalhistas, a inserção dos contratos de trabalho precários, além da diversificação de fontes de financiamento, através de parcerias com grandes empresas que financiam determinadas pesquisas, na lógica da competitividade. Outras maneiras de buscar recursos complementares na iniciativa privada é a cobrança de taxas e matrículas para alguns cursos e serviços educacionais públicos.

Os dados do Cadastro de Educação Superior, atualizados para 2007, revelam a existência no Brasil de 2398 Instituições de Educação Superior (IES) com autorização de funcionamento. Deste total, 89,3% (2141) são privadas. Entre as públicas, 4,4% (105) são Federais, 3,8% (92) Estaduais e 2,5% (60) Municipais. As informações atualizadas do Cadastro de Educação Superior demonstram que do total de 2398 IES existentes no país, 84,9% (2036) são faculdades. Já as universidades são 177 (7,4%) e os centros universitários 185 (7,7%). Universidades e centros universitários seriam os ambientes universitários mais

propícios ao ensino e a pesquisa, porém essa produção do conhecimento é muito restrita diante do comércio educacional.

No Brasil, a maioria das instituições de ensino superior são particulares. Existem empresas educacionais, de cunho mercantilista, que buscam o lucro – estão imersas num mercado no qual a qualidade dos serviços prestados faz da educação um negócio; por outro lado, existem instituições privadas, de cunho comunitário ou confessional, que resistem, em parte, ao apelo do mercado e tentam preservar o sentido social e político de sua atividade; temos ainda um terceiro tipo, as universidades públicas que buscam preservar os valores da educação e do conhecimento, mas mesmo essas não conseguem fugir de interferências do mercado. (DIAS SOBRINHO, 2002, p.170)

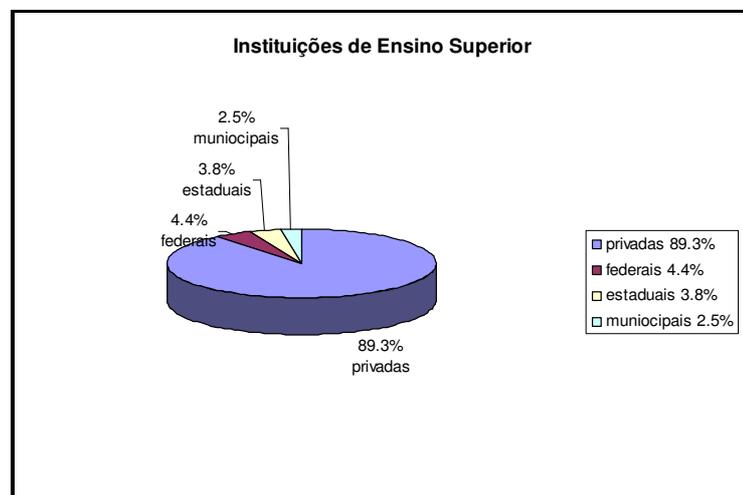


Figura 2 – Instituições de Ensino Superior

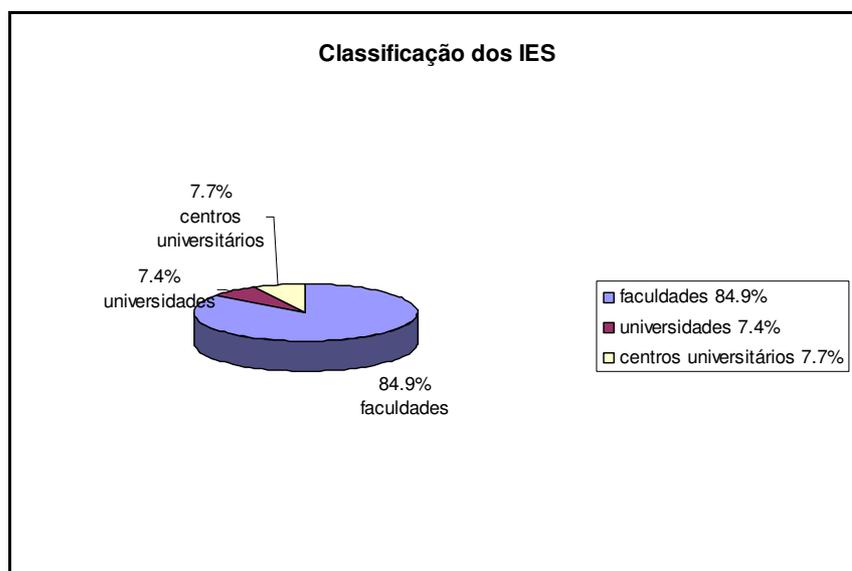


Figura 3 - Classificação das IES

No que diz respeito ao ensino privado no Brasil, é possível separá-lo em duas categorias: universidades comunitárias e instituições do tipo empresarial. Segundo Bittar (2000), o movimento de universidades que pleiteava a forma *comunitária* acompanhou o período compreendido entre as décadas de 80 e 90, quando se articulava a elaboração de uma nova Constituição brasileira e o setor privado de ensino superior atingia o auge. Assim, depois de uma série de debates, congressos, articulações políticas, surgiram no Brasil as “universidades comunitárias”, as quais podem ser comunitárias confessionais e comunitárias não-confessionais.

No site do MEC é possível observar esta classificação de pública e privada:

Tipos de instituição de Educação Superior

As instituições de Educação Superior brasileiras estão organizadas sob as seguintes categorias administrativas (ou formas de natureza jurídica):

- Públicas
- Privadas

Públicas

São instituições criadas ou incorporadas, mantidas e administradas pelo Poder Público. Podem ser:

- Federais - mantidas e administradas pelo Governo Federal;
- Estaduais - mantidas e administradas pelos governos dos estados;
- Municipais - mantidas e administradas pelo poder público municipal.

Privadas

São as mantidas e administradas por pessoas físicas ou jurídicas de direito privado. Podem se organizar como:

- **Instituições privadas com fins lucrativos ou Particulares em sentido estrito** - instituídas e mantidas por uma ou mais pessoas físicas ou jurídicas de direito privado.

- **Instituições privadas sem fins lucrativos, que podem ser:**

Comunitárias - instituídas por grupos de pessoas físicas ou por uma ou mais pessoas jurídicas, inclusive cooperativas de professores e alunos que incluam, na sua entidade mantenedora, representantes da comunidade;

Confessionais - instituídas por grupos de pessoas físicas ou por uma ou mais pessoas jurídicas que atendam à orientação confessional e ideológica específicas;

Filantrópicas - são as instituições de educação ou de assistência social que prestem os serviços para os quais foram instituídas e os coloquem à disposição da população em geral, em caráter complementar às atividades do Estado, sem qualquer remuneração. (BRASIL, 2007)

A maioria das universidades comunitárias iniciou suas atividades nas décadas de 30 a 60. Na década de 70, foram criadas apenas cinco e não há registro de nenhuma nas décadas de 80 e 90. A PUCRS, por exemplo, começa suas atividades na década de 30 e é reconhecida como universidade comunitária na década de 40; a UNISO inicia suas atividades na década de 50 sendo reconhecida na década de 90 (BITTAR, 2000).

É importante frisar a preocupação com a qualidade do ensino e do profissional formado. Com tanta oferta de cursos, o que dizer da mão-de-obra que a todo ano se espalha pelo país, fruto do Ensino Superior atual, em muitos casos, tem trabalhado em função da

formação da força de trabalho. Dados do INEP sinalizam que existem atualmente 177 Universidades num país que precisa se firmar diante da economia mundial.

Em muitos casos, a universidade é lenta demais para o ritmo do mundo empresarial que prefere optar pela compra de pacotes tecnológicos prontos que têm aplicações imediatas. O produto das pesquisas acadêmicas, oferecido de forma bruta desde o ponto de vista de sua aplicação prática, não tem condições de ser absorvido pelo sistema produtivo. Isto gera uma grande frustração, sobretudo naqueles setores acadêmicos que alimentam a esperança da produção de ciência e tecnologia nacionais. Reclama-se do desinteresse das empresas pelo investimento na área de ciência e tecnologia, mas ignora-se os fatores custo (importar tecnologia pronta é muitas vezes mais barato) e tempo. Na realidade, trata-se de uma situação perversa uma vez que a mesma sociedade, a maior interessada na produção de ciência e tecnologia nacionais, exige, como consumidora, produtos de última geração que só podem ser obtidos ou pela importação direta dos produtos ou pela compra rápida do *know-how* técnico-científico para produzi-los. (GOERGEN, 1998, p.12)

Como produzir conhecimento tecnológico, por exemplo, se o espaço para este saber se torna cada dia mais restrito, uma vez que a maioria das pesquisas vem de universidades públicas? A inserção do capital empresarial junto a estes centros de produção não possui bases fortes, pois a universidade teme por sua autonomia e, além disso, o pesquisador tem de lidar com um tempo reduzido, pois alguns conhecimentos têm data marcada.

Marilena Chauí aponta outro dado: a questão da limitação do saber na universidade, principalmente a particular. Por conta da especificidade e da utilidade exigida pelo mercado, se reduz e se filtra o conhecimento, de tal forma que as IES limitam o saber a pontos específicos, formando “especialistas” com pouquíssima cultura geral. Há cursos com carga horária reduzida e conhecimentos limitados ao fim específico de formação da força de trabalho.

Quando se alega que a universidade não treina mão-de-obra, pois quem o faz realmente é a empresa, imagina-se implicitamente que, para possuir verdadeira função econômica, a universidade deveria formar até o fim a força de trabalho intelectual, coisa que ela não é capaz de fazer. Com isso, perde-se o nervo da questão, ou seja, o modo peculiar de articulação entre o econômico e o político: *a universidade, exatamente como a empresa, está encarregada de produzir incompetentes sociais, presas fáceis da dominação e da rede de autoridades.* A universidade adentra sim, como a empresa também o faz. O fato de que a formação universitária possa ser encurtada e simplificada e que a empresa possa “qualificar” em algumas horas ou em alguns dias prova simplesmente que quanto mais cresce o acervo cultural e tecnológico, assim como o próprio saber, *tanto menos se deve ensinar e tanto menos se deve aprender.* Já que, do contrário, a universidade, em particular, e a educação, em geral, ofereceriam aos sujeitos sociais algumas condições de controle de seu trabalho, algum poder de decisão e de veto, e alguma concreticidade à reivindicação de participação (seja no processo educativo seja no processo de trabalho). Ignorar que adestramento e treinamento, só porque nem sempre equilibram oferta e procura no mercado de empregos, são procedimentos econômicos e políticos destinados à exploração e à dominação é ignorar o novo papel destinado ao trabalho universitário. (CHAUÍ, 2001, p.55-56)

O grande desgaste, segundo Chauí, é que a universidade acaba sendo um local de alienação, de adestramento, abdicando de formar sujeitos sociais com poder e participação política. Horas reduzidas de estudo, tempo limitado de permanência no campus e cursos de menor duração limitados ao cumprimento de um currículo mínimo são as exigências de um contingente elevado de universitários que, infelizmente, vêm na universidade um espaço onde se busca apenas a qualificação profissional, entendida como maior empregabilidade.

O aumento da competitividade faz com que a Educação Superior se direcione para o desenvolvimento das “competências” necessárias para o mundo do trabalho. O utilitarismo, a racionalidade e a lógica do mercado e o lucro, elementos do mundo da produção, se expandem para outras esferas sociais. Este utilitarismo está presente principalmente nos IES particulares, cuja função é preparar o mais rápido possível um contingente empregável e pouco reflexivo.

Para compor o perfil de universidade/universitário atual, não se pode deixar de mencionar a participação do Estado. No que concerne à manutenção destas universidades – públicas ou privadas –, existem perfis reguladores. Silva Jr. e Sguissardi (1999) apontam que os recursos para o setor privado vêm das anuidades e eventualmente do Estado, de acordo com o sistema de avaliação oficial; o setor comunitário segue o padrão do particular e o setor estatal com recursos do Estado, de anuidades e com gradativa participação do mercado. Este modelo administrativo aproxima as IES de empresas prestadoras de serviço, atingindo a própria perspectiva política de formação de gerações futuras de educadores. Conforme Rocha e Rocha:

É justamente essa diferenciação de regimes de funcionamento institucional, de estruturação e modos de gestão das universidades e unidades de ensino superior, estabelecendo precários planos de carreira, baixo ganho salarial e adicionais de salário e dissolução dos laços entre ensino, pesquisa e extensão, que vem facultando o enfraquecimento das resistências, da unificação das lutas no movimento docente e da pauta de reivindicações pela democratização e qualidade da Educação Superior. A multiplicação de dispositivos nacionais e locais que fazem convergir o funcionamento das instituições para a nova racionalidade atinge a identidade universitária, ou seja, o sentido de produção de conhecimento enquanto potência de reflexão crítica sobre a sociedade, enfatizando o conhecimento tecnocrático, a elaboração de dados e informações para o mercado. Isso significa que a liberação de recursos pela administração universitária e pelos órgãos de fomento à pesquisa para a implementação das atividades acadêmicas, para o desenvolvimento dos programas de pós-graduação e para a formação docente vem sendo condicionada pelos novos parâmetros avaliativos. (ROCHA, M; ROCHA, D; 2004)

Rocha e Rocha reforçam a idéia da perda da identidade universitária, uma vez que a reflexão crítica e a produção do conhecimento acabam em segundo plano. O que predomina é

a informação para o mercado e um conhecimento tecnocrático. Toda esta situação, aliada às questões já citadas irão repercutir na formação universitária atual.

Os modos de gestão das universidades têm de ser fiscalizados de alguma maneira porque os problemas apresentados por Rocha e Rocha resultam numa Educação Superior de péssima qualidade, professores despreparados e desmotivados aliados a um conhecimento restrito e tecnocrático. Por conta destes apontamentos e das mudanças na Educação Superior, o Governo criou mecanismos para fiscalizar a “qualidade” da mão-de-obra produzida nas universidades, como o SINAES – Sistema nacional de avaliação do ensino superior – que engloba a avaliação das condições de ensino, a avaliação institucional e o Exame nacional - o ENADE.

Na avaliação das condições de ensino, o MEC reconhece ou renova cursos de graduação; na avaliação institucional verificam-se as condições gerais do funcionamento dos estabelecimentos de ES. Por meio do ENADE, avalia-se o desempenho dos estudantes em relação aos conteúdos programáticos previstos nas diretrizes curriculares do respectivo curso de graduação, suas habilidades para ajustamento às exigências decorrentes da evolução do conhecimento e suas competências para compreender temas exteriores ao âmbito específico de sua profissão, ligados à realidade brasileira e mundial e a outras áreas do conhecimento.

Criado pela Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004, o **Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes)** é formado por três componentes principais: a avaliação das instituições, dos cursos e do desempenho dos estudantes. O **Sinaes** avalia todos os aspectos que giram em torno desses três eixos: o ensino, a pesquisa, a extensão, a responsabilidade social, o desempenho dos alunos, a gestão da instituição, o corpo docente, as instalações e vários outros aspectos. Ele possui uma série de instrumentos complementares: auto-avaliação, avaliação externa, **Enade, Avaliação dos cursos de graduação** e instrumentos de informação (censo e cadastro). Os resultados das avaliações possibilitam traçar um panorama da qualidade dos cursos e instituições de Educação Superior no País. Os processos avaliativos são coordenados e supervisionados pela **Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior (Conaes)**. A operacionalização é de responsabilidade do **Inep**. As informações obtidas com o **Sinaes** são utilizadas pelas IES, para orientação da sua eficácia institucional e efetividade acadêmica e social; pelos órgãos governamentais para orientar políticas públicas e pelos estudantes, pais de alunos, instituições acadêmicas e público em geral, para orientar suas decisões quanto à realidade dos cursos e das instituições. (BRASIL, 2007)

A cada dia se perdem mais e mais valores éticos e morais na educação brasileira, tudo em troca do lucro, da qualidade total, de números demonstrativos. Mestres e doutores são questionados no que tange à quantidade de trabalhos publicados, às orientações, às citações de sua produção, a sua participação em congressos, enfim, a academia é avaliada pela quantidade não pela qualidade.

Em meio à postulada democratização de ensino superior, existe o cerceamento, via Estado, que vem a partir da cultura da avaliação (Rocha, M; Rocha, D). O SINAES, que julgará se a instituição está de acordo com o “mercado”, ou seja, uma avaliação eficientista com função controladora e com uso de indicadores quantitativos como: número de graduados, quantidade de professores pós-graduados e de cursos de pós-graduação oferecidos, proporção de professores em relação aos alunos e servidores técnicos e administrativos, custo do aluno, número da produção científica, quantidade de convênios, de livros, computadores, entre outros. Neste sistema, há um tempo para se adequar ao modelo de IES proposto, é claro, e muito “justo”, no momento em que estão em jogo os interesses econômicos da minoria que detém o poder, neste caso, grandes empresários do setor educacional conseguem uma mudança, ajustam-se as regras; enquanto os pequenos – faculdades de menor projeção ou grupos isolados – podem pagar o preço com o fechamento de seu “comércio”. Muitas vezes extingue-se um curso, mas a faculdade continua a existir sem muita preocupação, uma vez que não são tomadas atitudes por parte do Governo para resgatar a qualidade da Educação.

Atualmente, há uma diminuição da participação do Governo no cotidiano das IES, porém há maior controle sobre os resultados ou produtos que se apresentam. O Estado assegura que a educação seja eficiente à economia capitalista, buscando a excelência na formação profissional. Assim, os mecanismos de avaliação do Estado serviriam como controle de qualidade do produto, através de descrições quantitativas da infra-estrutura e desses produtos. Em alguns casos, essa política não assegura a construção da qualidade, por exemplo, pois se perdem critérios acadêmicos, científicos e de relevância social, uma vez que no mercado educacional muitas vagas são abertas e algumas instituições acabam comercializando um diploma.

São formas de vigilância e de punição impostas por uma política governamental na qual o ensino deixa de ser compreendido como direito social ou bem público, para ser visto como negócio regido por critérios empresariais, tais como eficiência, excelência, competitividade. Para que a educação não se afaste totalmente dos princípios morais da sociedade, o Estado se encarrega de algumas ações, como as já citadas anteriormente, as quais são resultantes de um mercado educacional parceiro de um sistema neoliberal.

Nesta briga de números, espalha-se pelo país uma onda de novos cursos, rápidos e consoantes com as exigências no campo profissional, como, por exemplo, os cursos de gestão de duração em torno de dois anos, o suficiente para oferecer diploma universitário a trabalhadores que lutam por uma melhoria profissional ou respondem a uma exigência da empresa. A necessidade de mão-de-obra especializada em novos campos de ação garante o

status universitário a cursos anteriormente ministrados em instituições como o SENAC e o SENAI (DIAS SOBRINHO, 2002, p.178). Segundo Chauí,

Desvinculando educação e saber, a reforma da universidade revela que sua tarefa não é transmitir a cultura (dominante ou não, pouco importa), mas treinar os indivíduos a fim de que sejam produtivos para quem for contratá-los. A universidade adentra mão-de-obra e fornece força-de-trabalho. (CHAUÍ, 2001, p.52)

Além disso, percebe-se uma grande crise na universidade pública (falta de recursos, desestimulada, decadente em muitos casos) e o desestímulo ao desenvolvimento nacional da ciência e da tecnologia. Estudo de Silva Júnior e Sguissardi sobre as novas faces do Ensino Superior no Brasil apresenta fatos para reflexão sobre as relações do capital com as forças produtivas, assim como as novas funções da sociedade civil e os novos papéis do Estado:

O conhecido processo de liberalização econômica, proposto a países como o Brasil por organismos multilaterais (FMI, BIRD, Banco Mundial e outros), que significa a busca de equilíbrio orçamentário via redução de gastos públicos no setor de serviços, abertura comercial, liberalização financeira (com livre acesso de capital estrangeiro), desregulamentação e liberação dos mercados domésticos, privatização das empresas e dos serviços públicos, entre eles a educação e saúde;

O combate cerrado ao atual modelo universitário (...), adoção de diretrizes e propostas que conduziram à máxima diferenciação institucional das quase 1000 instituições de Ensino Superior (IES) existentes no país, 80% das quais privadas, e uma distinção há muito tempo defendida, entre universidade de pesquisa (centros de excelência) e universidades (ou instituições isoladas) de ensino;

As persistentes campanhas, junto aos órgãos de comunicação social, de desqualificação, em geral, dos serviços públicos e, em particular, da Educação Superior pública, e valorização dos serviços privados, inclusive das potencialidades da Educação Superior privada. (SILVA Jr.; SGUISSARDI, 1999, p. 93 e 94)

Quanto à organização do Estado e da economia, as mudanças propostas pelo Banco Mundial, FMI, BIRD, vão transformar a educação e saúde em nichos mercadológicos. A privatização destes serviços sociais pode ser vista como uma opção de escolha, para as elites, ou como descaso com os menos abastados.

Devemos repensar o modelo de universidade que se propaga. Hoje a maioria das pesquisas ocorre em universidades públicas que dispõem de algum tipo de ajuda do governo: bolsa para mestrado e doutorado, programas de iniciação científica. Mesmo assim, comparados a outros países os números da produção intelectual brasileira são insignificantes. Se há uma maioria de universidades particulares cujos pesquisadores sofrem para desenvolver seus projetos, estas deveriam articular cada vez mais a interação entre instituições para o desenvolvimento de pesquisas em todas as áreas do conhecimento. Prioriza-se a tecnologia e se esquece a formação humana necessária ao estabelecimento de uma sociedade democrática.

Importante frisar, com Silva Jr., a questão da ideologia, tão presente em nossa sociedade, que faz valer a máxima de que “o que é público não presta”. Desta ideologia

resulta a alienação da população quanto ao descaso do governo para com suas universidades e professores, de modo que a tendência é a de submissão às expectativas de uma política que tenta ser menos colaboradora com os serviços educacionais públicos. O discurso da mídia sobre o INSS é o discurso que ocorre sobre a educação pública, ou seja, o de que o INSS é uma instituição falida, portanto, que se faça poupança privada para garantir a velhice. Com relação à Educação Superior, a mídia faz o mesmo trabalho.

Ao contrário do que se pensa, as universidades públicas são excelentes centros universitários, formam as cabeças pensantes, as forças políticas de uma época. Porém, a maioria da população não questiona a questão, não há manifestação em prol da educação de qualidade, gratuita e para todos. O senso comum de que o Estado é uma instituição falida acaba dominando. A indústria cultural se encarrega desta massificação do pensamento. Adorno escreve que o “Pato Donald mostra nos desenhos animados como os infelizes são espancados na realidade, para que os espectadores se habituem com o procedimento.” (ADORNO, 2002, p. 35). Assim, o direito a educação para todos fica no papel, em dados que apontam o progresso da educação em números, porém omite a qualidade da mesma.

Para que todo esse sistema consiga se manter, a força do consumismo explora a sociedade. Somos vítimas dum processo contínuo de consumo, em todos os sentidos; temos de gastar, trocar, descartar e, conseqüentemente, poluir. Todas as coisas têm valor momentâneo, até mesmo os sentimentos humanos se perdem. Cidadania e solidariedade passaram a ser medidos por índices do mercado.

As certificações ficaram comuns na sociedade atual e a cada certificação da empresa, novos mercados são abertos. Está em construção a ISO 26000, uma idéia da década de 40, aprimorada na atualidade por vários órgãos, inclusive um brasileiro – o Instituto Ethos –, os quais lançarão em 2008 as bases para esta certificação, a de Responsabilidade Social, ou seja, o que a minha empresa faz para o mundo para a sociedade em que eu vivo.

O Grupo de Trabalho Ethos para a ISO 26000, coordenado pelo Ethos e UniEthos, tem por objetivo "contribuir com a capacitação das empresas associadas ao Instituto Ethos nos temas emergentes do processo de elaboração da norma de responsabilidade social - ISO 26000 e possibilitar aos participantes uma visão das tendências do movimento da responsabilidade social no mundo, bem como construir um espaço de troca e aprendizagem que contribua para os posicionamentos do Ethos/Uniethos frente à norma". As empresas participantes do GT Ethos – ISO 26000 participam de plenárias e oficinas de aprendizagem para acompanhamento das deliberações internacionais da ISO e capacitação nos temas tratados no processo de construção da norma ISO 26000. As empresas também têm acesso aos principais documentos e materiais referentes à futura norma, por meio de uma Plataforma Virtual exclusiva do Grupo e de boletins eletrônicos periódicos desenvolvidos especialmente para o Grupo. (GRUPO ETHOS, 2006)

Hoje, solidariedade passou a ter um novo perfil: está na empresa através de mecanismos mensuráveis e registrados para a melhoria da comunidade e do planeta e está no currículo do empregado, uma vez que o empregador priorizaria, ao contratar, aqueles que praticam, participam de movimentos sociais. Ser solidário possibilita a inserção no mercado de trabalho. Este frágil exercício de cidadania é estimulado pela mídia, que reforça a dor a favor de doações: ficamos emocionados com a seca no nordeste, com a chuva no sul, com crianças abandonadas, com velhinhos esquecidos. Doamos o que não nos fará falta e acreditamos ter feito muito. Porém, são poucos os que levam um idoso para casa ou preparam o jovem para envelhecer; que adotam uma criança ou educam homens e mulheres para a diminuição da taxa de natalidade; que escolhem conscientemente seus representantes no congresso; que protegem o planeta contra a degradação; que olham além do seu próprio ser; que cobram uma distribuição mais justa da renda, enfim, damos esmolas e pagamos à prestação um pedágio para a moralidade, para uma vida supostamente mais digna, mais justa.

Fica difícil fugir destes gestos momentâneos de falsa solidariedade ou da exploração mercadológica. A cada segundo, somos seduzidos por mensagens veiculadas por revistas, jornais, televisão, Internet, rádio, outdoors. Há um constante foco no ser, no individualismo, no consumismo e na ausência de reflexão. Compramos, descartamos, doamos, como marionetes. E, pior de tudo, idade ou grau de instrução não podem ser fator condicionante: em todas as idades ou formação somos julgados pelo que possuímos. A ideologia do consumismo penetra os muros da universidade, e profissões são criadas para dar sustentação à prática. Propaganda e marketing é um curso muito procurado. Garante empregabilidade porque na atualidade visibilidade é tudo.

Assim, qualidade da educação fica reduzida ao conceito de eficiência, presa somente às questões econômicas ou ao avanço da tecnologia, quando deveria estar ligada ao desenvolvimento humano de uma sociedade, segundo valores universais como justiça, democracia, liberdade, solidariedade.

2.1 Conhecimento ou competência na universidade?

Diante desta situação histórica que privilegia o ensino particular, que favorece o imediatismo, o domínio do pensamento utilitarista, a economia de saberes eruditos e, acima de tudo, o capital, o conhecimento transforma-se em mercadoria, quem o possui terá maior poder: “a educação é cada vez mais canalizada para o desenvolvimento das competências necessárias para o mundo do trabalho e não para a reflexão”. (GOERGEN, 1998, p.10). Nações que produzem conhecimentos novos possuem maior poder econômico.

O saber, o conhecimento sempre acompanhou a humanidade. A literatura retrata estas passagens em diversos momentos. Em *O Nome da Rosa*, de Umberto Eco, o conhecimento é coisa do mal, do demônio que se “personifica” em mortes horrendas, carregadas de misticismo; os monges mortos eram aqueles que recorriam ao livro proibido. Em *O Ateneu*, o encontro do conhecimento vem carregado de luta e simbologia; a introdução de um filho ao caminho do saber é uma marca cultural: “Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta”, ouviria Sérgio de seu pai no momento mesmo em que dava entrada ao internato para iniciar seus estudos formais (Pompéia, 2001:13). E que dizer de Madalena, personagem do romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, que não se contenta em ensinar simplesmente a ler e escrever, mas começa a introduzir pensamentos reflexivos na vida dos trabalhadores da fazenda de seu marido. E os Josés Dias, personagem comum nos romances brasileiros, a figura que possui alguma qualidade para ensinar os filhos dos senhores, professores que trabalham em troca de comida, de casa, que participam da vida familiar, porém vivem de favores.

Entre José Dias e Madalena temos duas visões diferentes do saber: o informacional e o reflexivo. José Dias ensinava a ler e escrever o necessário; Madalena, ler, escrever e a exigir mudanças.

Importante neste momento é analisar a questão do que é informação e o que é conhecimento. É bom lembrar que a humanidade sempre lutou por espaços territoriais, pela exploração de matéria-prima e da força do trabalho. Agora compete também pelo domínio do conhecimento científico e tecnológico, representado pelo acúmulo, armazenamento e disponibilização das informações por meio de redes de telecomunicações. Este passou a ser o fator diferencial entre os países desenvolvidos e os em desenvolvimento.

As condições técnicas presentes na sociedade deveriam permitir a expansão do conhecimento a todos os sujeitos, porém o que se vê é que um número limitado de sujeitos manipula a informação, de acordo com seus interesses particulares, ou seja, a maioria da humanidade tem acesso a uma informação condensada, que ao invés de esclarecer, confunde (Santos, 2000).

A técnica, neste caso, é utilizada para que sujeitos recebam o mesmo conteúdo sem reflexão ou questionamento. As particularidades, como estilo de vida, visão de mundo, valores, ideologias são utilizadas por grupos para completar o processo de assimilação da informação, tudo é rigorosamente controlado. Por outro lado, as informações que geram dispersão, divertimento, lazer, são largamente exploradas. Toda a informação controlada ou divulgada tem um único caminho: produzir consumidores de produtos ou de ideologias. Dessa maneira, os grupos que dominam a sociedade controlam a informação e o conhecimento e, portanto, mantêm o domínio do capital.

A informação na sociedade atual vem com uma carga ideológica muito forte e o domínio das redes é significativo. Há algumas décadas, a Rede Globo direcionava os costumes, modos, notícias. Isso ainda é forte, porém a Internet tem agilizado outros mercados. A informação insignificante é uma grande marca da sociedade e mesmo com a chamada revolução informacional o poder não mudou de mãos, ou seja, existem grupos que dominam a informação e, principalmente, o conhecimento, na medida em que se beneficiam com a apropriação do desenvolvimento técnico-científico.

O papel da informação e do conhecimento nos atuais processos produtivos revelam que nem um e nem outro conduzem necessariamente à igualdade social, ou seja, as novas tecnologias de informação, embora representem avanços em diversas áreas, conduzem a formas inéditas de exclusão social. De um lado, o avanço da tecnologia, o desenvolvimento de recursos sofisticados em diversos campos, como o da comunicação, por exemplo; de outro, mais uma forma de disparidade: a exclusão da chamada “sociedade do conhecimento”. Vivemos num período caracterizado pela distância entre os que dominam as novas tecnologias e os que mal a compreendem ou até a desconhecem. No mundo atual, o capital mais importante de um país é o conhecimento, porém este depende de sujeitos para produzi-lo e remanejá-lo em todas as etapas da escolarização.

Britto analisa conhecimento e informação em relação à situação social do indivíduo, ou seja, a informação pode ser decodificada de diversas maneiras, gerando ou não um conhecimento, tudo em decorrência do contexto histórico e da maneira como o sujeito articula criticamente a informação.

Conhecimento não é informação e tampouco se caracteriza ou se mensura pela quantidade de informação disponível ou armazenada por algum sistema. Se é verdade que a capacidade de articular criticamente elementos do mundo elaborando conhecimento exige informação, já que não se constrói conhecimento a partir do nada, é verdade também que este só pode ser construído, porque o sujeito dispõe, dentro de determinado contexto histórico, de condições de manipulação intensa de informações (dados, fatos, teorias, interpretações) de diversos graus de complexidade. (BRITTO, 2001, p.77)

O conhecimento é delimitado por diversos fatores. Um deles é o círculo social, por exemplo. No caso específico do conhecimento científico, dependerá muito do ponto de vista de determinado grupo, da linha de pesquisa adotada e da finalidade da universidade. Como já citado anteriormente, o conhecimento científico luta contra o tempo, fator decisivo para o mercado econômico que quer a novidade, o imediatismo, uma vez que muitas pesquisas são bancadas por iniciativas privadas, as “parcerias” como são conhecidas.

Segundo Britto, a informação faz parte de uma escolha e de que relações este sujeito estabelece dentro da sociedade. São milhares de possibilidades a escolher e a amplitude desta informação depende do nível de interesse do fato para a sociedade. Britto classifica esta informação em diversos graus:

- ✓ A abrangência, isto é, a quem potencialmente interessa tomar conhecimento desta notícia;
- ✓ Sua densidade, isto é, em que nível a notícia se articula com a rede de saberes e práticas sociais, qual sua relevância político-social;
- ✓ A finalidade de sua divulgação, isto é, que efeitos pode causar, que conseqüências teria sobre a rede de saberes ou sobre a rede de representações político-sociais;
- ✓ Seu grau de impacto, isto é, quais os desdobramentos possíveis da informação no momento histórico em que é produzida;
- ✓ Seu ineditismo, isto é, o quanto a notícia é desconhecida do público a que é dirigida;
- ✓ Seu grau de veracidade, isto é, em que medida a informação é passível de verificação ou confirmação por testemunho. (2001, p. 79)

Se a informação está ligada ao nível de interesse do fato para a sociedade, então podemos ligar isso às questões que envolvem o consumo de notícias, de informações que formam opiniões, quase sempre articuladas não em benefício da população. No tópico anterior, fizemos uma análise da universidade e das mudanças ocorridas nas três últimas décadas. Neste ponto, quando tratamos da informação, urge fazer menção a mídia e de como esta influenciou na consolidação de um Estado que transformou em “serviço” alguns direitos públicos, entre eles, a Educação Superior. A indústria da informação, num trabalho constante, tem ajudado para que os sujeitos acreditem em “verdades” impostas que privilegiam poucos.

Nesta sociedade competitiva, a propaganda vem para dar veracidade às ideologias que impregnam a vida social, quase em sua totalidade, pois a propaganda consolida o sistema. Com relação à universidade pública, por exemplo, vimos que seu “abandono” por parte do poder público veio alicerçado por uma mídia que tornou o privado melhor que o público. Há

interesses de grupos ao transmitir informações banais, a indústria da diversão se faz presente e muitas questões políticas “acabam em pizza”.

A população se vê seduzida por tantas propostas que nem são avaliadas, somente assimiladas; o que é chocante, polêmico, não deixa marcas porque será esquecido em curto espaço de tempo, pois a indústria do entretenimento torna o real um espetáculo de ficção. Não se discutem greves de professores ou a baixa remuneração dos mesmos ou o descaso político em tantas questões sociopolíticas, pois tudo isso já se tornou rotina. A tecnologia não vem para amenizar pobreza, mas vem para manter o poder nas mãos de quem o domina.

São infinitas as páginas com informações que não acrescentam ao sujeito nenhum tipo de reflexão, no máximo se tem um momento de comoção seguido da negação aos seus direitos. Enfim, as informações são acessíveis, circulam em grande quantidade, são excessivamente repetitivas, pertencem ao cotidiano da maioria da população e acabam sendo engolidas sem mastigação. Temos uma maioria obesa de informações manipuladas, porém desnutrida de conhecimentos.

A articulação crítica de elementos do mundo, dentro de um contexto histórico-social, com habilidade de manipulação destes elementos em diversos níveis de complexidade, vai gerar o conhecimento. Este grande número de informações disponibilizadas, se devidamente articuladas pelo sujeito, gerará a percepção mais aguçada da realidade, o conhecimento dos fatos.

A produção do conhecimento na universidade se concentra nos trabalhos de iniciação científica, nas orientações nos cursos de pós-graduação, na pesquisa, na escrita de livros, artigos científicos, resenhas, monografias, dissertações, teses, em sala de aula. Nem todos estes trabalhos recebem o mesmo reconhecimento, pois existem critérios para avaliação deste saber. A publicação de um artigo científico terá maior ou menor valor dependendo da qualificação da revista na qual o artigo foi publicado; uma monografia de final de curso produzida por um estudante de graduação de uma universidade pública será, quase sempre, melhor aceita no mundo científico que aquela produzida por um aluno de uma universidade periférica. Existem dispositivos institucionais de avaliação da produção de conhecimento na universidade que acabam gerando “discriminações” em relação à produção em diversas IES. Contabilizar a produção de um conhecimento é algo estabelecido no mundo acadêmico e obedece a certas regras como: manutenção de certa regularidade no ritmo de produção; respeito, por parte do profissional, a relatórios parciais e finais de pesquisa, encontros periódicos com os orientandos, planejamento de cursos, respeito aos prazos e datas de entrega dos trabalhos, entre outros (ROCHA, M; ROCHA, D).

Chauí acredita que a universidade está estruturada de tal maneira que sua função seja:

Dar a conhecer para que não se possa pensar. Adquirir e reproduzir para não criar. Consumir em lugar de realizar o trabalho de reflexão. Porque conhecemos para não pensar, tudo quanto atravessa as portas da universidade só tem direito à entrada e à permanência se for reduzido a um conhecimento, isto é, a uma representação controlada e manipulada intelectualmente. É preciso que o real se converta em coisa morta para adquirir cidadania universitária. (CHAUÍ, 2001, p. 62)

Neste sentido, podemos pensar em estandarização da informação e do conhecimento. A própria universidade, em muitos casos, auxilia neste processo quando reproduz e não cria, quando não realiza o processo de reflexão.

Mesmo assim, o conhecimento continua sendo o desafio da humanidade. Hoje, as diferenças globais são marcadas pelo domínio do conhecimento, da tecnologia, da informação. Eis, então, um grande problema da atualidade: países subdesenvolvidos, com menor potencial educacional, são responsáveis pela educação da maior parcela de jovens do planeta. Somente o acesso à escola não garante aos milhares de excluídos um lugar ao sol. No Brasil, são 15 milhões de jovens e desses, apenas 20% encontram emprego. A média de escolaridade é de 4 anos. A base da sociedade do conhecimento está em garantir a possibilidade e a capacidade de adquirir e processar informações e transformá-las em conhecimento útil. O indivíduo precisa saber captar as informações, manejá-las e explorá-las com eficiência.

Porém há uma luta desigual tanto na produção de conhecimentos quanto na busca de colocação profissional. Ao avaliar a produção intelectual do Brasil e dos Estados Unidos, veremos que enquanto aqui se produz conhecimento a custa de sacrifícios do pesquisador, lá grande parte do conhecimento produzido não é publicado.¹

Muito se escreve sobre globalização, sociedade do conhecimento, da informação, porém é fácil perceber que este é um discurso falacioso. Castells (2001) define o processo de globalização como o conjunto de ações que funcionam em tempo real em todo o planeta.

Informações de todos os tipos, mercados globalizados, comunicação digital, TV e Internet, colocando ao vivo e em tempo real em nossas telas as notícias de qualquer parte do mundo, já fazem parte da rotina de parcela crescente da sociedade. Essa é uma sociedade na qual as fontes de poder e riqueza dependem da capacidade de geração de conhecimento e processamento de informação. Há sociedades majoritariamente conectadas e outras em que somente um pólo dinâmico pertence a essas redes globais informacionais. (TRINDADE; PRIGENZI, 2006, p. 2)

Brindamos a queda do muro de Berlim, porém outros foram construídos de forma concreta ou abstrata; “um mundo sem fronteiras” é o discurso midiático, quando o inverso se

¹ Segundo Goergen, no ano de 1998, 40% da produção científica americana não foi publicada.

apresenta na discriminação, nas regras preconceituosas que se espalham; o conhecimento que deveria gerar um benefício à humanidade fica restrito a parcelas que podem pagar por ele; quanto mais temos disposição toda a informação do mundo, menos nos comunicamos; a tecnologia que deveria gerar benefícios, gera poluição, degradação e destruição do planeta. Enfim, são muitos os discursos, porém, na verdade, pouco se reparte.

Vivemos numa sociedade individualista, hedonista, que tem aniquilado a esperança de um mundo humano, consciente do ser social; o que predomina é o poder econômico, as regras do mercado, a sociedade se contamina e a universidade reforça a competitividade, a liderança, o materialismo, o egocentrismo. Vivemos em um “mundo confuso”, cujo domínio cada vez maior das tecnologias, das ciências promove mais pobreza e mais diferenças entre os povos.

Segundo Milton Santos, no final do século XX, os avanços da ciência produziram um conjunto de técnicas, principalmente as de informação, que possibilitaram a “unicidade técnica, a convergência dos momentos, a cognoscibilidade do planeta e a existência de um motor único na história, representado pela mais-valia globalizada” (SANTOS, 2003, p.26). Nunca na história da humanidade um conjunto de fatores como este ocorrera. De todas as técnicas, a chegada da informática, da cibernética, da eletrônica, estas facilitaram a comunicação entre elas e a convergência dos momentos.

A humanidade passa a viver um momento no qual quem domina este conhecimento está inserido na modernidade, na globalização. Surgem então as grandes empresas de informação e a possibilidade de uma finança mundial, de uma mais-valia globalizada. Multinacionais acabam produzindo em escala mundial gerando uma competitividade sem precedentes.

Quando, na universidade, somos solicitados todos os dias a trabalhar para melhorar a produtividade como se fosse algo abstrato e individual, estamos impelidos a oferecer às grandes empresas possibilidades ainda maiores de aumentar sua mais-valia. Novos laboratórios são chamados a encontrar as novas técnicas, os novos materiais, as novas soluções organizacionais e políticas que permitam às empresas fazer crescer a sua produtividade e o seu lucro. A cada avanço da empresa, outra do mesmo ramo solicita inovações que lhe permitam passar à frente do antes era a campeã. Por isso a tal mais-valia está sempre correndo, quer dizer, fugindo para a frente. Um corte no tempo é idealmente possível, mas está longe de expressar a realidade atual cruelmente instável. Por isso, não se pode, desse modo, medi-la, mas ela existe. Se ela pode parecer abstrata, a mais-valia agora universal na verdade se impõe como um dado empírico, objetivo, quando utilizada no processo de produção e como resultado da competitividade. (SANTOS, 2003, p. 31)

Foram muitas e concomitantes as transformações destes últimos anos: a informática, a WEB, o poder, a política, a globalização. Enfim, o mundo, nestes 40 anos, adquiriu uma nova face. Saudosismos a parte, vivemos assustados e angustiados diante da realidade. A universidade perdeu seu sentido primeiro que era busca da verdade, da compreensão e

domínio da natureza; hoje, além do domínio da natureza, o conhecimento vem no sentido de dominação do ser humano. “O que importa não é o conhecimento em si, mas o conhecimento com seu atributo essencial: sua utilidade”.(GOERGEN, 2005, p. 21).

Nesta era do utilitarismo, o sujeito acaba por suprimir sua consciência, servindo apenas ao sistema. A própria docência está cada vez mais precária, pois professores passam a maior parte de seu tempo trabalhando, com aulas excessivas e pouca disponibilidade para estudos de aprimoramento. O antigo professor que dedicava horas para estudos, pesquisa, formação, se vê à mercê de um sistema que o obriga ao acúmulo de tarefas burocráticas para se manter e estas horas esgotam a possibilidade de uma docência dedicada: as aulas têm horário marcado, as orientações também, assim como todas as publicações se rendem ao tempo (CHAUÍ, 2001, p. 191). Se, por um lado, a Internet facilitou a transmissão de conhecimentos, por outro eliminou o tempo para a formação, tanto do docente quanto do aluno.

A docência é entendida como transmissão rápida de conhecimentos, consignados em manuais de fácil leitura para os estudantes, de preferência, ricos em ilustrações e com duplicatas em CD's. O recrutamento de professores é feito sem levar em consideração se dominam ou não o campo de conhecimentos de sua disciplina e as relações entre ela e outras afins – o professor é contratado ou por ser um pesquisador promissor que se dedica a algo muito especializado, ou porque, não tendo vocação para a pesquisa, aceita ser escorchado e arrojado por contratos de trabalho temporários e precários, ou melhor, “flexíveis”. A docência é pensada como habilitação rápida para graduados, que precisam entrar rapidamente num mercado de trabalho do qual serão expulsos em poucos anos, pois tornam-se, em pouco tempo, jovens obsoletos e descartáveis; ou como correia de transmissão entre pesquisadores e treino para novos pesquisadores. Transmissão e adestramento. Desapareceu, portanto, a marca essencial da docência: formação. (CHAUÍ. 1999, p. 9)

Este quadro é significativo no momento em que se avalia a etapa final do processo de formação que é a questão do profissional. Quando há uma perda na formação docente, temos um corpo discente sem norte. Além das IES privadas, principalmente, estarem presas ao capital, temos docentes que se adequam a este mercado enfraquecido de conhecimento.

Avaliar o papel da universidade é, no mínimo, deprimente, pois com saberes reduzidos aos manuais as chances de produção de conhecimento estão praticamente aniquiladas. Neste ponto, o reinado do capitalismo toma posse do último reduto de reflexão: o ambiente universitário. A competitividade, o utilitarismo se sobrepõem à ética, à solidariedade, à cidadania e à visão politizada da sociedade que tínhamos há duas ou três gerações de universitários.

Toda mudança é sofrida, e também o resultado de um momento em que tudo parece sem solução. Muitas vezes a humanidade se moldou ao sistema e hoje, de alguma maneira,

isso tem se repetido: a tecnologia chegou a tal ponto que a sociedade sofre diante do que poderia ser a solução. Em alguns momentos, temos impressão de que o ser humano tem se “ajustado” à violência, à injustiça, às guerras. A indiferença junto às desgraças humanas é uma couraça que reveste o homem em diversos fatos da vida cotidiana:

Aprofundam-se as contradições tanto entre as pessoas quanto entre as classes sociais, entre os ricos e os pobres, entre as nações do primeiro e do terceiro mundos, entre os *info-ricos* e os *info-pobres*. Quanto mais cresce o personalismo, mais se impõe o anonimato; quanto mais se prega a tolerância, mais se agravam as agressões; quanto mais se prolonga a vida, mais se teme a morte; quanto mais se acelera o ativismo, mais vazias se tornam as pessoas; quanto mais se aperfeiçoa a tecnologia da comunicação, mais aumenta a solidão; quanto mais se cuida da psique, mais cresce a depressão; quanto mais se investe na preservação da vida e da beleza física, mais o homem se enche de medo, de pavor e revolta ante a adversidade do tempo e a inevitabilidade da morte. (GOERGEN, 2007)

Este paradoxo é cruel, pois estão dadas todas as possibilidades de uma vida plena, porém a maioria da gente não pode desfrutá-las com qualidade e plenitude. O conhecimento e a informação servem a uma parcela restrita da sociedade que comanda e manipula a vida atual. A grande parcela, composta pelos marginalizados socialmente, os excluídos pelo sistema ficaram em segundo plano. Nesta “sociedade do conhecimento” corremos o risco de conhecer cada vez menos, uma vez que o processo de produção do conhecimento contempla não só a experiência individual como também o meio ambiente cultural no qual vivemos.

Por isso, universidade e o universitário precisam reconhecer seu papel na sociedade, principalmente em tempos de individualidade. Para Goergen, o universitário precisa tornar-se verdadeiramente humano, um ser social, um cidadão participante, individuar-se, ser um ser autônomo e consciente, ter personalidade moral. Para isso, há a necessidade de uma universidade que se faça não só em função da busca de informação, de uma profissão ou a possibilidade de um bom emprego. Esta não pode ser a única dimensão do estudante, pois estes precisam ser, antes de tudo, competentes e não somente competitivos. A universidade não deveria somente capacitar para o mercado de trabalho, para “a formação profissional, que visa mais especificamente o emprego”, mas para a formação do cidadão, “que envolve a personalidade moral, socialmente comprometida com valores da justiça, do respeito e da solidariedade”. Por isso, cabe a educação a tarefa essencial da construção da cidadania, da democracia.

A educação deve ser assumida como prática simultaneamente técnica e política, atravessada por uma intencionalidade teórica, fecundada pela significação simbólica, mediando a integração dos sujeitos educandos nesse tríplice universo das mediações existenciais: no universo do trabalho, da produção material, das relações econômicas; no universo das mediações institucionais da vida social, lugar das relações políticas, esfera do poder; no universo da cultura simbólica, lugar da experiência da identidade subjetiva, esfera das relações intencionais. A educação só

se legitima intencionalizando a prática histórica do homem. (SEVERINO, 2005, p. 150)

Este é um período de tensão, de mudanças aceleradas e simultâneas, de abismos culturais, de diferenças étnicas visíveis. Quando, no início de século XX, a máquina era cantada em prosa e verso e o elogio ao progresso era, ao mesmo tempo, celebrado e odiado, hoje a tecnologia pode ser responsável pelo fim do planeta. Em meio a isso, não podemos ser saudosista ou olhar o mundo como um labirinto. A universidade já passou por muitas transformações e sobreviveu. O homem já se chocou com tantas invenções e se adaptou a elas. Acreditar em uma universidade como há cinquenta anos não fará o tempo voltar. Para Goergen, uma das possibilidades de mudança começa na universidade e no papel do sujeito diante da sociedade:

Vou supor que aqui estou falando para pessoas que, embora ainda muito jovens, representam, desde já, um segmento importantíssimo para a condução e a transformação da sociedade, para o futuro do país e da nação. E eu gostaria de formular isso dizendo que com o estudo que estão iniciando, vocês estão assumindo também uma responsabilidade não somente pessoal, mas também social. Vou formular esta idéia de uma maneira um pouco provocativa: Quem não se dispuser a aceitar esta responsabilidade ou compromisso social, não deveria estar cursando uma universidade e, muito menos, uma universidade comunitária. Ser universitário numa sociedade como a nossa representa certamente um privilégio e, penso, que este privilégio representa, também, uma responsabilidade em termos de contribuir para o progresso e bem-estar do povo. (GOERGEN, 2007)

Neste nosso estudo pretendemos analisar a universidade e o universitário diante da possibilidade tecnológica posta pela internet. Faremos um recorte dentro da rede para nos aprofundarmos na chamada blogosfera, ou seja, vamos buscar juntar universitários aos blogs e verificar qual é o saber que se produz nestes espaços ou se estes universitários também estão imersos na cultura de massa, repetindo e perpetuando ideologias dentro da rede.

3 A INTERNET

A Internet é um conglomerado de redes, ou seja, dois ou mais computadores, interligados, trocando mensagens, fotos, imagens, vídeos, em escala mundial. Há milhões de computadores interligados pelo Protocolo de Internet, o IP, que permite o acesso a informações, encaminhamento e transferência de dados virtuais.

A Internet é a principal das novas tecnologias de informação e comunicação que começaram a ser desenvolvidas a partir da década de 60, tendo seu ápice na década de 90.

Em 1958, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos criou a ARPA – Advanced Projects Agency –, cuja missão era mobilizar recursos de pesquisa, particularmente no mundo universitário, na busca de superioridade tecnológica militar em reação à União Soviética. Em 1962, criou-se a Arpanet com o objetivo permitir aos vários centros de computadores e grupos de pesquisa que trabalhavam para agência compartilharem on-line as informações. Em 1969, os primeiros grupos de pesquisa desta rede estavam na Universidade da Califórnia em Los Angeles, no SRI (Stanford Research Institute), na Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara, e na Universidade de Utah. Em 1971, já eram 15 os pontos, a maioria em centros universitários. Em 1972, a experiência bem-sucedida da Arpanet foi apresentada em uma conferência em Washington. Assim, a Arpanet começou a estabelecer outras ligações. Em 1978, definiu-se o protocolo de controle de transmissão, mas a Arpanet continuou por algum tempo usando um protocolo diferente. Em 1978, a Arpanet foi transferida para a Defence Communication Agency (DAC). Em 1983, o DAC criou a Milnet, uma rede específica para fins militares e a Arpanet tornou-se Arpa-internet. Em 1990, a Arpanet, obsoleta, sai de operação. Dali em diante, a Internet sai do domínio militar e passa para a National Science Foundation. Com a tecnologia de redes de computadores ficou fácil para que a Internet se espalhasse para o domínio público e comesçassem a surgir operações privadas da Internet.

No início da década de 1990 muitos provedores de serviços da Internet montaram suas próprias redes e estabeleceram suas próprias portas de comunicação em bases comerciais. A partir de então, a Internet cresceu rapidamente como uma rede global de redes de computadores. O que tornou isso possível foi o projeto original da Arpanet, baseado numa arquitetura de múltiplas camadas, descentralizada, e protocolos de comunicação abertos. Nessas condições a Net pôde se expandir pela adição de novos nós e a reconfiguração infinita da rede para acomodar necessidades de comunicação.(CASTELLS, 2001, p.15)

A Arpanet não foi a única fonte para a Internet. Também foi importante a criação, por dois estudantes de Chicago, Ward Christensen e Randy Suess, do Modem (1977), um programa que permite a transferência de arquivos entre computadores pessoais. Em 1978,

criaram um sistema que permitia aos computadores armazenar e transmitir mensagens. Ambos foram liberados para o domínio público. Outras redes também surgiram: em 1983, a Fidonet; em 1981, a Bitnet; em 1980, a Usenet News entre outras.

Finalmente, em 15 de dezembro de 1994, a companhia Netscape Communications, lançou o Netscape Navigator, o primeiro navegador comercial. Em 1995, lançaram o software Navigator através da Net, gratuito para fins educacionais e a 39 dólares para fins comerciais. Em 1995, depois do sucesso do Navigator, a Microsoft descobriu a Internet e lança junto com o Windows 95 o seu próprio navegador, o Internet Explorer.

Assim, em meados de 1990, a Internet estava privatizada e dotada de uma arquitetura aberta, que permitia a interconexão de todas as redes de computadores em qualquer lugar do mundo; a www podia então funcionar com software adequado, e vários navegadores de uso fácil estavam a disposição do público. Embora a Internet tivesse começado na mente de cientistas da computação no início da década de 1960, uma rede de comunicações por computador tivesse sido formada em 1969, e comunidades dispersas de computação reunindo cientistas e hackers tivessem brotado desde o final da década de 1970, para a maioria das pessoas, para os empresários e para a sociedade em geral, foi em 1995 que ela nasceu. (CASTELLS, 2001, p.19)

A mídia deu grande ênfase ao fato. Horas e horas, milhares de páginas foram usadas para descrever esta “revolução”, apresentada como responsável pelo avanço dos meios de comunicação e da tecnologia, o fim do abismo entre os que possuíam a informação e os que não a possuíam. Seria o novo “século das luzes”, uma vez que todo saber poderia ser compartilhado. Alguns estudiosos apontaram este período associado a uma grande velocidade da informação presente na sociedade, a qual passou a ser designada por *sociedade da informação* ou *sociedade do conhecimento*.

É bom deixar claro que Internet não é sinônimo de World Wide Web (www ou Web). A Web é parte da Internet, ou seja, um sistema de documentos executados na Internet.

A Internet espalha-se pelo mundo. Hoje podemos conectá-la em casa, pelo acesso discado ou banda larga; pelo celular, via satélite ou em lugares públicos como escolas, bibliotecas, cyber cafés, aeroportos, no trabalho. “A Internet é o meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global” (CASTELLS, 2001, p.8)

No final de 1995, primeiro ano de uso disseminado da WEB, havia 16 milhões de usuários pelo mundo; em 2001, já eram 400 milhões. Segundo pesquisa do IBGE, em 2005, 21% da população brasileira com 10 anos ou mais (32,1 milhões) acessaram pelo menos uma vez a Internet em algum local – domicílio, local de trabalho, estabelecimento de ensino,

centro público de acesso gratuito ou pago, domicílio de outras pessoas ou qualquer outro local – por meio de microcomputador².

Muitas atividades sociais, culturais, políticas têm se estruturado pela Internet. “Ser excluído dessas redes é sofrer uma das formas mais danosas de exclusão em nossa economia e em nossa cultura” (CASTELLS, 2001, p.8). Não podemos esquecer da qualidade deste uso, ou seja, na Internet pode-se encontrar material confiável para a pesquisa, para a informação e transmissão de saberes, porém este meio é também propício à especulação, à transmissão de ideologias várias e muita boataria.

Cabe neste momento uma reflexão importante com relação aos conteúdos na rede. Em primeiro lugar, como saber se o site pesquisado é confiável, pois o internauta nem sempre tem discernimento para avaliar. A wikipédia (<http://www.wikipedia.org/>), por exemplo, criada há seis anos, virou uma febre entre estudantes e profissionais. São 7 milhões de verbetes em 250 idiomas; porém, o que a maioria não sabe ou sabia, até há pouco, é que qualquer um tem acesso para criar ou alterar suas páginas. Quantas informações circularam/circulam de maneira errada em trabalhos escolares? Sobre a credibilidade Coscarelli (2003, p. 17) afirma:

A entrada e a navegação na rede, já que, de alguma forma, todos podem alimentá-la sem qualquer intermediário ou censura, constitui mais um paradoxo da cibercultura: o acesso fácil, por um lado, e a impossibilidade de se determinar, muitas vezes, a credibilidade da fonte alimentadora dos dados. O hipertexto informatizado, o dilúvio informacional que se descortina por meio de links, o desaparecimento das seleções, das hierarquias na rede, em suma, a liberdade de informação sem instância superior que legitime o que é bom ou verdadeiro, seja esta instância de caráter político, religioso ou científico, tudo isso nos remete a uma discussão sobre a confiabilidade dos dados da rede.

Neste imenso hipertexto, a verdade, a legitimidade do emissor se dilui nas múltiplas conexões e interações nas quais são múltiplos também os emissores e receptores que dividem suas funções a cada conexão.

Outra questão é o encantamento provocado pela rede, pois navegar é uma prática entre os internautas, que encontram no cyberspaço muitas possibilidades a serem compartilhadas. Assim, o simples acesso a este espaço não diminuirá a barreira social que se apresenta. O grande problema a ser resolvido é a inclusão com qualidade, pois números de acesso não identificam a qualidade deste acesso.

Nascida para o aprimoramento do poderio bélico americano, a www se estendeu rapidamente aos ramos da ciência e tecnologia agilizando, integrando e compartilhando conhecimentos específicos. Para o aprimoramento desta rede, foi grande a ajuda dos *hackers* no aperfeiçoamento de certos programas, tanto que ajudaram a consolidar a Internet atual.

² http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=846

Este é um breve histórico da Internet, pois este não é o foco principal do trabalho. Porém, é necessário que saibamos como e por que esta rede se formou. Outros autores, além de Castells, tratam do tema, como Malini (2007), que reconstrói a arquitetura da rede de forma detalhada em sua tese de doutoramento. Neste momento, interessam os desdobramentos da Internet no mundo atual, uma vez que junto deste sistema de informação veio a concepção de que o mundo todo poderia compartilhar de todo o conhecimento. Depois deste período de encantamento, vemos que isto não ocorre assim tão facilmente e que o conhecimento ainda se concentra nas mãos de poucos.

3.1 www.conhecimento?informação?hoje.br

Quando Camões escreveu que os portugueses iriam “por mares nunca d’antes navegados” sequer imaginava (talvez?) o que os esperava. Quinhentos anos depois, aquela mudança foi só a semente do processo que se vive hoje.

Toda mudança gera polêmica, pode desagradar e os sujeitos envolvidos têm de se adequar ao “novo”. Quem não se adequar está fadado à extinção. Muitos são os relatos científicos ou literários sobre os estranhamentos ao novo. Álvaro de Campos representa bem isso em suas poesias, em versos que retratam a inserção da máquina, da eletricidade, dos ruídos das engrenagens, do cheiro do combustível, da fumaça, da poluição, enfim, do progresso na vida cotidiana burguesa europeia do início do século XX. Vejamos um exemplo:

Ode Triunfal

Álvaro de Campos

À dolorosa luz das grandes lâmpadas eléctricas da fábrica
Tenho febre e escrevo.

Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.

Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r eterno!

Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!

Em fúria fora e dentro de mim,

Por todos os meus nervos dissecados fora,

Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!

Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,

De vos ouvir demasiadamente de perto,

E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso

De expressão de todas as minhas sensações,

Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!

Em febre e olhando os motores como a uma Natureza tropical -

Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força -

Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro,

Porque o presente é todo o passado e todo o futuro
 E há Platão e Virgílio dentro das máquinas e das luzes eléctricas
 Só porque houve outrora e foram humanos Virgílio e Platão,
 E pedaços do Alexandre Magno do século talvez cinqüenta,
 Átomos que hão-de ir ter febre para o cérebro do Ésquilo do século cem,
 Andam por estas correias de transmissão e por estes êmbolos e por estes volantes,
 Rugindo, rangendo, ciciando, estrugindo, ferreando,
 Fazendo-me um acesso de carícias ao corpo numa só carícia à alma.
 Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!
 Ser completo como uma máquina!
 Poder ir na vida triunfante como um automóvel último-modelo!
 Poder ao menos penetrar-me fisicamente de tudo isto,
 Rasgar-me todo, abrir-me completamente, tornar-me passento
 A todos os perfumes de óleos e calores e carvões
 Desta flora estupenda, negra, artificial e insaciável!
 (...)

Horas europeias, produtoras, entaladas
 Entre maquinismos e afazeres úteis!
 Grandes cidades paradas nos cafés,
 Nos cafés - oásis de inutilidades ruidosas
 Onde se cristalizam e se precipitam
 Os rumores e os gestos do Útil
 E as rodas, e as rodas-dentadas e as chumaceiras do Progressivo!
 (...)

Hé-lá as ruas, hé-lá as praças, hé-lá-hô la foule!
 Tudo o que passa, tudo o que pára às montras!
 Comerciantes; vários; escrocs exageradamente bem-vestidos;
 Membros evidentes de clubes aristocráticos
 Esquálidas figuras dúbias; chefes de família vagamente felizes
 E paternais até na corrente de oiro que atravessa o colete
 De algibeira a algibeira!
 Tudo o que passa, tudo o que passa e nunca passa!
 Presença demasiadamente acentuada das cocotes
 Banalidade interessante (e quem sabe o quê por dentro?)
 Das burguesinhas, mãe e filha geralmente,
 Que andam na rua com um fim qualquer;
 A graça feminina e falsa dos pederastas que passam, lentos;
 E toda a gente simplesmente elegante que passeia e se mostra
 E afinal tem alma lá dentro!
 (...)

Adubos, debulhadoras a vapor, progressos da agricultura!
 Química agrícola, e o comércio quase uma ciência!
 Ó mostuários dos caixeiros-viajantes,
 Dos caixeiros-viajantes, cavaleiros-andantes da Indústria,
 Prolongamentos humanos das fábricas e dos calmos escritórios!
 (...)

Eu podia morrer triturado por um motor
 Com o sentimento de deliciosa entrega duma mulher possuída.
 Atirem-me para dentro das fornalhas!
 Metam-me debaixo dos comboios!
 Espanquem-me a bordo de navios!
 Masoquismo através de maquinismos!
 Sadismo de não sei quê moderno e eu e barulho!
 (...)

Mas, ah outra vez a raiva mecânica constante!
 Outra vez a obsessão movimentada dos ônibus.
 E outra vez a fúria de estar indo ao mesmo tempo dentro de todos os comboios
 De todas as partes do mundo,
 De estar dizendo adeus de bordo de todos os navios,
 Que a estas horas estão levantando ferro ou afastando-se das docas.

Ó ferro, ó aço, ó alumínio, ó chapas de ferro ondulado!
 Ó cais, ó portos, ó comboios, ó guindastes, ó rebocadores!
 (...)

Que importa tudo isto, mas que importa tudo isto
 Ao fúlgido e rubro ruído contemporâneo,
 Ao ruído cruel e delicioso da civilização de hoje?
 Tudo isso apaga tudo, salvo o Momento,
 O Momento de tronco nu e quente como um fogueiro,
 O Momento estridentemente ruidoso e mecânico,
 O Momento dinâmico passagem de todas as bacantes
 Do ferro e do bronze e da bebedeira dos metais.
 (...)

Eia todo o passado dentro do presente!
 Eia todo o futuro já dentro de nós! eia!
 Eia! eia! eia!
 Frutos de ferro e útil da árvore-fábrica cosmopolita!
 Eia! eia! eia! eia-hô-ô-ô!
 Nem sei que existo para dentro. Giro, rodeio, engenho-me.
 Engatam-me em todos os comboios.
 Içam-me em todos os cais.
 Giro dentro das hélices de todos os navios.
 Eia! eia-hô! eia!
 Eia! sou o calor mecânico e a electricidade!
 Eia! e os rails e as casas de máquinas e a Europa!
 Eia e hurrah por mim-tudo e tudo, máquinas a trabalhar, eia!
 (...)

Londres, 1914 - Junho.

Na visão do poeta, o tempo da máquina aparece como um elogio ao progresso, à mudança de comportamento, ao cotidiano burguês. Passados cem anos, somos incapazes de sonhar o mundo sem o conforto do progresso, porém estamos tendo de nos ajustar aos abusos que o homem cometeu para consegui-lo.

O discurso midiático e o senso comum veiculam a idéia de “um mundo sem fronteiras”, um mundo de que somos todos “cidadãos”. Se, de fato, fosse assim, seria uma “revolução”; porém, o que vivemos não passa de um discurso ideológico que se espalha em propagandas de celulares, de cursos de idiomas, de refrigerantes, de automóveis e bagatelas várias, enfim, banalidades do mundo capitalista, uma maneira de explorar o consumismo. As fronteiras estão mascaradas, não vemos muitos muros de Berlim ou Muralhas da China, mas a separação do mundo em fronteiras delimitadas pelo capital, pela bandeira, pela religiosidade.

Para muitos, pensar século XXI é estar diante de um processo de mudanças nos vários campos do conhecimento cultural, social, histórico, tecnológico. Esse processo tem sido elemento de estudos e discussões no que concerne à divulgação rápida de informações, pois esta possui um conjunto de redes de comunicação em massa, com grande abrangência, tornando-se uma das maiores transformações da virada do século. Dominar redes de informação tornou-se um meio de dominação de classes. A velocidade das mudanças está muito relacionada com a possibilidade de interconexão de saberes, ou seja, haveria facilidade

para que muitas inovações aconteçam ao mesmo tempo; o que cria a imagem de aceleração é a questão temporal, pela Internet não existe distância entre o fato e a notícia, tudo parece instantâneo e simultâneo.

Temos a TV, o rádio, o telégrafo, Internet. A comunicação passou a ser o centro das atenções em todo o mundo. No Brasil, o governo lançou um programa de inclusão digital com o objetivo de inserção dos alunos da rede pública ao mundo virtual; também se discute a questão do analfabetismo digital: quem não dominar o cyberspaço estaria à margem da sociedade do conhecimento.

O acesso à internet em 2006 quase chegou a marca de um bilhão de domicílios, porém desigualmente distribuídos entre países ricos e pobres. Enquanto nos EUA, os usuários são 54% da população, na América Latina e no Caribe são apenas 3,2%. Quando começaram os estudos sobre uma rede de informações, estas estavam centradas na produção científica; atualmente, classes mais favorecidas socialmente possuem computador doméstico e o utilizam para fins diversos, desde a educação até as mais perigosas armadilhas do cyberspaço.

Os brasileiros estão cada dia mais utilizando a Internet nas diversas possibilidades que se apresentam, porém ainda este número é bastante insignificante. Pesquisa realizada pelo IBGE³ sobre o acesso à Internet por brasileiros demonstra a realidade da exclusão digital: de um contingente de mais de 120 milhões de brasileiros, cerca de 79% da população com mais de 10 anos de idade não acessou a Internet nos últimos três meses. Para Rodrigo Baggio, diretor executivo do Comitê pela Democratização da Informática – organização não-governamental que mantém 891 escolas de informática e cidadania no Brasil e em nove países – os dados do IBGE revelariam um apartheid digital.

Há uma legião de excluídos à margem da sociedade do conhecimento. É um cenário extremamente preocupante, principalmente quando comparamos nossa situação com a de outros países, já que hoje o uso da tecnologia é uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento social e econômico de uma sociedade”. (FOLHA DE S. PAULO, 16/09/06)

Num país de extrema diversidade social, o acesso varia conforme a escolaridade e a renda. Dos domicílios de renda mensal per capita superior a cinco salários mínimos, 69,5% fazem uso da rede; já em domicílios de renda per capita inferior a ¼ do salário mínimo, esse percentual cai para 3%. O acesso cresce com a renda, porém, no caso de renda entre dois ou três salários mínimos per capita, esse processo se restringe a uma pequena parcela, cerca de 42%. A disparidade se revela também quando se analisa o grau de escolaridade: com menos

³ IBGE, 2005

de quatro anos de estudo, 2,5% são usuários; dos que completaram o ensino médio, 76,2% acessam a Internet.

Mesmo diante desses números, é importante ressaltar que o uso da Internet tem crescido. No início da década, 8,6% das residências possuíam computadores conectados; em 2005, esse percentual chegou a 13,9%. É possível ainda, segundo a pesquisa, avaliar os efeitos da idade em relação ao acesso. Quanto mais jovem, maior a chance de um brasileiro ter acessado a Internet nos últimos três meses. Os maiores percentuais estão na faixa entre 15 a 17 anos, com 33,9%. Dos 18 aos 24, a proporção continua acima de 30% e passa a cair gradualmente, chegando a apenas 3,3% da população acima de 60 anos.

Outra pesquisa, esta realizada pelo IBOPE e publicada em Agosto de 2006 pela *Folha de S. Paulo*, registra que o acesso a Internet tem crescido mês a mês, chegando a bater recordes no tempo de navegação. Estima-se que os internautas ficam mais de 20 horas mensais conectados. Devemos analisar que horas não indicam qualidade na navegação

O Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto Br (Nic.br) divulgou o resultado de uma pesquisa sobre o uso de computadores e o acesso à Internet nos domicílios brasileiros: 85,3% das residências do país não têm acesso à rede; as principais barreiras são o preço das máquinas (67,5%) e o custo da conexão (31,7%). Quanto ao uso do computador, a pesquisa mostrou que 54,35% da população nunca usou um computador e 66,68% dos brasileiros disseram nunca terem entrado na Internet. Com relação as classes sociais, na classe A, 81,5% dos domicílios têm acesso à rede; na classe B, somam 51,2% e nas classes D e E esse total é de 1,6%. Dos usuários das classes A, B e C entrevistados, 64,39% acessaram a rede nos últimos 3 meses para a educação. (FOLHA DE S. PAULO, Informática, F2, 22/11/2006)

Estas informações correspondem à realidade brasileira. Ter um computador e mantê-lo conectado à rede se tornou artigo de luxo. O Brasil tem lutado para extinguir o analfabetismo e terá um trabalho ainda maior em relação ao analfabetismo digital. O uso do computador é uma exigência do mercado e das instituições educacionais em sua maioria. Então, nos domicílios brasileiros esta pratica acaba se restringindo a uma camada seleta, ou seja, o apartheid digital se manifesta novamente.

Estes dados revelam a distância do uso da tecnologia para o bem coletivo. Quem está no topo da lista está muito bem colocado no critério renda per capita e tempo de estudo.

Quando se diz que a internet veio para encurtar distâncias, os números demonstram o oposto. Todo o discurso de inclusão vem carregado de ideologias, pois na sociedade só se inclui o que interessa a ordem do capital.

Hoje há grupos que defendem a idéia a maior democratização do saber e da informação (via WEB), pois estes defendem que a comunicação virtual introduz um conceito de *descentralização da informação e do poder de se comunicar*:

Grande parte dos avanços tecnológicos está no processo evolutivo da comunicação, conduzindo-se para uma maior democratização do saber e da informação. A comunicação virtual introduz um conceito de descentralização da informação e do poder de comunicar. Todo computador, conectado à Internet, possui a capacidade de transmitir palavras, imagens e sons. Não se limita apenas aos donos de jornais e emissoras; qualquer pessoa pode construir um site na Internet, sobre qualquer assunto e propagá-lo de maneira simples.

O espaço cibernético tem se tornado um lugar essencial, um futuro próximo de comunicação completamente distinta da mídia clássica, pois como afirma Levy “[...] *todas as mensagens se tornam interativas, ganham uma plasticidade e tem uma possibilidade de metamorfose imediata*” (GALLI, 2005, p.123-124.- grifo do autor).

Novamente o discurso é falacioso, pois para descentralizar a informação e a comunicação há necessidade de as pessoas estarem conectadas, e sabemos que a parcela apta para esta atividade é a minoria que possui conhecimento e capital; a maioria da população continua excluída neste discurso. Na verdade, a internet serve para fortalecer e estabelecer grupos econômicos que se espalham na rede. Esta visibilidade é reduzida, pois a maioria dos internautas pode escrever e propagar o que quiser, porém esta ação não repercute da maneira como os ideólogos da internet alardeiam.

O conceito de descentralização da informação é falho, porque o que se observa em postagens pela rede é a repetição do senso comum norteado pelo modelo midiático: se está nas TVs, nos jornais, nas revistas, também está na rede. A Internet seria um meio de comunicação que proporciona a interação entre locutor e interlocutor, pois na WEB todas as pessoas de todo o planeta interagem na busca de opiniões e idéias convergentes. A descentralização possibilitaria a cada internauta ser agente da informação, rompendo com o papel estabelecido dos jornais e emissoras responsáveis por esta ação, o que normalmente não ocorre.

É importante lembrar que a visibilidade de um site está diretamente ligada à sua origem e administração. Dificilmente uma produção “amadora” repercutirá tanto quanto a mídia dominante. Se é fato que é todo computador, conectado à Internet, tem a possibilidade de transmitir palavras, sons e imagens, de modo que informação não se limita aos donos de jornais ou emissoras e qualquer pessoa pode construir um *site* e propagar informações, também é fato que na maioria dos casos a expressão da página é reduzidíssima em relação a grupos instituídos, os quais dominam este mercado.

A revolução da informação não é uma simples questão de progresso tecnológico. Ela é significativa para a matriz de forças políticas e culturais que suporta. Sob a imagem de um

espaço livre, aberto e infinitamente navegável, as redes estão sendo cada vez mais reguladas pelos mecanismos do mercado. Empresas tradicionais têm alargado seus espaços diante do ciberespaço, alianças com empresas de telecomunicação e setores computacionais têm garantido um comércio eletrônico proveitoso. Nos primeiros três meses deste ano, o Google faturou US\$ 3,6 bilhões com a venda de publicidade pela Internet e o Yahoo, US\$ 1,5 bilhão.

A internet é percebida por empresários como um mercado potencializado e, por isso, grande corporações a dominam. Se retornarmos a questão da democratização do saber, tantas vezes presente nos discursos em defesa da rede, vemos que este espaço, antes de tudo, serve a grupos capitalistas os quais produzem internautas que se rendem ao consumo de produtos e ideologias, ou seja, a internet, em sua realização, serve ao poder do capital.

Além da veiculação de mensagens em *sites*, a WEB é uma excelente ferramenta para marketing, vendas e publicidade. Esse “grande poder mercadológico” pode ser usado tanto para o comércio de produtos e serviços quanto para a distribuição de informações. O uso da persuasão nestes espaços é algo muito comum como em todo tipo de comunicação: com mais força, outros menos dependendo da credibilidade do site.

Grandes empresas dominam esse mercado que permanece aberto por vinte e quatro horas e nele se compra quase tudo (ou tudo). Seduzidos por imagens e acomodados em nossa casa, nos sentimos “livres e poderosos” e com um clicar giramos a roda do capitalismo: o pouco que ganhamos retorna ao seu “dono” em “suaves prestações”.

A questão da credibilidade e do domínio de grupos é forte. O provedor mais acessado por universitários de São Paulo⁴, pertence ao empresário Octávio Frias. Além do UOL, maior portal da Internet no Brasil, pertencem ao conglomerado a Folha de S. Paulo, o jornal “Agora”, o Instituto Datafolha, a Gráfica Plural e o diário econômico “Valor”. É um conglomerado de empresas que produz e repercute uma notícia nas diversas possibilidades da mídia: jornais com diferentes linhas editoriais, para grupos diferentes, além da Internet que vai atingir a uma camada mais jovem, que aprecia a notícia de uma maneira mais moderna, dinâmica.

Outro aspecto bastante explorado na internet é a questão do jornalismo, pois é muito comum a idéia de que a rede proporciona o acesso de todos a todos os lugares, fatos e pessoas em tempo real. A possibilidade de “jornalismo” interativo é recente, e alguns internautas não ligados diretamente à mídia acabam criando comunidades com assuntos parecidos e estas

⁴ Pesquisa encomendada pelo CIEE/2007 traça o perfil do universitário de São Paulo nos mais variados aspectos. (www1.folha.uol.com.br/fofha/dimenstein/PERFIL%20DO%20ESTUDANTE%20UNIVERSIT%C1RIO%20DA%20RMSP.ppt)

informações circulam pela rede. Este tipo de postagem é comum nos blogs, que são páginas pessoais, cujo autor não precisa ter domínio tecnológico para produzi-la e este é o diferencial neste tipo de produção.

Um dado importante a ser investigado, porém, é com relação à qualidade destas navegações, uma vez que a rede de computadores permite ao usuário o acesso a informações do mundo todo: compra-se, vende-se, busca-se, fala-se o quê, com quem, quando e onde quiser. Nessa velocidade e por imagens sedutoras, somos levados a WEB para os mais variados fins, desde que tenhamos a senha, saibamos o caminho a seguir. A cultura eletrônica se faz presente numa boa parte da vida das pessoas. É um mundo que “aparentemente” pertence a todos.

Mas possuir um computador não é barato e manter um provedor tampouco. Se pensarmos em banda larga (que agiliza a navegação, pois em segundos se vai de um extremo ao outro), reduzimos ainda mais as possibilidades do estudante universitário. Mesmo com os programas do Governo que facilitam na compra de uma máquina e com o avanço do número de horas/Internet, ainda estamos distantes do ideal de horas de estudo neste mundo virtual.

Jornalistas conceituados têm páginas anexadas a grupos maiores, como UOL, que traz na sua capa o destaque para estes nomes (Teresa Rangel, Marcelo Leite, Cláudia Colucci, Juca Kfourri, Roseli Saião, entre outros), gerando repercussão bem maior, pois o espaço tem visibilidade e credibilidade. A qualidade do design, a qualidade dos conteúdos, a existência de referência ao autor do post, a existência do contato com o blogueiro e a referência a fontes garantem maior credibilidade ao blog. Conhecer o autor do blog é o maior de todos os fatores, pois existe uma história anterior ao blog, por isso jornalistas têm se destacado neste campo, além de estarem linkados nos principais provedores.

Além de tornar visível uma empresa, a WEB é um espaço para grandes escândalos, notícias bombásticas, furos de reportagens, indignações populares. Em 1998, o blogueiro americano Matt Drudge (<http://www.drudgeblog.com/>) postou o suposto caso entre o presidente americano, Bill Clinton, e a estagiária da Casa Branca, Mônica Lewinsky. Em 2001, no Brasil, o Sérgio Faria, revelou em seu blog Catarro Verde (<http://catarro.blogspot.com>) que o senador Antonio Carlos Magalhães havia plagiado um discurso de Afonso Arinos, de 1954. Foi por meio de blogueiros anônimos que os internautas presenciaram as primeiras cenas após o ataque as Torres Gêmeas. O mundo queria notícias e os portais de informação das agências de notícias internacionais entraram em colapso, não conseguiram ficar estáveis por conta do excesso de tráfego nos seus servidores. Neste episódio, os usuários foram impelidos para dois lugares: a TV e os blogs. Pessoas comuns,

que escreviam diariamente, neste momento criaram uma corrente de informações, fotos, imagens on-line para tentar explicar o que acontecia. Essa interatividade na comunicação, em que emissor e receptor se confundem e não há limites para os agentes desta interação é o que Pellanda e Pellanda (2000, p. 13) chamam de **Todos e Todos**, ou seja, uma multiplicidade de emissores e receptores. Malini afirma que este momento seria o marco de um novo processo de comunicação mundial, ou seja, o blog passa a ser o responsável pela divulgação de informações e a possibilidade de interagir com a notícia, uma rede de comunicação em tempo real.

Era uma pluralidade polissêmica – contidas em textos, imagens, áudio e vídeo. Além das tradicionais opiniões e testemunhos contidos nos diários, os blogues disponibilizam narrativas testemunhais numa edição em estado bruto. A blogosfera entrava na sua fase informativa. Um blog, em especial, se destacou pelo serviço de informação pública que prestou: o Slashdot . Ele se transformou no espaço onde diferentes usuários postam informações que aumentavam o nível de esclarecimento sobre o atentado. Tornou-se uma rede social em tempo real, onde se podia encontrar o telefone para atendimento da família das vítimas, se transcrevia as últimas notícias, debatia-se as razões do atentado, mostrava-se a lista de quem estava nas aeronaves, transcrições de organizações árabes contra o atentado e contra o linchamento midiático contra a sua cultura etc. Foram mais de 50 mil intervenções escritas na forma de fórum de discussão. Foi um verdadeiro espaço público que se constitui sem que todos estivessem presentes simultaneamente. (<http://fabiomalini.wordpress.com>)

Malini acredita que no momento do atentado a blogosfera entrava na sua fase informativa, como espaço público para debates, como se todos estivessem presentes, simultaneamente. Porém, um fato isolado ou algumas outras situações semelhantes não podem repercutir como uma nova forma de jornalismo, ou como acredita Malini que o jornalista será substituído por blogueiros. Temos sim um novo tipo de postagem que sai do individualismo, porém seguindo o mesmo padrão das grandes mídias repercutindo assuntos que causam comoção ou instigam desejos humanos, dos mais variados tipos. Independente de ser caracterizado como blog jornalístico ou não, ele segue na linha da cultura de massa, reproduzindo o cotidiano da mesma forma, talvez com menos filtragem, pois o blogueiro quer ter visibilidade na rede.

Mais que fofocas costumeiras, desabafos, exposições em rede, comoções nacionais ou tragédias de grande vulto, a rede de blogueiros acompanhou em blogs polêmicas que puseram em questão a liberdade de expressão, de vontades humanas.

O Jornal Folha de S. Paulo estampou em sua capa a notícia da prisão do blogueiro egípcio Abdul KarimSuleiman, condenado a quatro anos por tecer críticas ao islã e ao presidente egípcio, Hosni Mubarak. Um dos textos postados em seu blog, afirmava que a Universidade de Al Azhar, no Cairo, um dos principais centros de saber sunita muçulmana,

promovia idéias extremistas; em outro, acusava muçulmanos de selvageria durante confrontos entre muçulmanos e cristãos em 2005. (FOLHA DE S. PAULO, 23/02/07)

Esta rede de informações atinge várias camadas, porém as notícias que mais se tornam comentadas são justamente as que perpassam o caminho da superficialidade humana ou estão na mídia jornalística; está na TV, nos jornais, está também nos blogs. As informações que circulam pela Internet, em grande parte, não passam de banalidades. O cotidiano individual se transforma em mercadoria, a informação difundida é fragmentada, muitas vezes descontínua, emissor e receptor alternam papéis quase sempre sem a menor preocupação ao escrever. Todos esses fatores tornam o terreno fértil para a produção dos desabafos, das frustrações, medos, ansiedades, alegrias, tristezas que celebram o cotidiano da humanidade.

Temos na rede uma sociedade que tenta estabelecer um novo tipo de relação, ou seja, “quero ser visto na rede”. Esta visibilidade vem desde a contagem do número de acessos às páginas pessoais até exposições de intimidades que provocam e repercutem junto ao mundo virtual. Estar conectado por horas não significa de maneira alguma que o sujeito aproveitou para aprimorar o conhecimento ou analisar situações expostas. Na maioria das vezes, as possibilidades “encantadoras”, as armadilhas tecnológicas fazem o navegar fluir em meio a imagens, sons, e possibilidades interativas.

A internet é um forte elemento da cultura de massa que tem na diversão uma aliada. Neste espaço, podemos não pensar, esquecemos a dor, a realidade perversa se apresenta na naturalidade, ou seja, fatos da realidade vistos na rede figuram como filmes, cujos personagens são explorados e expostos sem o menor pudor. Basta lembrar das catástrofes: primeiro o mundo celebra a dor, em seguida, fatia a mesma e distribui pela rede em cenas grotescas.

Absorvidos, a maioria dos internautas confunde realidade com ficção, e passa horas acreditando que todo o saber humano está democraticamente exposto na internet. Não pensa, não questiona, pois a tecnologia não veio para todos, serve a poucos e estes dão ao sujeito muita diversão para alienar seu pensamento. Vamos comprar, jogar, olhar, presenciar nossa mais cruel realidade. Se tudo é imagem, a tecnologia se apresenta para que a imagem iluda nossos pensamentos e a fome não seja sentida.

Não podemos afirmar que tudo o que circula na rede é ruim, pois existem muitas tentativas de melhorar a sociedade e de expor mais que a cultura de massa, porém diante do universo de informações, o que predomina é a força do discurso midiático.

Comida

Titãs

Bebida é água
 Comida é pasto
 Você tem sede de quê?
 Você tem fome de quê?

A gente não quer só comida,
 A gente comida, diversão e arte
 A gente não quer só comida,
 A gente quer saída para qualquer parte
 A gente não quer só comida,
 A gente quer bebida, diversão, balé
 A gente não quer só comida,
 A gente quer a vida como a vida quer

Bebida é água
 Comida é pasto
 Você tem sede de quê?
 Você tem fome de quê?

A gente não quer só comer,
 A gente quer comer e quer fazer amor
 A gente não quer só comer,
 A gente quer prazer pra aliviar a dor
 A gente não quer só dinheiro,
 A gente quer dinheiro e felicidade
 A gente não quer só dinheiro,
 A gente quer inteiro e não pela metade

3.2 “Navegar é preciso”

Neste mundo virtual, milhões de pessoas interagem e saber e ignorância se mesclam, quase sem fronteiras. O que interessa agora é discutir como uma parcela da sociedade, os universitários, faz uso da internet. Interessa pensar este cotidiano e o modo como circula a informação e o conhecimento junto de uma camada que a cada dia tem mais possibilidade de acesso ao cyberspaço. Se um blog surge a cada minuto e se temos tantas Instituições de Ensino Superior, está na hora de analisar como se apresenta a Internet a disposição dos sujeitos, especialmente, os universitários.

O jovem tem várias possibilidades de escolha, tem acesso aos inúmeros meios de comunicação e, assim, chega à universidade. Pensando nesses que estão matriculados em alguma instituição, pública ou privada, surgem questionamentos em relação ao que é “ser” universitário, seus pensamentos, suas escolhas, as influências do mercado na escolha

profissional. Também importante é a universidade escolhida, o corpo docente da instituição e o “saber” que se produz neste espaço, além da possibilidade do uso da WEB como ferramenta de estudo.

A maioria dos jovens que ingressa na universidade tem alguns propósitos: buscam conhecimentos e técnicas, formação profissional para conseguir emprego, para vencer na vida, ou seja, buscam ao final a inserção no mercado. Para caracterizar este modelo de universitário, em sua maioria de instituições privadas (80% das IES pertencem à rede privada), é importante, em primeiro lugar, saber como se dividem os IES na atualidade:

Não há dúvida de que a identificação de formas como se organiza o campo da Educação Superior é fundamental para a compreensão mais aguda de qualquer processo que se queira investigar neste nível de educação. Para efeito de nosso estudo, parece necessário optarmos por caracterizar as IES em função de sua posição relativa no campo da Educação Superior, considerando sua produção intelectual, sua relação com a sociedade e o tipo de estudante que atendem. Assim, reconhecemos cinco perfis de universidade: 1. as universidades centrais, que se constituem em referência tanto do sistema como para a sociedade, todas públicas, normalmente localizadas em metrópoles e com forte produção acadêmico-científica; 2. as universidades públicas regionais, estaduais ou federais, com relativa produção científica e fundamentalmente vinculadas ao desenvolvimento regional; 3. as universidades confessionais e comunitárias históricas, com presença política significativa no meio acadêmico e razoável produção científica; 4. as universidades particulares de periferia de grandes centros urbanos, voltadas principalmente para assistir ao mercado emergente e organizadas na forma de grandes centros educacionais, sem desenvolvimento de pesquisa; e 5. os cursos superiores isolados de interior, sejam instituições públicas, fundações ou empresas privadas, atendendo clientela local e sem produção acadêmica relevante. (BRITTO, 2005, p. 110)

A partir desta categorização, Britto analisou os hábitos de leitura de estudantes da Universidade periférica, ou seja, estudantes que dividem as horas de estudo com horas no mercado de trabalho e que possuem uma formação cultural restrita. Algumas conclusões podem ajudar a montar o perfil do que é ser estudante universitário:

1. O primeiro elemento que se destaca no comportamento de estudantes pesquisados é a *associação direta entre estudar e cumprir tarefa escolar*. Com maior ou menor ênfase, os estudantes reconheceram que seus estudos se fazem em função do que determinam os professores, no que concerne tanto a que estudar, como a quanto e quando estudar. Assim, tendem a valorizar mais as matérias em que os professores mais exigem e dar menor atenção àquelas em que o professor cobra menos.
2. Apesar de afirmar que estudam por obrigação, os entrevistados enfatizam que este é um fator inibidor e sugerem a necessidade de mais incentivo e liberdade. Esta situação paradoxal se explica, por dois motivos, relacionados à concepção instrumental da aprendizagem: o primeiro, de natureza motivacional, implica o grau de investimento subjetivo na tarefa: mesmo que conduzida pelo docente, os estudantes esperam se envolver com o que fazem e encontrar aplicação em suas vidas profissionais. A segunda resulta da não explicitação das finalidades de estudar, isto é, do fato de o estudante não controlar o processo e não estabelecer relação entre o objeto de estudo imediato e as ações que realiza.
3. Com relação ao modo como percebem os objetos de estudo, os estudantes apresentam *concepção instrumental do conhecimento*: aprendem-se conteúdos fixos, estabelecidos em outra instância. Isto explica a pouca atenção dos estudantes quanto à autoria dos textos e ao baixo investimento na constituição de acervos pessoais.

Como se trata apenas de incorporar definições, procedimentos e valores, sem indagar sobre questões epistemológicas, é o modelo de aprender para fazer que predomina. (...)

5. A principal atividade de estudo é a leitura, como parte de realização de uma tarefa escolar. Não parece haver interlocução com o autor nem inserção de sua exposição num corpo teórico maior. No mais das vezes, a leitura se encerra no próprio texto, de modo que é o texto em si, e não o tópico de estudo, o elemento articulador da ação.

6. Para organizar os estudos realizados, os estudantes optam por cadernos ou fichários. Apenas quando a atividade estabelecida é a pesquisa (entendida na tradição escolar de buscar informação relativa a um tema definido) para apresentação de trabalho é que ocorre alguma busca de bibliografia além daquela que o professor determinou. (...)

9. Para a maioria dos estudantes, a experiência universitária se limita ao tempo-aula, o que os impede de avançar práticas intelectuais e de realizar atividades acadêmicas que possibilitassem uma reformulação mais aguda na forma de compreender o conhecimento, reforçando expectativas pragmáticas de senso comum. É forte o uso da fotocópia e da aula expositiva como instrumentos pedagógicos. Há uma relação de complementaridade em que se reproduz na Educação Superior um modelo de estudante que vê a universidade como lugar em que se prepara para o mercado de trabalho. (BRITTO, 2005, 123 a 125)

Este universitário corresponde ao padrão atual para o mercado que, em parte, absorve mão-de-obra especializada, com conhecimentos específicos e de fácil descarte. Por outro lado, uma das chances de se estabelecer ou se ligar a um mercado passa pela universidade.

A limitação do tempo de estudo é outra característica que dificulta a formação de um sujeito político durante a formação universitária. O estudo se restringe a uma pesquisa específica; o tempo na universidade se limita a hora-aula; os temas que não se identificam com a formação profissional, enfim, os conteúdos são encurtados e os cursos aumentam. Para o mercado educacional é importante que o estudante nunca saia dos limites da universidade: conclui-se um curso universitário, vai para a extensão; pós-graduação surge como novidade e, assim, anos e mais anos de pequenas especializações compõem o currículo inacabado para o mercado de trabalho.

A busca do universitário acaba limitada ao mercado de trabalho. Graduações novas são inseridas neste campo e os jovens correm em busca da realização material. Principalmente aqueles menos privilegiados que recorrem a bolsas de estudos, auxílio de ONGS ou do governo, no caso do PROUNI⁵. O sonho de ser um “doutor” é substituído por uma oportunidade de emprego, e se este for lucrativo, melhor ainda.

⁵ O ProUni - Programa Universidade para Todos foi criado pela MP nº 213/2004 e institucionalizado pela Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005. Tem como finalidade a concessão de bolsas de estudos integrais e parciais a estudantes de baixa renda, em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições privadas de Educação Superior, oferecendo, em contrapartida, isenção de alguns tributos àquelas que aderirem ao Programa.

O Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE) divulgou em junho/2007, a pesquisa *Perfil do Universitário da Região Metropolitana*⁶, que aborda aspectos socioeconômicos, político-ideológicos e culturais dos estudantes do ensino superior.

Realizada pela Toledo & Associados, os resultados mostram um retrato abrangente do estudante de nível superior da Grande São Paulo, incluindo renda familiar, importância das bolsas de estudo, relação com o dinheiro, hábitos de leitura e de lazer, crenças, consumo de bebidas alcoólicas, avaliação do ensino superior e perspectivas profissionais.

A pesquisa foi feita com 1.104 alunos de 40 instituições de ensino (12% públicas e 88% privadas). Entre os dados apurados, foi possível identificar que o universitário da Região Metropolitana de São Paulo tem idade média de 25 anos e a maioria (75%) mora com os pais. Deste total 76% possuem bolsa de estudos; a renda média familiar dos que possuem bolsa é de R\$ 2.867,61; dos que não a possuem, R\$ 4.417,75.

Com relação à renda, o levantamento mostra que 56% dos universitários conseguem aumentar sua renda pessoal durante o período em que cursam o ensino superior. Em média, a renda mensal salta de R\$ 743,50 no primeiro ano de faculdade, para R\$ 1.158, 28 nos três últimos anos do curso, provando o impacto da escolaridade na remuneração.

Outro dado indica que, para 60% dos entrevistados, os principais problemas do Brasil são: a corrupção no governo e no Legislativo (60%), a crise educacional (55%), a violência urbana/criminalidade (49%) e o desemprego (40%). Durante o período que cursam a universidade, 9% dos universitários passam a ler jornal frequentemente. Porém, durante os três primeiros anos de universidade, 7% deixam de ler revistas e retomam esta prática somente nos últimos anos(11%). Tomando como base apenas o princípio (77%) e o fim do curso (81%) houve um aumento de 4%.

Foram citados, ao todo, 383 livros para que os universitários escolhessem os que mais influenciaram sua maneira de pensar. Nenhum, afora os citados a seguir atingiram 2%: a Bíblia, 12%; O Pequeno Príncipe, 8%; 1984, 5%; O Manifesto Comunista, 4%; Admirável Mundo Novo, 3%; Não sabe/Não se lembra, 3%; Cem Anos de Solidão, 3%; O Monge e o Executivo, 2%; Nenhum, 33%; Outros, 34%.

Quanto à avaliação do ensino superior, 4% avaliaram como péssimo; 34%, regular para bom; 27%, bom e 1% , ótimo. Dentre os aspectos positivos, 3% apontam que saem da universidade preparados para o mercado de trabalho; negativo, muitas vagas com pouca

⁶ Cf. www1.folha.uol.com.br/folha/dimenstein/PERFIL

qualidade de ensino (3%). As razões para a satisfação do estudante estão atreladas ao mercado de trabalho, os que se dizem satisfeitos e bem preparados somam 14%.

As razões para a escolha do curso se distribuem da seguinte maneira: 61% por vocação; 13%, estabilidade; 10%, por já trabalhar na área; 9%, por apresentar um campo maior de atuação; 8%, para aperfeiçoar conhecimento; 7%, por ter familiares na área e 4%, pelo retorno financeiro. Dos 61% que dizem ter feito a escolha baseados na vocação, é importante salientar que 65% destes são estudantes do período diurno e não trabalham, pois pertencem a faixa familiar de renda é diferenciada. Os outros dados estão presos à questão financeira direta ou indiretamente.

A pesquisa também levantou dados sobre os hábitos na internet e chegou a um resultado importante: é mínima a influência que a universidade traz no incentivo ao acesso a internet, pois praticamente todos os universitários já utilizavam este veículo antes de iniciarem seus cursos: 1º ano, 96%; 2º e 3º anos, 98%; 4º, 5º e 6º anos, 97%.

Destes estudantes, 97% possuem computador em casa com acesso à internet. Estes acessos se distribuem da seguinte maneira: 84% utilizam em suas residências; 66% , na universidade; 34%, no trabalho. O Google (21%) é o espaço da pesquisa; 20% possuem Orkut. O UOL é o provedor de estudantes 12%, seguido do Terra, com 9%, do Yahoo, com 8%, o Hotmail, com 5%, e IG, com 4%.

Os hábitos mais frequentes são: Orkut ,75%, sendo 81% entre a classe A; e o MSN, 82%, sendo 90% da classe A e 70% da classe C e D; os chats, salas de bate papo somam 11%. As compras pela internet somam 33% sendo 46% destes pertencentes à classe A.

Para detectar o que leva centenas de alunos a frequentar todos os anos os cursinhos da cidade de Sorocaba em busca de uma formação superior e o medo que envolve essas escolhas, realizamos uma ligeiro levantamento em um cursinho da cidade, no ano de 2006, cuja clientela é formada basicamente por operários da indústria e do comércio. São 236 alunos matriculados que pleiteiam uma vaga e uma possível mudança de vida (basicamente financeira). Grande parcela dos alunos vem de famílias cujos pais não concluíram o ensino médio, moram em bairros afastados e têm renda per capita de um a dois salários mínimos.

Dos 236 alunos, 182 responderam o questionário proposto. As respostas serviram de base para analisar o que pensa o estudante ao entrar em uma faculdade. A pesquisa não norteia nosso trabalho, porém a noção de universidade presa às questões sociais como facilidade de acesso, necessidade mercadológica e capital cultural do estudante repercutem na sua escolha. Alunos com baixo poder de compra e capital cultural reduzido, optam por universidades particulares (periféricas) ou pleiteiam universidades públicas da própria cidade,

pois têm de se manter empregados. Assim, reservam algumas horas do dia para a prática do estudo pensando em um futuro melhor. A principal razão apontada pelos entrevistados para continuar os estudos foi a questão financeira: 91% disseram que a escolha possibilitaria uma vida melhor, para eles e para a família. 19 eram casados, o que aumentava a responsabilidade.

- A maioria, 78%, quer ficar em Sorocaba, pois o trabalho é necessário para se manter na Universidade;
- Desses 78%, 59% optaram pela FATEC por exigência da empresa (voltam a estudar muitas vezes por que o chefe os obriga);
- 6% querem PUC – Enfermagem, pois já são auxiliares de enfermagem, com cursos técnicos, trabalham no hospital da Universidade e, se aprovados, terão isenção de mensalidade;
- 5% querem UNESP/Sorocaba pelo prestígio de uma escola pública junto à facilidade e à comodidade;
- Os demais optaram pelas várias Instituições de Ensino Superior de Sorocaba;
- Os 22% que buscam uma Universidade fora da cidade de Sorocaba, querem UNICAMP, USP, UFSCAR, UEL, nos mais variados cursos desde as licenciaturas até as carreiras de engenharia, medicina, odontologia;
- Dessa maioria trabalhadora que busca uma universidade o faz pensando em melhoria de vida, aumento de salário e prestígio social;
- Fazem cursinho para entrar em IES cujo vestibular é bastante “elástico” (nas propagandas veiculadas pela mídia é fácil notar a “caça” ao aluno – “agende o seu dia”, “tenha uma nova chance”, “segundo vestibular da universidade X”, “escolha hoje o seu futuro”) e permissivo. Mesmo diante desse “comércio educacional”, esses alunos se assustam e precisam de ajuda porque o seu conhecimento de mundo, o seu “capital cultural” é reduzido e restrito. Outro dado é que 100% destes alunos vêm de escolas públicas da região.

Fica nítido o que acontece durante a vida universitária. As diferenças começam na seleção do futuro curso (ora pelo “poder de compra”, ora pelo “capital cultural”) e se estende até a formação final. Não se pode ignorar que existem Universidades que juntam poder aquisitivo e intelectualidade e são excelentes os resultados, pois estamos nos referindo à elite estudantil. Não é difícil perceber que o ingresso em certas instituições particulares se torna o

meio mais fácil de conseguir um diploma. Conseqüência disso é a má formação. Ao estudante restam instituições cujo critério de seleção nem sempre exige base formadora.

Entre alunos das “universidades periféricas”, existem exceções, que, além de um diploma, buscam formação política e cultural, interessando-se em ampliar seus conhecimentos, interagindo com associações, bem como professores e compõem grupos de pesquisas espalhados pelo país. Estes se tornam mais politizados e desenvolvem o poder do discurso, conseguindo muitas vezes sair da limitação em que viviam.

Mais que pesquisar, o estudante passa horas diante da Internet socializando com desconhecidos em chats⁷, MSN, ORKUT⁸, atrativos da era da informática. Colóquios intelectuais, discussões acaloradas sobre política ou a expressão da subjetividade humana que há algumas décadas ocorriam em grêmios universitários têm sido trocados por horas dedicadas a personagens fictícios de um mundo virtual. Envolvido em sua individualidade, os universitários passam horas num espaço virtual, trocando conversas, fazendo amigos e namorando, criando vidas paralelas. Há os que contam seus segredos, invadem bancos, burlam sistemas sofisticados de segurança. Alguns trocam qualquer contato humano por uma novidade na rede. Para muitos, é um espaço para conquista deste território, pois há muitas possibilidades de cometer atos ilícitos sem mostrar a face. Na internet, todas as “vontades” humanas se revelam e o que se apresenta neste mundo, muitas vezes, é um sujeito sem as máscaras sociais, portanto o ser bruto vem à tona. Nos caminhos para o conhecimento via www, o estudante passa por armadilhas, a disposição e anunciadas pelos provedores. Refinar esta busca, desenvolver pesquisas, sair do senso comum, das banalidades é o primeiro passo para a vida universitária.

É razoável postular que, independente da IES, um mundo de possibilidades se abre e o saber começa a se definir em maior ou menor grau. Nas universidades públicas, nos grandes centros de pesquisa, o estudante tem o privilégio de uma formação mais completa, menos limitada ao saber para o mercado. Na grande maioria das IES, porém, a carga de conhecimentos se restringe a especificidade necessária, ao saber direcionado.

Durante as aulas há referências constantes pelos professores a *sites*, trabalhos para consultar, universidades e bibliotecas *on-line*, jornais do mundo todo, museus, enfim, algum conhecimento distribuído em rede.

⁷ Chat ou sala de bate-papo é um serviço oferecido por inúmeros servidores pelo qual os usuários podem conversar com várias pessoas ao mesmo tempo. Para utilizá-lo não é necessário nenhum software especial, basta apenas o navegador (*browser*) que usamos para navegar na internet.

⁸ O orkut é uma rede social filiada ao Google, criada em 19 de Janeiro de 2004 com o objetivo de ajudar seus membros a criar novas amizades e manter relacionamentos. Seu nome é originado no projetista chefe, Orkut Büyükkökten, engenheiro turco do Google.

O tipo de comunicação que nos interessa são os blogs, um aperfeiçoamento dos sites, mais fáceis de serem produzidos, pois o internauta não precisa de conhecimentos em informática, e que seduz pela possibilidade do anonimato associado à visibilidade, da ausência de critérios para levá-lo ao ar, além da possibilidade jornalística: o blogueiro tem sido apontado por alguns como o jornalista da rede. A interatividade também atrai este público que se junta em comunidades linkadas aos mais variados pontos da rede. Assim, o blogueiro se vê conectado a outros blogs cujos interesses são relativamente próximos.

3.3 Eu blogo, tu blogas, nós blogamos

Ter um blog não é algo tão comum quanto ter ORKUT ou MSN, porém a prática tem crescido e é freqüente encontrar blogueiros com Orkut. Escolhemos os blogs produzidos por estudantes universitários para pesquisar porque neste caso há uma produção textual a ser avaliada, principalmente a questão do conteúdo produzido na rede. Neste ponto, além do histórico do blog, vamos mostrar alguns dos inúmeros tipos encontrados, e as possibilidades educativas de seu uso; se no Brasil esta prática está começando, em países como Portugal, Espanha e EUA os blogs, monitorados ou feitos por professores, já são uma ferramenta educacional.

Os blogs se espalham pelo mundo de uma maneira alucinante. Esta nova mania dos internautas deve ser analisada, pois é um conjunto significativo de textos que são produzidos na rede, com algumas características novas as quais valem a pena ser estudadas.

Segundo a Technorati, há um tráfego de 50 milhões de blogs. A blogosfera é 100 vezes maior que era há três anos. A cada 6 meses e meio a blogosfera dobra de tamanho. Cerca de 175.000 novos blogs são criados a cada dia; em média, 2 blogues são criados a cada segundo. Os blogueiros produzem juntos 1.6 milhões de posts por dia, ou 1,8 posts por segundo. (<http://ciberjornalismo.com/pontomedia/?p=1303>)

Rebecca Blood (http://www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html) descreve a trajetória dos blogs. Sintetizando: em 1998 havia apenas alguns poucos sites hoje identificados como weblogs (termo criado por Jorn Barger em dezembro de 1997). O termo surgiu a partir de duas palavras: WEB e log (espécie de diário de bordo dos navegadores que anotavam as posições do dia). Com sua popularização, foi abreviado para blog. Jesse James Garret, editor do Infosift (<http://www.jjg.net/retired/infosift/>), começou a compilar uma lista de sites como o dele à medida que os encontrava em suas navegações WEB. Em novembro

daquele ano, enviou a lista para Cameron Barrett, que a publicou no Camworld (<http://www.camworld.com/>); outras pessoas que mantinham sites similares começaram a lhe enviar suas URLs para que as incluísse na lista. No começo de 1999, estavam listadas apenas 23 páginas deste tipo.

De repente, surgiu uma comunidade. Era fácil ler os weblogs na lista de Cameron, e a maioria dos interessados lia. Peter Merholz anunciou, no começo de 1999, que nomearia estes sites “wee-blog”, passando depois para “blog”, sendo seu editor um “blogger”. Assim, muitos começaram a criar seus blogs. A pequena lista se tornou impossível de ser acompanhada e as comunidades começaram a surgir. Outros blogueiros fizeram o mesmo.

O crescimento continuou, até que, em julho de 1999, Pitas, o primeiro serviço gratuito para publicação de blogs, apareceu. Em pouco tempo apareceram centenas. Em agosto, a empresa Pyra lançou o Blogger, e também foi lançado o Groksoup. Com a facilidade que esses serviços ofereciam, o que começara pequeno, tornou-se uma explosão. No final de 1999, o desenvolvedor de softwares Dave Winer lançou o Edit This Page, e Jeff A. Campbell o Velocinews. Todos esses serviços eram gratuitos e feitos com o intuito de habilitar indivíduos a publicar seus weblogs de maneira rápida e fácil. Os weblogs originais eram sites direcionados a links, uma mistura em proporções iguais, de links, comentários, e observações e artigos pessoais, porém os weblogs só poderiam ser criados por pessoas que já sabiam como construir um site na web.

Um editor de um weblog era alguém que havia aprendido HTML sozinho ou alguém que trabalhava criando sites comerciais durante o dia e passava suas horas vagas surfando pela WEB e publicando seus achados em sites pessoais. Eram entusiastas da WEB.

Muitos dos weblogs atuais seguem esse modelo original. Seus editores publicam links para os lugares mais obscuros da WEB ou para notícias ou artigos que eles acreditam valer a pena; escolhem as mais intrigantes, as mais estúpidas e as mais cativantes notícias.

Seja como for, o *weblog* surgiu como uma ferramenta simples de criar conteúdo dinâmico em um *website*. É baseado principalmente em dois aspectos: **microconteúdo**, ou seja, pequenas porções de texto colocadas de cada vez, e **atualização freqüente**, quase sempre, diária. Os *blogs* são geralmente organizados em torno do tempo (Johnson, 2002, *online*). A mais nova atualização vai sempre no topo do *website*, com data e hora. As atualizações são feitas em pequenas porções, chamados *posts*.

Os *weblogs* atuam como versões mais dinâmicas dos *websites* pessoais. E, com os *websites* pessoais, dividem as mesmas críticas: são experiências de publicação amadoras, muitas vezes produtos narcisísticos e exibicionistas. São geradores de conteúdo pessoal. E, como os *websites* pessoais, podem ser classificados em um sem-número de categorias. (RECUERO, 2003, p.2)

A diferença essencial entre um blog, um site ou uma página está na facilidade de atualização. Diante de tantas possibilidades, este meio de comunicação se espalha no espaço virtual. Agrupam-se de acordo com sua identidade: *blogs* estudantis, de baladas, de desabafo, institucionais, enfim, poluem e informam a rede ao gosto de seu produtor. Recuero analisa esse fenômeno como “experiências de publicações amadoras, muitas vezes produtos narcisísticos e exibicionistas” (RECUERO, 2001). Por serem resultados de experiências pessoais, podem ser classificados em uma infinidade de categorias, porém Recuero os dividiu em três:

Diários eletrônicos: são blogs cuja função é expressar pensamentos, fatos e ocorrências da vida pessoal, como um diário. Não traz notícias ou informações, pois é meramente um ponto de desabafo ou expressão pessoal;

Publicações eletrônicas: blogs que se destinam principalmente à informação, trazem notícias, dicas e comentários sobre determinados assuntos. Comentários pessoais são evitados;

Publicações mistas: são os que misturam informações pessoais com notícias dicas e comentários, de acordo com o gosto de quem o produziu.

Em 2003, Recuero (2003, p. 4) retoma sua classificação e passa a cinco categorias: **diários** (vida pessoal, fatos do dia a dia, opiniões do autor); **publicações** (apresentam informação de modo opinativo); **literários** (produção de ficção, crônicas, poesia); **clippings** (compilam outras publicações e não apresentam opinião do autor); e **publicações mistas** (mistura de posts pessoais com posts informativos).

Meio de interação virtual, os *blogs* ultrapassam as fronteiras e cada um pode se tornar um “jornalista” a seu modo, sem restrições (pelo menos é o que se intitula) e aberto, como páginas de um diário em construção e opinativo. “**Um big Brother da Internet:** dinâmico, interativo e instigante. Quem mantém um blog pessoal com a intimidade diariamente exposta pode ser visto por todos.” (MARCUSCHI, 2005, p. 61)

E o que realmente são os *blogs*? Em dois dos maiores *sites* brasileiros, destinados à produção de *blogs*, encontram-se as seguintes definições:

O **Blog** é um diário digital na Internet que pode ser visto por qualquer pessoa. (BliG – o *blog* da IG – <http://blig.ig.co.br>)

Webblog é um diário virtual, onde você poderá disponibilizar pensamentos, idéias e tudo o que você imaginar na Internet. (Weblogger Brasil – <http://weblogger.terra.com.br>)

Na maioria das definições encontradas, a palavra “diário” acompanhava, porém é necessário salientar que este diário difere da concepção de páginas secretas, segredos trancados até a morte. Ao contrário, temos um quase registro diário de pensamentos, idéias, informações, imagens, compartilhadas na rede. Os blogueiros possuem os mais variados

perfis sociais, idades e escrevem sobre temas que lhes interessam. Na blogosfera muitos buscam a visibilidade outros, um mero desabafo.

Em outubro de 2004, o *Jornal do Blogueiro*, um blog cuja finalidade é, entre outras, divulgação de dados sobre essa mídia, quis saber o perfil do blogueiro brasileiro, uma vez que a maioria das pesquisas só tratava do blogueiro americano. Não sabemos da confiabilidade destas informações, porém, dada a ausência de pesquisas na área, tomaremos estas informações como base.

A pesquisa aponta que 66,92% da blogosfera brasileira é constituída de mulheres e 33,8% de homens; 10,52% possuem entre 14 a 18 anos (14 anos foi a idade menor a participar desta pesquisa e 63 a maior); de 19 a 23, 21%; de 24 a 28, 25,21%; de 29 a 33, 20,16%.

Muitas definições encontradas, inclusive em revistas tratam blog como diário adolescente, mas os dados revelam que esta parcela não é tão significativa. Encaixá-lo na categoria de produção adolescente pode ser um erro se pensarmos em idade, porém se analisarmos o conteúdo desta postagem percebemos a imaturidade da notícia ou do desabafo exposto. A maioria dos autores separa estas produções por temática. A questão da produção adolescente pode ser decorrência da temática adolescente, infantil com ausência de maturidade ao escrever; outro fator poderia ser a similaridade em relação ao que acontece na vida adolescente: contar nas páginas de um diário os fatos de seu crescimento; ou uma avaliação precoce do processo logo nos primeiros registros.

Por outro lado, de 19 até 28 anos (o que poderíamos considerar a idade universitária “padrão”), estão 46,21%, quase a metade da blogosfera entrevistada, Este dado é importante na medida em que buscamos o perfil do estudante e o que produz fora dos muros da universidade. Justamente esta produção será o foco dos estudos.

Quanto ao tipo, mais da metade dos participantes classificam seu blog na categoria "Pessoal"(53,38%); 16,94% o classificam como "Variedades"; os "Temáticos" representam 14,40% e 5,93% seriam "blogs de humor".

Os blogs "profissionais" representam apenas 2,54%, assim como os de "Debates" e "Notícias", que, juntos, somam apenas 1,69%. Esta porcentagem é interessante se pensarmos na afirmação de que todo blogueiro é o jornalista atual quando nesta análise este tipo de postagem acaba sendo a menor de todas. Os blogs pessoais talvez se encaixassem na categoria de Recuero, como Diários eletrônicos e representam a maior parcela. Outros tipos de blogs somam 5,08%.

Quanto à indagação “de onde costuma postar?”, a maioria (72,64%) bloga de casa; 16,03% bloga tanto de casa como por vezes do trabalho. 2,83% blogam de casa, do trabalho

ou de um cybercafé e 2,83% blogam da escola ou Universidade. Este dado pode ser confrontado com um anterior, pois os que blogam de casa pertencem à camada em torno de 14% da sociedade que possuem computador, possivelmente com escolaridade e poder aquisitivo além da média brasileira.

O blog tem seu valor, para os adeptos a este tipo de comunicação, justamente por sua rapidez ao divulgar algo. Porém, o que se revelou nesta pesquisa é que apenas 20,9% dos entrevistados atualizam suas páginas diariamente. E é por não atualizarem diariamente que deixam de ser interessantes, pois o que atrai o receptor é a quantidade de posts que se faz e sua atualização constante.

91,11% permitem comentários em seu blog e visitam outros blogs. Motivo maior para fazer isto: mostrar o quanto escreve bem; outro motivo é ter amigos (33% dos comentários vêm de amigos). Quanto à banda larga, 62,79% possuem banda larga, enquanto 37,21% sofrem para manter seus blogs atualizados. (<http://www.jornaldoblogueiro.blogspot.com.br/>)

É importante pensar sobre estes dados, pois estamos diante de uma forma de escrever que se espalha de forma rápida e fácil, principalmente entre universitários cujos cursos escolhidos estão relacionados à comunicação ou informática como é o caso do Jornalismo, Comunicações, Web Design, Sistemas de Informação, Letras, entre outros.

3.4 Alguns tipos de blogs

Somos todos capazes de produzir e reproduzir mensagens na rede. Não há necessidade de conhecimento específico para montar um blog e isso estimula sua produção. Escolas adotam o novo estilo, professoras fazem do blog um tira dúvidas onde a interatividade é o maior argumento, pois os alunos podem participar da produção além do exercício, com jogos para aprender, reflexão temática, entre outros. Alguns professores têm se aproveitado da tecnologia e criam estes espaços. O professor André Azevedo Fonseca, da Universidade de Uberaba, criou um blog dos alunos de Comunicação Social (<http://triangulohost.com.br/webfolio/>) que funciona como webfólio da matéria.



Fig. 4 – Webfolio – Blogs acadêmicos dos alunos de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

Neste espaço, aprende-se o que é este blog, qual a linha de pesquisa, além de linkar a produção dos alunos nos dois semestres de 2006 e 2007. O professor tem seu blog pessoal, existem os destaques entre as produções, além de um artigo produzido por Fonseca em que é avaliada a importância de um Webfólio (FONSECA, 2007). No artigo, explicitam-se os objetivos e porquês da escolha, os caminhos para montar um blog, como enviá-lo ao professor, a importância da atualização diária, pois não existe o dia da “visita” e da avaliação final do projeto:

Tendo em vista as especificidades no desenvolvimento de uma avaliação inspirada na estratégia do portfólio adaptada às contingências do diário virtual na Internet, a experiência parece ter surtido os seguintes efeitos principais:

- a) A maioria dos alunos de Comunicação Social, e sobretudo aqueles que não conheciam as ferramentas de confecção de blogs, familiarizaram-se com a lógica do diário virtual no decorrer do semestre e mostraram-se interessados em explorar as possibilidades de sua linguagem.
- b) O registro e a atualização sistemática dos blogs contribuíram para que os alunos tomassem consciência da progressão de seu desenvolvimento intelectual em relação às discussões da disciplina. No final do semestre, cada um construiu praticamente um resumo em tópicos de alguns dos principais assuntos tratados em sala de aula.
- c) O diário virtual proporcionou uma oportunidade a mais para que os estudantes realizassem reflexões complementares sobre sua experiência universitária, suas indagações acadêmicas e inquietações intelectuais. O produto final foi interessante também como um diário que registrou suas vivências emotivas e existenciais no curso durante o semestre.

d) Apesar da pouca interatividade entre os alunos observado nesta experiência em particular, o blog acadêmico parece ter o potencial de promover maior discussão teórica entre os colegas.

A adaptação do portfólio para o blog não parece capaz, entretanto, de substituir processos de avaliação mais completos, como o próprio portfólio impresso. O blog possui limitações estruturais, tais como questões relacionadas à extensão do texto e à capacidade de armazenamento de informação — características próprias dessa forma de linguagem digital. Não obstante, além de sua dimensão motivacional, o blog parece funcionar eficientemente como uma instância complementar de organização dos estudos e de conscientização do processo intelectual. (FONSECA, 2007)

As conclusões de Fonseca nos interessam em alguns pontos como:

- A confecção dos blogs auxiliou nas “reflexões complementares sobre sua experiência universitária, suas indagações acadêmicas e inquietações intelectuais”, neste caso, o webfolio serviu, na visão de Fonseca, como ponte para uma reflexão de mundo, uma complementação dos estudos universitários. Um estudante universitário, para produzir este conhecimento, tem de disponibilizar algumas horas de seu dia para a leitura e, posterior apresentação em uma página daquilo que selecionou;
- Houve “pouca interatividade”, porém promoveu uma “maior discussão teórica entre os colegas”. Neste ponto notamos que o princípio da interatividade (Pelanda e Pelanda, 2000) não se confirmou mesmo sendo estes universitários da mesma sala, ou seja, os blogs não revolucionam tanto quanto se propaga (Mallini, 2007), mas a prática fez com que alunos debatam e discutam teoricamente sobre o assunto durante as aulas desta disciplina;
- Os blogs foram auxiliares na motivação para os estudos da disciplina. Quanto se discute que falta ao universitário a conscientização intelectual, esta se apresentou bastante eficiente, segundo Fonseca.

Mesmo sendo objeto de avaliação, os blogs, na opinião de Fonseca, são excelentes ferramentas para sua matéria. Neste caso, o professor funcionaria como um mediador no processo de transmissão de informações e na assimilação do conhecimento.

Além da atualização sistemática, das possibilidades da linguagem, cabe ressaltar três pontos: em primeiro lugar, está a questão “das indagações acadêmicas e inquietações acadêmicas”, “a conscientização do processo intelectual”, observadas por Fonseca, pois este é traço distante da vida universitária atual, presa no individualismo e no utilitarismo (CHAUÍ, 2001; DIAS SOBRINHO, 2002, 2005; BRITTO 2005; GOERGEN, 2005); em segundo, destaca-se o estudo além do tempo das aulas, pois a reflexão e produção não podem ficar restritas a hora/aula; e, por fim, manifesta-se a falta de interatividade observada por Fonseca derruba um dos principais atributos do blog que é a possibilidade de comunicação de todos

com todos, emissor e receptor ao mesmo tempo. Talvez isso ocorra em virtude da presença da sala de aula, de um mediador e do fato de todos serem colegas, mas para avaliar isso precisaríamos saber mais sobre a aplicação do processo num todo.

Este tipo de comunidade formada por professores e alunos tem sido uma prática não só de Fonseca, mas também de Malini, que defende o uso desta ferramenta e na UFES desenvolve esta metodologia com seus alunos. As postagens, nestes casos, são bastante elaboradas pelos universitários que fazem desta prática um treino para o mercado de trabalho.

Neste momento torna-se importante uma reflexão: como os professores podem mediar a busca pelo conhecimento via internet? Esta possibilidade se apresenta em vários blogs pesquisados, por isso a reflexão e a exemplificação se fazem necessárias.

Antes de registrarmos casos brasileiros, vamos navegar pela web para visualizar o que tem sido feito em países como Portugal e Espanha. Vejamos este artigo, publicado num site (<http://weblearner.info/?p=13>) produzido por três doutores: Dr. Carlos Castaño Garrido, pesquisa as novas tecnologias aplicadas à Educação; Dr. Gorka Palácio Arko, catedrático em tecnologias da informação; e Dr. Txomin Villarroel, na área de pedagogia:

Redes de blogs universitarios

Poco a poco, las universidades de todo el mundo irán incorporando las granjas de bitácoras o edublogs (blogs para la Educación) entre sus servicios para la comunidad estudiantil. Los primeros ejemplos ya se están viendo en los países desarrollados. La Universidad del País Vasco intentó ser pionera con la labor de este profesor que aquí escribe, pero la falta de ayuda me hizo repensar las cosas y organizar por mi cuenta para los alumnos mi propia red (Berriemaile), que ahora ya no está en activo por seguir sin ayuda. (...)

Este grupo ressalta o uso dos blogs como ferramenta, os edublogs, utilizados primeiramente pelos países desenvolvidos, mas que se formos pensar em democratizar o conhecimento, urge, na concepção destes educadores, que estes programas se espalhem pelo mundo, de forma efetiva e com a participação de universidades, professores e alunos.

Andrés Pedreño (<http://opiniones-personales.blogspot.com/>), também da Espanha, é outro defensor do uso dos blogs associados à educação. Seu blog traz artigos publicados por ele e links para outros espaços na rede.

Los campus virtuales y la enseñanza tradicional

Las universidades y otras organizaciones vienen creando desde hace algunos años sofisticados campus virtuales con utilidades muy avanzadas y servicios valiosísimos relacionados con las tareas administrativas y docentes de profesores y su comunicación interna con los alumnos.

En muchos de estos campus virtuales se desarrollan herramientas y prestaciones básicas siguiendo el modelo tradicional de la enseñanza universitaria.

(...) los campus virtuales no maximizaban aspectos tales como la interactividad, la capacidad de difusión y el desarrollo de otras capacidades formativas de enorme interés para los alumnos. En definitiva, algunos viejos hábitos, con sus virtudes y defectos siguen en gran medida vigentes. (...)

Los Blogs como herramienta universitaria

¿Es útil un blog en el ámbito de la docencia y actividad universitaria? De entrada hay que admitir su popularidad, su adopción masiva por los jóvenes, su gratuidad y su gran capacidad en la difusión de la información, constituyendo ya una componente en sí mismo del fenómeno de la globalización.

El aspecto más conocido ha sido su impacto en los propios medios de comunicación tradicionales. En su día fue muy difundida la irrupción de los blogs en las pasadas elecciones presidenciales en los Estados Unidos, tema que fue objeto de un controvertido análisis por la misma Fundación Heritage, advirtiendo de su potencial gran alcance.

El antecedente más directo de esta revolución espontánea, ya referida al ámbito universitario, lo constituye Universia's blog, una buena muestra de la capacidad estudiantil para asimilar una nueva herramienta que le es afín culturalmente hablando. También se percibe con claridad la idoneidad de los blogs para que los alumnos desarrollen sus capacidades comunicativas y aprendan a familiarizarse y asimilar las muy diversas fuentes de información existentes en la red.

Una experiencia personal: el blog “Globalización” (...)

Me limitaré a exponer algunas de las enseñanzas que tan solo a dos meses del inicio de esta experiencia percibo como muy positivas:

1. La mayoría de los alumnos adoptan con facilidad los blogs como una herramienta de trabajo participativa e interactiva, potenciando la comunicabilidad y la creación de una “comunidad de intereses” (el conocimiento de la asignatura), más allá incluso de los propios equipos de trabajo.
2. Se percibe un aprendizaje de la asignatura mucho más activo, frente a la pasividad usual de las clases convencionales. La información o enseñanza del profesor se comparte con la búsqueda de información interesante en Internet que es debatida, criticada o compartida por el conjunto de los alumnos y el profesor.
3. Los alumnos aprenden a buscar, depurar y contrastar la ingente cantidad de información existente en Internet, la captación y propuestas de temas no abordados y de interés para la asignatura (como por ejemplo el caso E.on - Endesa- GasNatural, surgido una vez ya iniciada la asignatura, o los interesantes debates e informaciones relativas al caso de la Innovación en la aviación mundial y globalización), aplicando conocimientos ya adquiridos.
4. Los estudiantes toman conciencia de la importancia de aprender a desarrollar la enorme capacidad de innovación del sistema (vía desarrollos *open source*) y las extraordinarias posibilidades que entraña su adopción y explotación.
5. Esta cuantiosa innovación en el mundo de los blogs, plasmada en multitud de desarrollos y herramientas, es una de las claves del enorme atractivo de los estos, frente a los “contenidos cerrados”, más estancados en su capacidad de introducir innovaciones. El alumno percibe la importancia de asimilar e innovaciones y el esfuerzo adicional a la generación de contenidos. que supone esta tarea. (...)

AndrésPedreño Muñoz Instituto de Economía Internacional Universidad de Alicante (PEDREÑO, 2006)

Pedreño não é somente defensor, mas um blogueiro ativo, possui 2 blogs e está em permanente contato com seus alunos que postam seus trabalhos em blogs pessoais. Como afirma, é possível ter a informação em tempo real, atualizar-se diante das novas tecnologias, a consciência por parte dos professores, alunos e universidade da importância das inovações para o desenvolvimento, além de ser uma ferramenta complementar às atividades de ensino e aprendizagem. As conclusões de Pedreño são muito próximas às apresentadas por Fonseca, pois ambos têm experiências de monitoramento deste saber em rede.

Em Portugal, encontramos grupos de estudiosos que defendem e fazem uso desta prática. A mediação destes educadores produziu blogs que contam com colaboradores

brasileiros, como o blog Jornalismo & Comunicação (<http://mediascopio.wordpress.com>), um projeto da Universidade do Minho. “O Mediascópio é um projecto de investigação do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade do Minho e está incluído na linha de investigação ‘Media e Jornalismo’”.

Alunos e Professores buscam notícias que são tratadas com regularidade e se dividem em “entradas mais populares”, que seriam as notícias que a mídia explora (Nasceu a Infanta Sofia, Dia Mundial da Liberdade de Imprensa) e em “Categorias”, que divide tematicamente estas expressões. A frequência ao blog é alta e o número de links é considerável; conta com arquivos das publicações, além de muitos comentários feitos a respeito dos posts:

Leituras sobre o futuro da Imprensa Abril 30, 2007

Posted by Manuel Pinto in Publicações, Jornalismo, Imprensa. [trackback](#)

A edição nº 97 da Chasqui, *Revista Latinoamericana de Comunicación* do Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina (Ciespal), com sede em Quito, Equador, inclui, nomeadamente, os textos seguintes:

- Los diarios frente al reto digital, *Ramón Salaverría*
- Desafíos de los diarios para no morir?, *Miguel Ángel Jimeno*
- Prensa: El reportaje, decadencia o apogeo?, *Sonia F. Parratt*

Comentários»

1. António Castro - Maio 2, 2007

A imprensa escrita, em profunda fase de transformação - ou morte -, deverá tomar consciência imediata da cristalização em que os seus quadros gestores caíram. Formatados ainda para a visão Guttenberg - já esbatida pelo tempo - do modelo jornalístico, falta-lhes repensar a actividade tomando como elemento participante o cidadão presente, interventivo e editor/produtor pessoal da sua informação, alimentando frequentemente, com conteúdos ricos em interesse e originalidade, páginas, blogs e comunidades electrónicas. Será assim tão complexo verificar que o “citizen journalism” é já uma realidade inegável? Será ousado pensar em jornais multimedia cujos leitores fornecem uma boa cota parte dos conteúdos que lêem? Não me parece. Parece-me sim que uma parte decisiva das estruturas produtoras de informação - os colaboradores - têm nas suas mãos actividades e projectos electrónicos 10 vezes mais avançados do que o melhor projecto do editor ou corpo gerente: salvem-se as excepções, desta acusação.

O pensamento do blog como fonte atual e atuante no jornalismo faz parte desta comunidade. Interessante é que o post traz poucas informações, porém direciona a links que possuem a função de esclarecimento. O leitor busca o que necessita e sua resposta é uma reflexão crítica sobre um momento exposto.

Não importa aqui a questão de se ser ou não jornalismo o que se produz em blogs; o importante é que esta comunicação se faz a todos e que a informação dá vazão a uma leitura crítica em tempos de economia de pensamento, ainda que num universo pequeno frente as grandes mídias.

O blog “Aula de Jornalismo” (<http://www.aulajornalismo.blogspot.com/>), das turmas de Jornalismo da Universidade do Minho, não pode deixar de ser citado. São sete colaboradores que, além de reportagens, fazem referência às questões da turma, com

trabalhos, congressos, notas, resultados. Além destas postagens gerais, o blog permite o acesso aos blogs das turmas e a blogs antigos. Também há blogs de referência como: Jornalismo e Comunicação, Atrium, Ponto Media, Contrafactos & Argumentos, Jornalismo.net e Blogouve-se, além de arquivos desde novembro de 2002.

Este blog pode ser classificado como de estudo, além da intenção jornalística, pois possui muito do que aconteceu em sala de aula e de leituras indicadas. Estas releituras da aula podem ser caracterizadas com um estudo fora do ambiente escolar, um passo mais reflexivo:

SEGUNDA - FEIRA , MARÇO 26 , 2007

Bloggers do 3º ano: tarefas para as Jornadas

Tal como foi referido na aula de hoje, é esperado que cada blogue do 3º ano publique pelo menos um post relacionado com as Jornadas de Comunicação Social que amanhã têm início. Todas as sessões podem ser objecto de reportagem, bem como aspectos relacionados com os bastidores, os corredores, os intervalos das sessões - desde que jornalisticamente relevantes.

A sessão com o o jornalista Bill Kovach será certamente um momento alto, sendo recomendável que a conferência e a sessão de perguntas que se seguirá seja aproveitada para colocar questões ao conferencista. Para tal, torna-se importante preparar as perguntas a fazer, através da leitura de informação sobre o perfil de Kovach e sobre o seu pensamento (cf. pistas no post anterior).

publicado por Manuel Pinto @ 6:03 PM 1 Comentário(s)

1 Comments:

At 2:40 PM, Jake said...

Olá!

Meu nome é Jaqueline, sou estudante do 1º período de jornalismo da Universidade de Uberaba- Brasil. Achei muito interessante o blog acadêmico de vc, e gostaria de manter contato! Visitem meu blog e deixem comentários! Lá está linkado todos os outros colegas de sala inclusive do professor responsável: André Azevedo (<http://azevedodafonseca.blogspot.com/>)

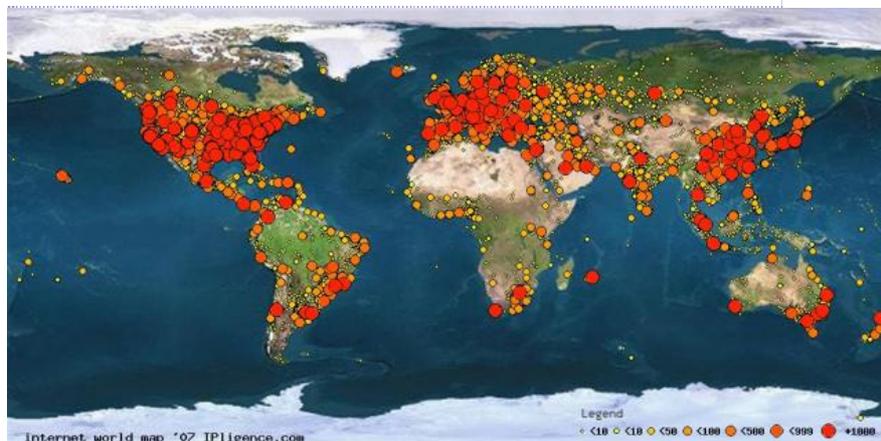
O tema é a aula anterior, reforçado com dicas de como proceder na captura de assuntos para os blogs individuais, um exercício de aprendizado. O que chama atenção é o comentário de uma estudante da Universidade de Uberaba que faz o mesmo trabalho no Brasil, tendo com mediador o Prof. Azevedo, já mencionado no capítulo 2. O endereço que a Jaqueline informa é o do blog do Prof. Azevedo cujos blogs dos alunos estão linkados. Este acontecido serve de ilustração do que as redes podem proporcionar, pois em um dos posts de Azevedo ele citou justamente o blog Aula de Jornalismo como bom exemplo de blogs auxiliando os estudos.

No Brasil, além do Prof Azevedo, o blog do Prof. Dr. Fábio Malini (<http://fabiomalini.wordpress.com/blogs-da-ufes/>) faz a ponte entre estudantes e seus blogs. Malini encerrou seu mestrado em abril/2007 e sua tese “*O Comunismo das Redes: sistema midiático p2p, cooperação em rede e novas políticas de comunicação na Internet*”, traz um capítulo inteiro sobre a Internet e os blogs. Malini defende o uso dos blogs como um meio de fortalecimento da mídia eletrônica e a deterioração das mídias atuais, como os jornais, rádios

e TVs. Independente deste uso, os blogs dos alunos de Malini seguem um padrão de seleção de temas, reflexões sobre o sujeito e a sociedade em que vive.

A segregação socioespacial no mapa mundial de acessos a internet Maio 2, 2007

Posted by Ezequiel Vieira in política, mundo afora, internet. [trackback](#)



A **perspectiva** de análise não me agrada e o que ele diz também não é exatamente uma novidade. Tanto que o que mais me chamou atenção no autor foi o estilo nada aveludado de escrita e de visão de mundo do que propriamente as análises que ele fez.

Logo lembrei de **Milton Santos** quando encontrei esse mapa.

A ilustração informa muito bem como se dá a distribuição dos acessos à internet mundo afora. Milton Santos argumenta que a **globalização**, potencializada pelas novas tecnologias, se contrói em torno de três fábulas que logo associo à internet - **desterritorialização, compressão do espaço-tempo e adeia global**.

Santos diz que tudo isso funciona muito bem sim, mas só para aqueles que já são incluídos, os **pontinhos vermelhos do mapa**, e não como forma de inclusão e exercício de **cidadania** - que para ele, nunca antes, e muito menos agora, se viu o exercício de tal conceito sendo praticado no Brasil.

A argumentação completa pode ser encontrada no livro **Por uma outra globalização**. Eis um trecho da **resenha** feita pela **revista Partes**

Para SANTOS, “a humanidade desterritorializada é apenas um mito” e que este não é um imperativo da globalização. Diferente das antigas brigas por territórios, os novos “desbravadores” usam ternos, não usam fardas — exceto em situações de conflitos tipo Afeganistão ou Líbano — e pregam do evangelho do livre-mercado.

O que de fato a globalização vem realizando é a violação das culturas locais e de suas diversidades, difundindo um saber único, na escola, na leitura, no entreterimento e nos mais variados costumes (alimentação, moda etc). É neste aspecto que a globalização tem sido mais perversa e violadora. “o território é hoje um território nacional da economia internacional” (SANTOS p.74)

“A globalização revaloriza os lugares e os lugares – de acordo com o que podem oferecer às empresas – potencializa a globalização na forma em que está aí, privilegiando a competitividade. Entre o território tal como ele é e a globalização tal como ela é cria-se uma relação de causalidade em benefício dos setores mais poderosos, dando ao espaço geográfico um papel inédito na dinâmica social” Não existe, portanto, o espaço global, senão apenas como espaço de globalização. O que existe é a fragmentação do território.

Leia também

[11/04/07](#) - Vitória organiza projeto de acesso livre a internet

[25/04/07](#) - Maplecrof Maps - descubra outra forma de ver o mundo

[09/04/07](#) - A liberdade que constitui

[24/10/06](#) - A vontade de potência encontra sua mídia

[Atina Chile](#) - Tesis sobre la Distribución de la Información en el Territorio

Imagem: [Atina Chile](#)

Comentários»

1. leticia goncalves - Maio 3, 2007

Esses dados são bons para jogar um pequeno balde de água fria nos entusiastas dos novos meios tecnológicos como se por si só eles fossem transformar a sociedade.

Como diria um certo professor “a tecnologia não é nem boa, nem má, ela simplesmente é. O que fazemos com ela é que faz a diferença”.



2. Ezequiel Vieira - Maio 4, 2007

Pois é Leticia, me segurei pra não citar esse certo professor. “o mundo não é obra de Deus nem do diabo, mas resultado de nossas ações”

É impossível negar o mapa e as análises de Milton Santos, mas ainda prefiro, sempre com o “risco” de ser chamando de negriano, a perspectiva propositiva e não de constatação que seja similar a de Negri

entre outras razões, foi por isso q meu primeiro link do leia tb foi “Vitória organiza projeto de acesso livre a internet”.

O post, as referências a Milton Santos, a trajetória do estudante ao avaliar um tema de outro blog por si só já demonstram sua inclusão no mundo. Porém, as reflexões feitas chamam mais ainda a atenção, pois vão de encontro ao pensamento do Prof. Malini, defensor das tecnologias digitais. Tanto o Ezequiel quanto a Letícia acreditam que só o acesso aos meios não poderá ser razão para a melhoria de um povo e muito menos para apagar diferenças, pois é impossível igualar os diferentes. (CASTELLS, 2001)

Existem experiências em universidades para associar informação à produção de conhecimento, sendo a maioria na área de Jornalismo e Comunicações. Encontramos também professores e alunos de Direito discutindo temas que surgem além do período escolar. É forte a questão da vontade de mudança: alunos, professores e universidades num trabalho conjunto para a formação de bons profissionais, conscientes de seu papel na sociedade.

Há muito que estudar a respeito da linguagem e da construção do sujeito sob as condições de produção das tecnologias digitais, porém o que interessa no momento são os “arquivos na rede”. Seu surgimento data de agosto de 1999 com a utilização do *software Blogger*, da empresa do norte americano Evan Willians. Dispensando o conhecimento especializado em computação, este *software* vinha atender um público popular que buscava publicar textos *on-line*. Sua facilidade é o grande atrativo. “A ferramenta permite, ainda, a convivência de múltiplas semioses, a exemplo de textos escritos, de imagens (fotos, desenhos, animações) e de som (música, principalmente). Atualmente, a maior parte dos provedores não cobra taxa para hospedagem de um *blog*”. (KOMESU, 2005, p. 111)

Por ser popular e gratuito, esse programa se espalha pela rede. Pessoas exibem sua vida particular e seu cotidiano. Anônimas, não exercem atividade que lhes dê destaque social, mas mantêm um *blog*. Em uma prática diária, um escrevente conta sua própria história e imagina escrever o que bem entende. Porém, as histórias pessoais são compartilhadas

abertamente. Estamos diante, talvez, de novas formas de administrar relacionamentos interpessoais.

Marcuschi (2005, p. 13) afirma que:

os ambientes virtuais são extremamente versáteis e hoje competem, em importância, entre as atividades comunicativas, ao lado do papel e do som. Em certo sentido, pode-se dizer que, na atual sociedade da informação, a Internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo. Se bem aproveitada, ela pode tornar-se um meio eficaz de lidar com as práticas pluralistas sem sufocá-las, mas ainda não sabemos como isso se desenvolverá.

Por todas as facilidades apresentadas e a série de recursos que esses espaços disponibilizam, fica mais fácil perceber por que o papel e a caneta estariam perdendo a vez. Acessar um blog é, no mínimo, estimulante, pois um dos pontos de atração do internauta são as possibilidades que se apresentam, tudo é muito rápido. No mesmo momento em que se ouve uma música, compra-se um perfume, baixa um programa, efetua uma pesquisa no Google. O limite é o da capacidade individual, pois a máquina suporta mais a cada dia.

Nos blogs, além do hipertexto, há a hipermídia (som, imagem, recursos gráficos) que tornam as produções um verdadeiro show midiático. O universo de recursos para ser explorado é praticamente infinito. São milhões de informações, muitas vezes desabafos, frustrações, alegrias, banalidades que convivem com temas teóricos, filosóficos, reflexivos, políticos.

O conceito de “comunidade virtual” é bastante explorado. Vamos nos valer dos dados apontados por Marcuschi que define comunidade virtual “como uma espécie de agregado social que emerge da rede *internetana* para fins específicos. Seriam pessoas com interesses comuns ou que agem com interesses comuns num dado momento, formando uma rede de relações virtuais (ciberespaciais)”. (MARCUSCHI, 2005, 20-21)

Marcuschi (2005, p. 21-22) toma os estudos de Erickson (1997, p. 3), que apresenta cinco características definidoras de uma comunidade:

Membros: central para a noção de comunidade é o fato de ser membro ou de estar excluído; alguns pertencem a ela e outros não e isso por razões várias, tais como religião, raça, camada social, profissão etc.

Relacionamento: os membros de uma comunidade formam relacionamentos pessoais entre si, desde relacionamentos causais a amizades estáveis.

Confiança e reciprocidade generalizada: uma comunidade deve ter confiança mútua e estar preparada para que os membros se ajudem.

Valores e práticas partilhados: os membros devem partilhar um conjunto de valores, objetivos, normas e interesses, assim como uma história, costumes e instrumentos.

Bens coletivos: participação dos membros na produção, uso e distribuição de bens.

Durabilidade: enquanto uma coletividade, os aspectos acima mencionados só se efetivarão se a comunidade tiver longa duração.

A definição de comunidade e as características definidoras da mesma aplicam-se aos blogs na medida em que um blog normalmente está linkado a outros que contribuem ou tem proximidade temática. Blogs antigos e de maior visibilidade na rede preservam estes valores. Alguns jornais, além da página na Internet, mantêm blogs de seus jornalistas, como o Globo. O blog do Noblat é bastante acessado, nele encontram-se várias notícias do dia, porém se quisermos pesquisar mais, como encontrar arquivos anteriores, deve-se cadastrar, registrar senha e selecionar que tipo de cliente quer ser, pois pode ser um “premium”, desde que assuma um contrato de pagamento pelo uso de alguns recursos extras do blog.

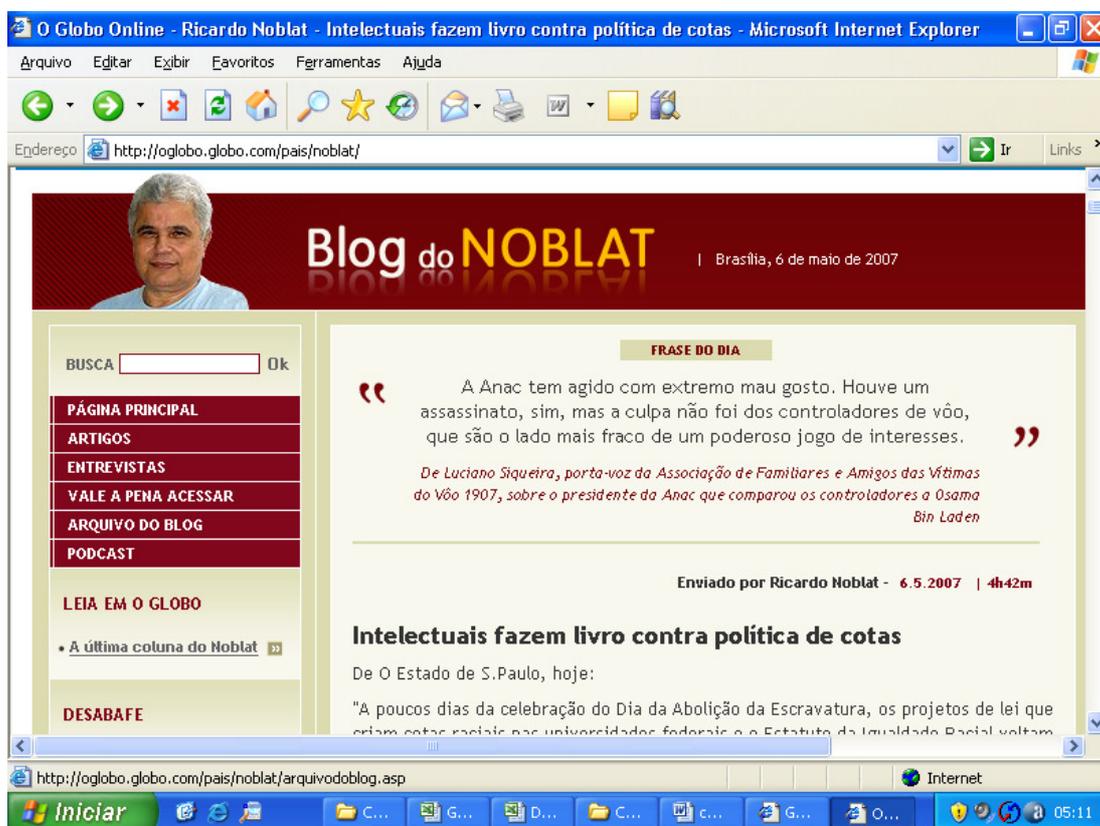


Figura 4 – Blog do Noblat

Esta é a página principal, com colunas, artigos, propagandas, a possibilidade do “desabafe”, a voz do leitor. Há o cadastro básico e o “premium”, que traz mais vantagens e está direcionado aos assinantes do jornal.

Conheça as vantagens de ser **Premium**:

Há produtos exclusivos para usuários Premium. Com o cadastro completo, você também terá acesso a:

- Newsletters: resumo de notícias por e-mail;
- Alertas: aviso dos principais fatos ocorridos no dia, direto no seu computador;
- Globo Digital: edição eletrônica do Globo (gratuita por tempo limitado);
- Promoções O Globo Online;
- Serviços exclusivos para assinantes do Globo, como suspensão de entrega e transferência temporária de endereço;

- Benefícios e promoções do Clube do Assinante. Quero aderir ao Clube.

Como este jornalista, vários outros têm feito a mesma coisa: migrar para a rede para expandir domínios da cultura de massa. Estes pontos de produção tornam-se referência para jovens blogueiros e inspiração para estudantes de Jornalismo e Comunicações, os quais aumentam diariamente na rede, com blogs organizados, menos narcisistas em muitos casos.

No blog *Digestivo Cultural* (<http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna>), do dia 22 de setembro de 2006, Júlio Daio Borges critica a morosidade do jornalismo brasileiro que estaria pelo menos com cinco anos de atraso diante do uso desta ferramenta. Este artigo teve grande número de visitas e comentários bastante interessantes.

Sexta-feira, 22/9/2006

Por que os blogs de jornalistas não funcionam

+ de 3200 Acessos

+ 25 Comentário(s)

De repente, a imprensa toda descobriu os *blogs*... Baixaram um decreto-lei em cada redação e, impreterivelmente até o final do ano, todo jornalista tem de colocar seu *blog* no ar. *Todo*. “Mas, pera lá, eu vou blogar sobre o quê?” “Ah, sei lá, não importa: *blogue!* Inscreva-se no Orkut, visite os fotologs, abra uma conta no Gmail, compre até um iPod se for necessário... mas *blogue!*” “Como assim ‘*blogue*’? Eu preciso saber por quê...” “Ora, porque toda a concorrência está *blogando* – que-nem-lou-ca! Ah, sei lá, por quê... *Blogue!*”

E lá foram os jornalistas *blogar*...

Mas não sejamos injustos. Alguns jornalistas entenderam pra que serve o *blog*, isso se já não *internetavam* antes... Então esta crítica não vale para todos, absolutamente todos: vale para uma grande maioria que está *blogando* por obrigação, quase se arrastando, já que passou os últimos anos menosprezando a internet e, agora – muito a contragosto –, tem de fazer parte... (Depois não entende por que seu *blog* não funciona...)

Jornalistas não lêem blogs

Se os jornalistas lessem mais a internet, estariam muito mais bem informados e teriam começado a *blogar*, por contra própria, *antes*. (...)

Blog não é notinha de coluna social, sobre a última fofoca (sobre o último “furo”, então, nem pensar...). *Blog* também não é o que você comeu ontem (*blog* gastronômico); (...)mas, antes de emitir uma opinião, olhe em volta, pense bastante – fale só se for acrescentar alguma coisa à conversação.

Jornalistas não sabem lincar

Os jornalistas passaram a vida inteira escutando que não podem – em hipótese alguma – citar a concorrência. (...) Acontece que a internet é o contrário disso tudo. O *link* é a moeda de troca da internet. Tanto para quem “*linca*” quanto para quem “é *lincado*”. *Link* não é nota de rodapé; *link* não é referência bibliográfica; *link* não é, muito menos, auto-referência (embora, às vezes, aconteça...). *Link* é *link*. E existe toda uma arte em *lincar*... Os jornalistas não aprenderam ainda; porque eles nunca aprenderam a citar!

Então você acessa um *blog* de um jornalista-blogueiro, desses de agora, e vê lá que ele fala tudo por alto, fingindo que está dando em primeira mão – mas tá na cara que ele tirou tudo aquilo de algum outro lugar... E quando vai *lincar*, não se dá nem ao trabalho de marcar a palavra, expressão ou frase (a que o tal *link* se refere): copia e cola aquele endereço que é uma centopéia (e o *link*, pra variar, não funciona!).

Jornalistas não estão acostumados a ter leitores

“Leitores; vocês existem? Pensei que fossem, todos os dias, inventados pelos estagiários da redação... (...) O grande problema para os jornalistas é que, na internet, os leitores estão presentes em carne e osso. “Quem colocou eles lá? Eles estão atrapalhando! Sai, sai...” Mandam *e-mail*, “enchem o saco” nos comentários (“tem de monitorar toda hora...”) – “quando não inventam *blogs* inteiros (ou comunidades do tipo ‘eu odeio...’) só pra sacanear...” Para os jornalistas, os internautas são uma pedra no sapato. Ainda mais agora, que alguém disse, lá nos Estados Unidos, que “*blogs* são conversações”!

(...) “Agora é uma desgraça: tem ‘leitor’ publicando em tudo quanto é canto! Onde é que nós vamos parar?”

Jornalistas não estão acostumados a ter resposta

A dependência jornalística dos governos no Brasil é histórica (e até folclórica). Quantos governos não montaram seu próprio jornal apenas para apoiar seus atos? Quantas revistas, até hoje, não foram criadas pela oposição (que era governo antes e que perdeu seu pedaço do bolo)? Então, nenhuma opinião, jornalisticamente falando, é 100% firme no Brasil – jornalista que é jornalista, dança conforme a música. As bravatas, quando as há, estão sempre a serviço de alguém (de algum lado ou de algum grupo). Como se ordenasse a um matador desses de aluguel, o editor aponta uma pessoa na rua e resume: “Nesta semana, vamos meter o pau naquele lá – senta aí e manda brasa!”

Os jornalistas, então, caem na internet e ficam horrorizados... Como alguém tem o desplante de contestá-los? E com fatos! Onde é que já se viu isso? Por isso, os *blogs* dos jornalistas são aquele negócio moroso, morno, *morto*, sem *links*... (Quando os jornais de papel acabarem e a dependência governamental não fizer mais sentido, aí, talvez, os *blogs* dos jornalistas vão melhorar...)

Jornalistas são interesseiros e, não, desprendidos

A internet começou por questões estratégicas, de geopolítica, e evoluiu, junto com os computadores, por questões militares, de guerra. (...) E quem alimentou a WWW, depois que ela foi aberta ao público, foram as empresas, claro, mas também as instituições – e as *pessoas*!

Os jornalistas relutaram muito em aceitar, alguns vão morrer não aceitando, mas o fato é que poucos, pouquíssimos, entenderam a noção de “desprendimento” que permeia as relações na World Wide Web. (...)

Enfim, os *blogs* dos jornalistas não funcionam também porque o *blog* por dinheiro, e só por dinheiro, é uma contradição em termos. (...) Os jornalistas brasileiros passaram muitos anos amarrados, manietados, obedecendo a ordens e replicando as opiniões de seu empregador – é natural, portanto, que se movimentem desajeitadamente num ambiente onde a liberdade de expressão nunca foi tamanha... O pior é que a internet, generosa como sempre, vai absorvê-los no final.

Algumas considerações a respeito deste post:

Em primeiro lugar, está a questão do tamanho do post, normalmente pequeno, porque o provedor não permite grandes postagens gratuitas. Quer postar mais tem de pagar, por isso a maioria dos blogueiros fica do possível permitido pelo provedor. No caso deste jornalista, cujo trabalho pertence a um grupo jornalístico poderoso, espaço não é problema, pois o que interessa é a visibilidade. Foram mais de 3200 acessos e mais de 25 comentários, ou seja, a força do sistema se apresenta: a internet ajuda a reforçar o poder de grupos. E como ele mesmo afirma “a imprensa descobriu os blogs”, todos têm de blogar, portanto navegue, link, pois “depois de anos menosprezando a internet” ela é o foco e a concorrência já descobriu isso.

Existe um ícone na maioria dos blogs, o RSS, que direciona a notícia que interessa ao blogueiro. Se o blog trata de informática, por exemplo, e o blogueiro instala este acessório, toda notícia do seu interesse chegará rápido ao seu conhecimento. Assim, sempre está atualizado e atualizando seu blog. Jornais nacionais e internacionais, grandes *sites*, revistas, outros blogs são fonte de pesquisa do blogueiro por isso a mídia impressa não poderia deixar de lado esta camada que explora a rede em busca de alguma informação nova. Para Borges coloca a postagem como uma opinião que acrescente algo, não é só o mero registro; tem de se olhar em volta e a imprensa demorou a ver os blogs como possibilidade mercadológica.

Jornalistas não estão acostumados a ter leitores. O leitor existe, questiona, opina e reproduz a fonte. Para o jornalista, o internauta incomoda e se aproveita das notícias, além de se organizar em comunidades que incomodam. Na verdade, para quem está conectado, o jornal deixou de ser mão única e passa, nos blogs, a funcionar com certa interatividade, o que dificulta os mais antigos na área, acostumados a publicar e não responder pelos textos expostos.

Por que os jornalistas blogam? A resposta talvez esteja na falsa idéia de que o blogueiro substituirá o jornalista. Muitos jornais, após eventos como os das Torres Gêmeas, da guerra do Iraque, do Katrina, quando jornalistas e jornais foram aos blogs, que faziam um diário de bordo das tragédias, começaram a difundir a idéia de que o blogueiro substituiria as redes de comunicação. A partir daí, blog virou febre nas redações e nos cursos de Jornalismo e Comunicações. É importante lembrar que o blog não tem o caráter de busca da notícia, a maioria compila as informações encontradas nas TVs, rádios e jornais do mundo.

Jornalistas não sabem lincar: neste ponto, a crítica ao jornalista-blogueiro é evidente, pois o jornalismo real prioriza a notícia em primeira mão, enquanto blogueiro rastreia a Internet em busca do que o outro já escreveu. Não significa que um jornalista nunca usufrua de informação alheia, porém essa atitude é mais velada ou menos comum.

Jornalistas não lêem blogs. Não lêem blogs e nem jornais. Analisando desta forma, o jornalista rompe com um dos princípios do blog, a comunicação de todos com todos.

Jornalistas são interesseiros e, não, desprendidos. Os blogs de jornalistas conhecidos visam lucros sim. Já existem blogueiros que sobrevivem somente do seu blog. Por conta disso, os universitários estão de olho neste mercado e muitos já começam a alastrar estas fronteiras. Existem blogs de estudantes tão organizados quanto os de profissionais e que exibem uma carga enorme de propagandas o que gera lucro neste negócio. O jornalista blogueiro recebe por acesso ao seu blog; o estudante universitário também, logicamente muito

menos e aproveita este espaço para mostrar suas habilidades. Em muitos blogs encontramos até o currículo e o portfólio do estudante.

Jornalistas não estão acostumados a ter leitores. Nesta parte da postagem, Borges declara que o jornalismo está sempre a serviço de alguém ou de grupos específicos que controlam o poder. O jornalismo “está sempre a serviço de alguém” e “jornalista que é jornalista, dança conforme a música”. Na internet, os leitores podem contestar. Porém, mesmo neste espaço virtual este índice de contestação e represália é muito baixo ainda. Foram mais de 3200 acessos a esta página com apenas 25 comentários, aproximadamente. Dentre os comentários não foram todos que discordaram da postagem do jornalista: “jornalistas podem não ler esse texto, mas estudantes de jornalismo já o leram... (rs) muito bom!” (Jorge Wagner)

Como já citamos, os jornalistas renomados servem como fonte de inspiração ao futuro jornalista que lê as postagens e repassa ao seu blog o que conseguiu captar destas fontes. Durante nossa pesquisa, o número de blogs deste tipo foi o mais comum e também os que se sobressaem em termos de recursos e comentários na rede. Para este estudante, além do professor que serve de base, também o profissional é o seu espelho. Por isso, a maioria das notícias publicadas em blogs estudantis não fogem das notícias veiculadas pela mídia e acabam repercutindo a cultura de massa. Comenta Célia: “Julio, me responda: virou espião de redação? Nunca li tanta realidade num único artigo. Parabéns! (Sorry, mas como uma jornalista, aprendiz na arte de blogar, vou ter que linká-lo no meu blog...)”.

Assim se formam as comunidades, linkando por área de interesse. Um blog se liga a outro e outro e mais outro numa rede ligada por algum interesse inicial. Os comentários são muito importantes para alguns blogueiros, principalmente os de profissionais do jornalismo. Borges diz não gostar da presença do leitor, porém esta presença é que vai fazê-lo continuar na rede. Se não for visitado, se não vender seu produto, outro o substituirá.

**17. Todo grande
blog visa dinheiro**

cardoso

19h15min

201.29.74.254

Ia ganhar dez, nota dez, mas no quesito finalização deu uma escorregada. "blog por dinheiro, e só por dinheiro, é uma contradição em termos" Não concordo. Seria certo dez anos atrás, hoje todo grande blog visa dinheiro, ao menos no exterior. No Brasil há poucos ProBloggers (A rigor nenhum) mas isso também está mudando. De resto a análise está perfeita. Os leitores reais são mesmo muito mais assustadores do que apenas números em um relatório do IVC.

A contagem de acessos, os links, as propagandas, enfim, o blogueiro organizado, aquele que tem propósito jornalístico, informativo, caminha para o lucro. Existem os blogueiros desinteressados, mas são aqueles que fazem uso do espaço virtual apenas como um diário em potencial, precisa falar com alguém, escreve no blog.

Talvez por essa influência dos jornalistas mais renomados exista um grande número de blogs de estudantes – um escrevente desse tipo de página virtual torna-se um “jornalista anônimo”. Como se percebe no texto do Borges, a própria necessidade empurrou muitos jornalistas para a produção de blogs. Alguns conseguem certa originalidade em seus blogs, porém a imposição do mercado é um dos motivos. De todas as maneiras, o que se vê é um número cada vez maior de jornalistas que inspiram os novos e os pretensos jornalistas da rede. Na cultura contemporânea “cada setor se harmoniza em si e todos entre si” (ADORNO, 2002, p. 7), por isso, não se fala em produção individual, pois tudo se reproduz na coletividade.

Um outro tipo de blog que participa da vida universitária é o chamado blog institucional. Algumas instituições mantêm espaço de divulgação de idéias, porém com limites. A velocidade com que a Internet penetra neste mundo pode ser uma das causas desta inserção. A exemplo disso, a PUCAMP mantém um *blog institucional* onde, além de obter informações sobre a universidade, o estudante participar com comentários a respeito de assuntos variados, desde que aceite uma série de regras; há uma liberdade vigiada, ou melhor, segundo um padrão coerente com a linha institucional

Normas de conduta do Blog do Aluno

1. Somente usuários "logados" poderão publicar posts e comentários no Blog do Aluno. O log-in se dá pela validação do nome e senha de e-mail do usuário. Se você ainda não tem a sua conta de e-mail da PUC-Campinas, [solicite aqui](#);
2. O usuário deve manter sigilo de sua senha de acesso, sendo vedada a sua disponibilização ou divulgação a terceiros;
3. O usuário do Blog do Aluno é responsável pelo conteúdo das mensagens publicadas, ficando expressamente proibida a disseminação de conteúdos comerciais ou com fins lucrativos;
4. Constitui ilícito penal, sujeito às sanções da lei em vigor, a divulgação, promoção e difusão no texto da mensagem publicada pelo Blog do Aluno: - com conteúdo de caráter ofensivo e/ou obsceno; - a prática de qualquer forma de discriminação, seja ela racial, religiosa, etc; - a difamação, ameaça e/ou assédio a outras pessoas; - a distribuição de qualquer material que viole os direitos, de qualquer natureza, garantidos por lei;
5. O usuário do Blog do Aluno está sujeito às obrigações estipuladas em instruções normativas vigentes ou a serem baixadas a qualquer tempo por órgãos competentes da PUC-Campinas;
6. A mensagem que, a qualquer momento, não cumprir as disposições contidas nas Normas de Conduta do Blog do Aluno, será retirada das páginas do site, ficando o usuário sujeito às sanções impostas pelo órgão responsável pela administração do conteúdo.

No *blog* da PUC-Campinas, percebem-se as preocupações da entidade em identificar o produtor da mensagem, juntamente com seu teor. Os conteúdos são vigiados e, se fugirem ao padrão, são interrompidos. Há, por conta da Universidade, direcionamento dos textos produzidos e as normas indicam o que não se produzir. Depois de acordadas as partes, o aluno tem sua manifestação expressa e outros também o seguem, opinando e criticando. Outras instituições seguem este padrão: há blogs presos a universidade e outros que seguem monitorados por professores da área. Nestes espaços, alunos e professores dividem o blog, como colaboradores e a circulação da notícia é melhor elaborada. A UFES, a Universidade de Uberaba, a UNISINOS, a Cásper Líbero, são algumas universidades que utilizam esta ferramenta.

As possibilidades dos blogs têm sido reconhecidas nos mais diversos domínios, resultando num crescente número de usuários. É difícil elaborar uma taxonomia dos blogs devido à diversidade de tipos e classificá-los em comunidades também, pois os blogueiros nem sempre mantêm uma linha de pensamento, de postagem.

A maioria dos escritos sobre blogs trata de produções monitoradas por professores, ou seja, como esta ferramenta auxiliaria em sala de aula. Em nosso trabalho, o foco é bastante diferente, pois a pesquisa teve caráter exploratório; navegamos nos principais provedores, selecionamos blogs e tentando juntá-los em grupos ou comunidades de estudantes universitários blogueiros. (RECUERO; MARCUSCHI)

Não queríamos que o blogueiro soubesse, a princípio, de nossa pesquisa; tentamos observá-lo na rede, em sua particularidade exposta, sem influenciá-lo; em alguns casos, nos identificamos posteriormente e conseguimos algumas informações, como se verá adiante. Assim, buscamos blogs de estudantes universitários e, por isso, fomos encontrando outros relacionados a universidades.

É importante ressaltar que blogs analisados apresentam características muito diversas, diríamos até que tão diversas quanto os tipos de universidades que freqüentam, pois não podemos deixar de lado a questão do conteúdo do blog e da produção e repercussão da informação ou do conhecimento produzido.

Da parcela livre de todas as dificuldades que cercam o universitário brasileiro, interessa aqueles que fazem do blog um espaço para troca de informações, de conhecimento, de discussão política. Um espaço que hipoteticamente despertaria o jovem para uma consciência do ser humano, de sua cidadania, vivendo numa sociedade em constante e rápida mudança.

A Instituição de Ensino Superior em que está matriculado é importante na composição deste perfil do blogueiro universitário que passa horas escrevendo posts, ao invés de se incomodar com o universo conflitante da adolescência e o individualismo social em que vivemos.

Com as possibilidades que a cultura digital proporciona aos que possuem senha de acesso ou àqueles que conhecem os caminhos da navegação, as IES têm um espaço de pesquisa para o corpo discente; o corpo docente pode servir de apoio para a realização desta atividade de forma organizada e proveitosa para todos. *Blogs* fazem parte de uma parcela de estudantes que chega à Universidade com saber fermentado e valores ditados pela mídia, pelo senso comum, cujo sentido de educação tem se deteriorado, e de uma fonte de informação de massa exercida pelos meios de comunicação como TV, rádio, jornais, revistas responsáveis pela educação das últimas gerações brasileiras. A cada dia que passa, percebemos um refinamento do “saber” que se produz em diversos campos.

Diante das mudanças sofridas no mercado nos últimos anos, vive-se num Brasil onde o que se produz é mão-de-obra mais ou menos qualificada e não doutores engajados num processo de cidadania e crescimento mútuo. Os cursos rápidos, as facilidades de diploma e o grande número de universidades periféricas, reduz o estudante a uma massa que busca desesperadamente uma colocação profissional.

Reflexo de toda essa problemática são os *blogs* sem sentido, sem modelos. Diante dessa modernidade e desse panorama negativo, é mais fácil produzir *blá-blá-blá* que produzir conhecimento. Reverter este quadro requer mais que o esforço individual ou da instituição, requer uma nova postura diante da universidade.

Blogs institucionais acabam por direcionar a uma linha de pensamento muito mais séria e vinculada a algum saber conceitual e não meramente de desabafo. Vimos nos exemplos que essa possibilidade é real. Também não descartamos um *blog* cuja linha pré-definida estimula a esse caminho, como os *blogs* de estudo. Porém, em ambos se marca a presença de uma estrutura de formação universitária.

A partir de agora, nossa intenção é buscar exemplos de *blogs* de estudantes universitários e analisar o que estes jovens produzem na rede. Vamos explorar, problematizar e questionar essa massificação do saber, o estudante produzido por esse mercado educacional e as manifestações desse grupo, que se apresentam em forma de depoimentos, muitas vezes, diários.

4 ESTUDOS DE CASOS

Ao chegar nesta etapa do trabalho devemos ressaltar nossos objetivos. Muito se fala e escreve sobre a Internet e sobre o avanço que proporcionou em termos de tecnologia, de informação, de conhecimento.

É comum a noção de que neste mundo todos os saberes se encontram. Em ambientes de estudo, na prática pedagógica, este universo repercute de forma diversa, pois os alunos que entram em uma universidade vêm com menos bagagem cultural e dispostos ao saber exigido pelo mercado de trabalho, ou seja, a universidade não agregaria a idéia de crescimento intelectual e pessoal. Além disso, a maioria das IES tem se mostrado a serviço do mercado, numa lógica de condensamento de conteúdos, redução do tempo em ambiente universitário e limitação da prática docente, enquanto uma pequena parcela de universidades produz conhecimento e alunos com uma visão mais clara da sociedade que o cerca. A Internet, que poderia ser utilizada de maneira eficaz, em muitos casos, se reduz ao Ctrl C e Ctrl V. O encantamento pela rede não contribui para que o saber se espalhe.

Vivemos atualmente um processo metonímico quando se trata de informação e conhecimento, pois a parte selecionada acaba sendo concebida como o todo. Tanto a informação quanto o conhecimento aparecem fragmentados. Esta fragmentação tem ocasionado a diminuição da crítica, pois o conhecimento pressupõe a capacidade de reelaborar uma informação, de reconhecer novos caminhos, de inter-relacionar as esferas da sociedade naquele momento histórico.

Esta fragmentação não acontece somente no cyberspaço, mas no dia a dia, nas conversas, nos jornais, revistas, nas aulas, nas atividades humanas como um todo. Ela se espalha no cotidiano, gerando confusão entre o todo e a parte, entre conhecimento e informação. Ideologicamente, o que se percebe é que informações resumidas têm sido usadas pela mídia, o que acaba por compor o perfil do cidadão.

Uma das características da contemporaneidade é mediação dos meios de comunicação de massa, que formam redes pelas quais circulam valores que atendem a certos interesses específicos. As ideologias estão a serviço do poder e é no cotidiano das pessoas que vingam ou se modificam. A universidade pode perpetuar ideologias como pode colocá-las em xeque, ajudando na percepção e na crítica das formas simbólicas que circulam na mídia.

Um dos desafios era encontrar páginas que fugissem da mesmice, da repetição dos lemas posto por revistas, jornais, TV, a mídia de modo geral. Queríamos universitários que

olhassem o cotidiano descortinado do senso comum. Assim, foram surgindo blogs, os quais fomos agrupando de acordo com categorias estipuladas pela análise dos mesmos. Nestes blogs, o conteúdo em termos de informação e conhecimento são nosso foco, analisando casos que encontramos na rede, sem nos prendermos a professores ou universidades, mas sabendo que em muitos casos funcionaram como suporte para produções diferenciadas.

BLOG 1

1. **Identificação:** “Um diário... Uma Gota... Uma História...”
(embuscadeumconselho.blogspot.com)

2. **Responsável:** Thiago Vieira de Miranda

3. **Descrição:**

Idade: 19

Sexo: male

Signo astrológico: Áries

Ano do zodíaco: Dragon

Local: Tatuí: SP: Brasil

Quem sou eu: “Definir é limitar-se”

Interesses: Amigos...Pessoas em comum e aprender sempre mais e mais.

Filmes favoritos: “Antes que termine o dia” e “Um amor para recordar”

Músicas favoritas: eclético ao extremo.

Livros favoritos: Senhora, A arte da felicidade e outras literaturas diversas.

Possui o blog desde janeiro de 2007 e já visualizaram seu perfil 366 vezes. Também disponibiliza seu Email e seu endereço no MSN.

4. **Observação geral:**

Quanto ao nome do blog: “Um diário... Uma Gota... Uma História...” serve para identificar sua motivação, a saber, ser um diário das alegrias, tristezas, angústias de um jovem; uma gota talvez por serem partes de uma história de vida deste jovem.

Quanto a descrição disponível, ela é disponibilizada pelo provedor e segue o modelo de revistas de repercussão que trazem o perfil de celebridades da TV, do cinema, com tópicos a serem respondidos brevemente. Normalmente, quem faz uso desta ferramenta utiliza este tipo de perfil pré-fabricado. Também este perfil faz uso de elementos da cultura de massa como signo e ano do zodíaco.

Ao se definir, Thiago começa com um chavão “definir é limitar-se” e este uso se repete em muitas postagens do jovem.

Este blog começa em janeiro de 2007 e interessa-nos, pois este aluno pertence ao segmento de universidade periférica; que posta com alguma regularidade e possui conteúdo para análise. Thiago não se encaixa na categoria de produção jornalística, seu uso do blog é mais voltado ao diário pessoal.

Terça-feira, 2 de Janeiro de 2007.

De trás para frente



A Vida Deveria Ser de Trás Para Frente... A coisa mais injusta sobre a vida é a maneira como ela termina. Eu acho que o verdadeiro ciclo da vida está todo de trás para frente. Nós deveríamos morrer 1º se livrar disso logo. Daí, viver em um asilo até ser chutado para fora de lá por estar muito novo. Ganhar um relógio de ouro e ir trabalhar. Então você trabalha 40 anos até ficar novo bastante para aproveitar a sua aposentadoria. Aí você curte tudo, bebe bastante álcool, faz festas e se prepara para fazer a faculdade. Você vai pro colégio tem várias namoradas(os), vira criança, não tem nenhuma responsabilidade, se torna um bebezinho de colo, volta para o útero mãe, passa seus últimos 9 meses de vida flutuando... E termina tudo com um ótimo orgasmo.

(Charles Chaplin)

Pois é. A vida tá passando e com ela taaantas coisas. Já entramos em 2007 e nele está escondido tantas coisas que a nós não é possível perceber. Medo. Insegurança. Tudo isso assola o meu (L). , mas sei que não posso e não vou desistir.. Ontem, fiz algo incrível, fui dirigindo sozinho até Tatuí e minha mãe de passageira do lado, tava tudo mto bom até que eu cometi umas "cagadinhas na porta do circo" e minha mãe sem pestanejar chiou na hora. Eu a amo de+ , a ela e meu pai eu privo de mta coisa que sinto e não gosto de ver eles sentindo ou sofrendo.. Mas ouvir chingos é uma coisa, agora ouvir que a sua mãe já se desiludiu de vc, é de calar a alma... E eu aguentei tudo em silêncio, NET pra ela se mexer de+ é vício, contato de mais não pode, Novela Deus me livre, e os Gays pra ela? Ela acha até onde eu sei uma depravação, mas.. Enfim, ontem conheci o André por uma sala de bate-papo eu estava procurando alguém e ele surgiu, só que ele não é como os outros e de maneira doce, chegou e mudou a perspectiva da minha noite, ele é uma pessoa que tem Leucemia e nem por isso se deixa desanimar é animado, feliz de bem com a vida e igual todo mundo (como tem gente que consegue excluir pessoas assim né?!) Ele é fofo, educado, e conquistou meu papo na hora e é triste qdo tenho de deixar ele no

MSN, isso pq a gente se conheceu ontem..Ele veio pra me mostrar depois daquele dia atribulado que preciso buscar minha felicidade onde ela esteja e só depende de mim Ir e não ficar sozinho..Um dia chegamos lá né Dé? Um dia..Quem sabe (..)

Postado por **Tiago** Conselheiro às [1/02/2007 01:21:00 PM](#)

O blog do Thiago segue um padrão de imagens bonitas, muitas delas comuns, sem nenhuma arte, somente retratos agradáveis à maioria das pessoas e encontradas facilmente pela rede, seguidas de um texto, que pode ou não ser antecedido de outro texto (citação) também bastante explorado e repercutido pela cultura de massa.

No caso deste post, ele começa com uma citação de Chaplin para ilustrar passagens da vida de um adolescente como dirigir em uma estrada pela primeira vez, os erros de principiante e o principal, sua insatisfação diante das atitudes moralistas de seus pais, além da incompreensão da mãe: “E eu aguentei tudo em silêncio, NET pra ela se mexer de+ é vício, contato de mais não pode, Novela Deus me livre, e os Gays pra ela? Ela acha até onde eu sei uma depravação, mas. Enfim, ontem conheci o André por uma sala de bate-papo eu estava procurando alguém e ele surgiu”. O homossexualismo pode ser a razão deste blog, pois há outras passagens onde o blogueiro insinua a questão:

Hoje escreverei sobre uma foto que achei num Fotolog estes dias, Foto esta que despertou dentro de mim uma paz tão gde e uma vontade danada e viver a paz que ele vive no peito do seu amado..Sabe está acontecendo tantas coisas na minha vida.. Medo do futuro, mas dentro de mim a certeza de não me arrepender do que faço; é difícil vc estar incluso num ambiente que se sinta completamente deslocado, parece que ao mesmo tempo que tenho tudo não tenho nada qdo tô aki (...) Mas ao mesmo tempo eu sei não estou sozinho(...).Apaixonado ? Não, não, querendo, precisando mas no momento não podendo.. Talvez um dia este Blog acabe, Fotolog, MSn e até Orkutmas sempre uma marca boa ou ruim qdo é bem aplicada Denuncia sua presença pra Sempre..

Postado por **Tiago** Conselheiro às [1/15/2007 09:50:00 AM](#) [4 comentários](#) .

Neste post, além do homossexualismo sugerido, também há rejeição dos outros, o ser diferente, a angústia de um adolescente que precisa ser compreendido. Suas postagens se aproximam de uma consulta ao terapeuta, pois ele desabafa, se questiona, responde a si mesmo e conclui acreditando que tudo pode acabar, mas que sua denúncia ficará para sempre. Novamente faz uso de frases feitas para ilustrar sua dor: “mas dentro de mim a certeza de não me arrepender do que faço”, “vc estar incluso num ambiente que se sinta completamente deslocado, parece que ao mesmo tempo que tenho tudo não tenho nada qdo tô aki.”

Além de se identificar por meio de um chavão, a autor repete a prática em outras passagens, como se estes “quase-provérbios” pudessem conferir mais força, mais segurança: “aguentei tudo em silêncio”, “preciso buscar minha felicidade onde ela esteja e só depende de mim”. Estas marcas adquirem um tom quase profético na tentativa de auto-afirmação.

Universidade aparece algumas vezes no blog, porém não é o foco principal, seus estudos não norteiam a produção dos textos:

E vamos que vamos. UNISO está pequena para tantos bixos. E nosso busão então.. Seu Rubens nem sabe como por ordem em tanta gente.. (...) Nossa. Sabe qdo bate aquela sensação de "como é bom estar neste silêncio" pois é, é assim que eu me sinto diante de uns 30 PC's sem ninguém aqui na Biblioteca da Universidade e eu paro e penso, TUDO tem um por que e eu tenho certeza que o Por Que de eu estar aqui também um dia terá sua devida explicação. E vou agora dar uma lida, uma relaxada e aguardar a minha hora de ir pra aula. Boa noite de Quinta meu Queridos!
Postado por Tiago Conselheiro às 2/08/2007 04:40:00 PM 4 comentários .

Aqui a referência nítida de seu vínculo com a universidade e a descrição de uma cena do cotidiano de um universitário que provavelmente não é o chamado “bixo”, pois se refere aos outros por esta denominação. O “busão”, o ônibus utilizado pelos universitários de Tatuí para ir e vir à universidade, além do Sr. Rubens, o motorista. Provavelmente, ele chegou mais cedo e desfruta da sensação de estar só diante de 30 PC's em uma biblioteca.

Dois momentos bastante simbólicos na construção do saber: o livro e a internet a disposição de um jovem que, diante desta realidade, para, pensa e escreve em tom quase proverbial novamente: “TUDO tem um por que e eu tenho certeza que o Por Que de eu estar aqui também um dia terá sua devida explicação...”, porém resolve dar uma relaxada, uma lida e aguardar a hora da aula. Este comportamento é bastante comum no universitário das IES periféricas, pois reduzem o estudo à hora/aula basicamente (BRITTO, 2005).

É engraçado, estou no sítio dos meus pais neste momento, gosto de estar aqui, mas a grande razão são meus pais, caso contrário eu queria estar bem longe daqui. Sei que isso faz parte da minha evolução e que como diria meu profº Julio: "vc nasceu pra algo maior.." e é.. E por falar em faculdade, voltei e com ela o desespero do medo de estar fazendo o curso errado e aquela sensação de desconforto, mas ao mesmo tempo, ouvindo as pessoas dizendo que gostam do curso e todas empolgadas, dentro de mim um mar de lágrimas e algo ainda me segura lá.. E essa não é a 1ª vez que acontece isso, estou lá, não sei a razão mas fico, e confio, apenas Cegamente.

Existe um problema com a escolha, porém o maior deles é a solidão:

Victor ainda não fala comigo, outra coisa que amadureci, é que não fico mendigando amizade das pessoas e sei que quem é pra estar na minha vida está e ponto, e tudo no seu tempo.. [...] A vontade de morrer dentro de mim ainda existe e a depressão também (mesmo eu não querendo que fique claro), necessito de alguém do meu lado, um bom amigo, um bom namorado [...] Cansa chorar noite após noite, perder o rumo, confio em Deus, mas a cada dia acredito que acreditar Nele sem se confiar na gente mesmo, não é a melhor solução.
Postado por Tiago Conselheiro às 8/12/2007 09:22:00 AM 3 comentários .

Desde a concepção do blog a angústia é crescente, a solidão desencadeia a vontade de morrer, a depressão. Os comentários que seguiram ao desabafo do jovem em nenhum momento expressaram solidariedade, pois aparentemente esta informação passa despercebida.

Este tipo de blog quase um diário eletrônico, com indagações e sofrimentos de adolescentes ou com escritos adolescentes, é um dos tipos mais comuns encontrados entre os universitários. Neste espaço, são poetas, escritores, anunciam as festas, mesclam fotos, imagens compondo um perfil de seu produtor. Alguns ganham repercussão, outros continuam soltos pela rede. Por meio do blog do Thiago podemos conectar outros blogueiros (são 21 possibilidades de links). O segundo blog analisado vem desta lista.

BLOG 2

1. Identificação: “Mundo Alternativo – as aventuras de um homossexual no armário que cansou de suas frustrações e decidiu levar a vida com muito humor” (mundoalternativo.blogspot.com)

3. Descrição:

Quem sou eu

Viajante interdimensional. Sou um estudante de 20 anos de idade, dedicado aos estudos, e segundo os amigos, uma criança crescida, sou alguém à qual o tempo não altera a essência, prezo e valorizo minhas amizades, sou um filho amado, com uma família grande, diga-se de passagem, e ao longo dos meus anos de vida passei por várias experiências, na qual moldaram a pessoa que sou hoje, tive a vida abalada por preconceitos raciais e socioeconômicos, hoje meu grande medo é enfrentar o preconceito sexual por pensar que estou preparado para encarar esse mundo e estar enganado. Possuo um ótimo humor, vivo uma vida feliz e apesar de aceitar minhas condições, tento mostrar afinal, que diferenças não devem ser temidas, mas sim respeitadas. Enquanto isso, vivo intensamente, amando, e aproveitando ao máximo que posso o meu mundo alternativo.

4. Observação Geral:

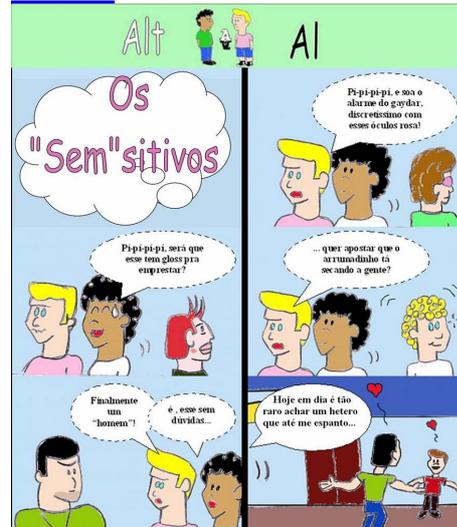
O título do blog “Mundo Alternativo - as aventuras de um homossexual no armário que cansou de suas frustrações e decidiu levar a vida com muito humor” é bastante informativo, pois “mundo alternativo” já representa um espaço diferenciado e toda a apresentação que segue também registra uma tomada de postura: o blogueiro acredita que não precisa tentar ser igual, precisa levar a vida com muito humor.

O seu perfil é mais elaborado e não segue o padrão pergunta/resposta condensadas. Há um pequeno texto pelo qual se apresenta como viajante, ou seja, já deve ter passado por vários caminhos que moldaram o que é hoje. Os estudos aparecem logo na seqüência, o que pode indicar a importância desta prática para o jovem, que já sofreu preconceitos raciais e socioeconômicos e que teme o preconceito sexual. Como no blog1, este jovem faz uso de expressões que tentam explicar ou solucionar sua vida: “afinal, (...) diferenças não devem ser temidas, mas sim respeitadas”.

Começamos a estudar este blog a partir do link oferecido pelo blog do Thiago; no decorrer desta pesquisa seu acesso se tornou restrito a convidados. Este blog juntamente com os outros, linkados a ele e o do Thiago, formam uma comunidade de estudantes universitários homossexuais. Este blogueiro (também estudante da UNISO) apresentava uma característica comum a muitos blogs: confessam na rede, mas não conversam com a família. Veja o post:

Domingo, 29 de Abril de 2007

Feriadão



Estamos apenas sendo solidários as mulheres, tadinhas.

Somar o feriadão com o frio que vem chegando aos pouquinhos só pode resultar em uma coisa, p-r-e-g-u-i-ç-a, puxa, isso se não tivesse nada pra fazer, mas é difícil, to bem relaxado mesmo, não é todo dia que se pode dormir até tarde.

O Alemão gostou do seu dia de aniversariante, eu não sei por que ele nunca gostou de comemorar aniversários, provavelmente é porque nesse dia que as atenções são voltadas toda para você, e creio que ele não deve gostar muito de chamar a atenção, mas durante a comemoração ele estava bem, só notei que havia algo de errado em sua expressão, o que eu fui descobrir mais tarde o motivo, ele simplesmente queria passar os últimos momentos do aniversário sozinho comigo, e que eu fosse dormir na casa dele debaixo das cobertas nesse friozinho, era só isso, mas como ele achou que eu teria aula no sábado só me contou isso de madrugada quando cada um estava em suas casas, foi uma pena ele não ter falado logo de cara que queria isso, pois eu também fiquei com medo de atrapalhar o horário de trabalho dele e nem sugeri isso, mas ao menos serviu pra alguma coisa, o Alemão não costuma dizer o que está pensando em certas ocasiões e com isso ele percebeu que muitas vezes um diálogo pode ser vantajoso. Foi lamentável mesmo não ter realizado o desejo de aniversário dele, mas tudo bem, isso só foi adiado porque hoje eu vou lá paparicar um pouco o Alemãozinho estressadinho em sua casa, e amanhã iremos à casa de um amigo jogar video-game, ver filmes e fazer uma festinha do pijama.

Esse final de semana também foi o aniversário de dois grandes amigos de infância, ontem na festinha na casa de um deles foi muito divertido, revii amigos que a muito tempo não via, bebi tequila, comi churrasco, dancei igual bobo e depois fui correndo pra casa jogar video game (acho que estou um pouquinho viciado), está sendo difícil postar nos últimos dias, minha irmã está dividindo o quarto comigo, ela está aqui matando a saudade da família e daqui uns dias volta pra Sampa, imaginem a dificuldade pra usar o pc, ou até mesmo falar com o Alemão no telefone, ela é muito esperta, creio até que já sabe que namoro e tudo mais, ontem no quarto ela me pergunta do nada: **Irmã:**_ Mano, você gosta de mim? **Eu:**_ Errr... sim, claro... **Irmã:**_ Confia em mim? **Eu:**_ confio_ porque essas perguntas? **Irmã:**_ Hum, nada não... sem falar que ela vive dando palpites na minha "amizade" com o alemão, ela me conta tudo do relacionamento dela, temos longas conversas sobre família, e

etc... nos entendemos bem, creio que ela saiba sim mas prefere esperar eu contar na hora certa, além do que ela me dá o maior apoio pra morar fora de casa e dividir um lugar com o Alemão (disse a ela que iremos estudar na capital e dividir um lugar enquanto nos arranjamos por lá). Bom feriadão meus amigos.

O diário sempre simbolizou os segredos mais perigosos, trancados a sete chaves. Os segredos em blogs, acessados por qualquer pessoa, porém ocultados da família tem outro viés. Este blogueiro possui relacionamento homossexual, porém a família não sabe ou prefere não ter certeza. “Creio que ela saiba sim mas prefere esperar eu contar na hora certa.” O cotidiano de um relacionamento amoroso, secreto, é revelado neste post.

Os estudos aparecem em dois momentos: primeiro para atrapalhar a noite e, em segundo, como desculpa para viver o relacionamento distante dos olhares locais.

Além dos posts e do perfil que o coloca num tipo de comunidade, existem links para outros blogs de homossexuais. Os grupos vão se formando por afinidade e as postagens selecionadas estão direcionadas a este universo.

Escreve que já sofreu vários preconceitos raciais e socioeconômicos e que luta para que as diferenças sejam respeitadas. Revelar no blog o homossexualismo é parte da luta atual. Além disso, o adolescente nem tem a certeza da decisão tomada: “hoje meu grande medo é enfrentar o preconceito sexual por pensar que estou preparado para encarar esse mundo e estar enganado”.

Os bons conhecimentos de Língua Portuguesa se apresentam na transcrição do diálogo travado com a irmã, na articulação do discurso.

Dos blogs pesquisados, este foi o único que reduziu a circulação a um grupo específico. Na verdade, ele é interessante justamente por isso: rompe com o princípio da visibilidade, da comunicação todos com todos e reforça a idéia do diário adolescente, trancado a partir de uma senha de acesso. Esta atitude aparece em outros blogs cujo conteúdo não fica exposto ou, na concepção do blogueiro, interessa somente a quem o produziu. O mais comum, no entanto, é a exposição total e a “fama”.

BLOG 3

1. Identificação: “Sem Idéias para um Blog” (<http://www.sipub.blogspot.com/>)

2. Responsável: Roger

3. Descrição:

Idade: 18 anos

Classe: Nerd/universitário

Orkut: não abuse

RSS: post saindo do forno

Possui o blog desde maio de 2006.

4. Observação Geral:

Este universitário possui um blog bastante comentado e que também não escreve todos os dias. Diferentemente dos anteriores, o rapaz emprega vocabulário diversificado, desde o coloquial, incorporando a oralidade ao texto escrito, usando vocábulos mais chulos até a linguagem técnica de sua área de atuação.

Possui este blog (*Sem idéias para um blog* - <http://sipub.blogspot.com/> acesso em 5 de março de 2007) desde 2006, diz estar com 18 anos e cita algumas preferências: filmes favoritos: Vermes Malditos, V de Vingança, Star Wars, A Noite dos Mortos-Vivos, Elvira e Closer; livros favoritos: Além do Bem e do Mal (Nietzsche), Drácula (Bram Stoker), O Sofrimento do Jovem Werther (Goethe), As Aventuras de Sherlock Holmes (Sir Arthur Conan Doyle) e Histórias Extraordinárias (Edgar Allan Poe). Todas as indicações estão no *perfil* do estudante, onde o jovem preenche uma descrição cujos tópicos são previamente fornecidos pelo provedor; também não podemos assegurar que sejam verdadeiras, pois na WEB “tudo é permitido”. Muitos amigos postam constantemente e isso pode ser um fator de credibilidade, porém as informações deste blogueiro costumam desaparecer e se modificaram, em alguns casos, no decorrer da pesquisa, como é o caso do perfil que desapareceu do blog.

Esta é uma característica deste jovem: tem personalidade ao escrever e trabalha com aquilo que conhece bem, a rede. Começa pelo trocadilho em relação ao nome do blog que pode soar de maneiras bastante diferentes. No decorrer das postagens explora estas habilidades.

Com relação a seus conhecimentos, estes são complementados devido à escolha profissional: curso Engenharia da Computação, na FASP, Faculdades Associadas de São Paulo e participa de um Projeto de Iniciação Científica.

Seu blog possui uma formatação que foge ao padrão oferecido pela maioria dos provedores, pois o estudante conseguiu dividi-lo em:

LINKS são as ligações diretas possíveis neste blog:

Ateus.Net, Baixanet, Blog do Vilser, Eu Odeio Isso Aqui, HBDIA, Jovem Nerd, Lenore (Episódios), Livre pensar, Tempos, Interessantes 3.0 e Wikipédia, entre outros;

CATEGORIAS são os tipos de postagens feitas por Roger:

1. Coisas sem importância:

Quinta-feira, Agosto 23, 2007

Em outubro estarei trabalhando como voluntário no SBBB-SBES (Simpósio Brasileiro de Banco de Dados e Engenharia de Software). Claro que não é bem um voluntário, visto que eu vou ganhar a inscrição do mesmo, material e possíveis almoços com o resto da galera que vai trabalhar (voluntário ou não). Deus, como é bom ser altruísta não?

Nesta categoria, o blogueiro escreve “coisas sem importância”. Porém, analisando o conteúdo percebemos que este blogueiro não pertence ao grupo de estudantes de IES periféricas, pois seu entrosamento com o conhecimento e a informação é muito lúcido. Este jovem participa dos eventos, escreve sobre vários assuntos, ironiza sua participação “voluntária” e não perde oportunidades.

Sua primeira postagem nesta categoria foi esta:

Quarta-feira, Maio 31, 2006

Olá pessoas movidas pelo ócio. Esse é um blog desconhecido cujo autor é mais desconhecido ainda (eu). Então, você deve estar pensando "caralho, vou sair dessa bosta e entrar num site pornô", bom, você pode até fazer isso (encha seu pc de merda de spam), mas se você leu até aqui é porque pode ler até o final não é?

Outro motivo para você ler: se você mandar o link dessa página para 40 amigos e depois aperta shift + alt + 19 uma tela azul do dos irá aparecer e você ganhará 100 reais. Por quê não tenta?

Há, e antes que vocês fechem essa janela, fique sabendo que provavelmente nos próximos 45 minutos a coisa mais produtiva que vocês farão serão logar no orkut, então, porque não gastam 0,1 segundo desse tempo e me bota nos favoritos? ;)

Lembrêm-se dos 100 reais...

postado por **[Roger]** às 10:00 PM

Só 1 comentário...

Neste post, percebemos o conhecimento que seu autor da tecnologia utilizada, uma linguagem debochada e, mais do que isso, cada vez que este blog é indicado como favorito, além da visibilidade virá o lucro. Blogueiros como o Roger fazem do blog um meio lucrativo na rede, pois grandes marcas estão direta ou indiretamente ligadas ao blog.

2. Coisas de Blogueiros é o espaço para se justificar pela ausência:

Sábado, Março 17, 2007

Ultimamente tenho estado ocupado, eu sei. A universidade pode ser um lugar muito interessante com poesias eróticas (e nojentas) escritas atrás de portas de banheiros, departamentos cheio de estudantes desesperados por causa daquela prova de cálculo com sete capítulos para estudar ou uma cachorra que só vive dormindo com as pernas pra cima. Mas também por um lado, suga toda sua energia e tempo ocioso, que nem o explorer.exe quando este não responde. E por isso, caros (e raríssimos) leitores, eu estive meio ausente.

Bom, já que é pra justificar o meu desaparecimento de quase um mês, aqui vai algumas fotos de um "coffe break" que participei lá na universidade. Só assim eu posso realmente provar que eu não estou sentado em frente a televisão assistindo Emanuelle.

Para o blogueiro, a universidade é ponto de referência na maior parte do blog. Na sua descrição da universidade, aparece uma visão adolescente e até literária, pois mescla com

sutileza os elementos descritivos junto a uma avaliação da instituição “a universidade pode ser um lugar muito interessante...”. O tom juvenil marca sempre suas postagens.

3. Resenhas pseudo-intelectuais: espaço onde analisa filmes, grupos musicais, faz análises de viagens.

Terça-feira, Junho 12, 2007

Olá, todos vocês. Esse post é um aviso a todos aqueles que procuram diversão barata e de classe média baixa para o fim de semana: NÃO ASSISTAM ULTRA-VIOLET (a não ser que você seja fã da personagem). Vou contar a história-resenha:

Por onde começar? Certo. Primeiro: a moça do filme tem um tal de morfador anti-gravitacional, com direito a mesma sequencia toda vez que ela usa. Parece mais uma sailor-moon moderna. (...) sofrem inúmeros cortes e tiros pela nossa querida Violet, e simplesmente, as roupas deles continuam impecáveis. Parece uma propaganda de Omo Multi-Ação. Eles apenas pulam para trás e se fingem de morto, que nem os bonecos toscos de Power Rangers.

Ah claro. Quando se está lutando com mais de 14 soldados ao mesmo tempo, era de esperar que você não perdesse tempo com poses de artes marciais ou até mesmo posições legais de se fazer com metralhadoras usando uma perna só. Mas isso não parece atingir nossa protagonista, que com sua roupa e cabelos que mudam de cor (que não foram explicados durante o filme) consegue ganhar de qualquer modelo internacional com suas posições quase eróticas. Ela parece mais uma Gisele Bündchen armada.

Eu acho que a essa altura eu nem preciso mais citar as falhas na história, coisas absurdas e cenas de ação mal-feitas. Até mesmo porque eu não lembro de tudo. Meu cérebro fez questão de esquecer boa parte do ocorrido. Espero que já tenha convencido vocês a não assistir essa pérola que se chama Ultra-Violet.

Ps.: a atriz é gostosa.

postado por **[Roger]** às 12:48 PM

Beirando a fama com 9 comentários

Roger começa o post indicando que o post é um aviso: não assistam ao filme a menos que sejam fãs da atriz “gostosa” e que com “suas posições quase eróticas parece mais uma Gisele Bündchen armada”. Comportamento típico dos que vão ao cinema para consumir imagens, não para os que buscam arte. Nesta análise do blogueiro, vemos como a indústria cultural transformou a arte (cinema) em material de consumo, classificando-o em classes, organizando os consumidores numa hierarquia de qualidade em série. Para Roger, este é um divertimento da classe média baixa para o fim de semana. Cenas inexplicáveis, sem sentido que só podem ser assimiladas por sujeitos que não possuem condições de desfrutar de algo melhor ou porque (talvez como ele?) queira ver a *performance* da atriz.

Todos os posts de Roger são comentados. Temos a impressão que este blog tem uma boa repercussão entre os amigos e blogueiros. Ele usa a expressão “beirando a fama” toda vez que recebe um comentário; se este não chega, usa a expressão “nenhum comentário ainda?”.

4. Tecnologia e Informação (Nerd): neste espaço o blogueiro facilita uma informação tecnológica

Quinta-feira, Janeiro 11, 2007

Ultimamente eu tenho estado tão infectado pelos serviços da web 2.0 que meu cérebro quase explode de tanta informação, senhas e formulários que eu tive que decorar e preencher nessas últimas semanas. Como tenho um espírito muito bondoso (apesar de transcender a moral dos seres inferiores) estou aqui escrevendo esse post com o intuito de mostrar a vocês algumas maravilhas a apenas um clique de você. E também não deixar meu blog morrer.

Firefox 2.0 (Mozilla) - Quer dar uma de moderninho e usar um browser que todo mundo usa, com direito a avatares posers? Não gosta do Bill Gates? Se sente atraído pelas meninas loiras com fucinho e orelhas de raposa que tanto vemos no YouTube? Esse é seu browser.

ThunderBird 1.5 (Mozilla) - Mesma coisa do FireFox, só que nesse caso com e-mail. Basta configurar sua conta GMail e se divertir com as opções inúteis disponibilizadas pelo seu gerenciador POP3. Também é um leitor de feeds, ótimos para os blogueiros que comentam nos blogs alheios só para comentarem no seu próprio blog.

Java Virtual Machine (Sun) - Que tal se modernizar e finalmente rodar aqueles programas em Java? Se você não for um leigo preguiçoso, pode passar para o próximo item. Mas se for... Tá esperando o que mermão?!

jSMS - Programa muito útil e simples feito em java para mandar SMS. Possui a edição de perfil e agenda para usuários. É compatível com todas as operadoras e ainda suporta mandar mensagens para grupos inteiros. Bem-vindo a era do Spam nos celulares.

Blogger - Não precisa explicar como é divertido e inútil usar esse serviço.

Google Analytics (Google) - Tá a fim de saber quantas pessoas visitam seu flog ao redor do mundo? Cuidado para não se decepcionar quando descobrir que são apenas três. Você, sua mãe e um asiático procurando por hentai.

Pois é, aqui acaba minha inspiração nérdica. Espero que os leitores (maioria também donos de blogs) achem os links merecedores de sua atenção e clique. Não esqueçam o que o add-sense nos ensinou: clicar em banners dá muito dinheiro (só não dá pra você). Stay out of drugs kids.

Numa linguagem acessível e com uma inspiração nérdica, Roger explica passo a passo como melhorar seu blog e ganhar dinheiro. Das muitas informações espalhadas, o blogueiro potencializa seu uso, facilitando o processo para quem não domina a tecnologia. Este blog é muito acessado também por isso, pois o blogueiro põe na rede a informação e o conhecimento. Na sociedade atual, quem tem o conhecimento possui o domínio e o Roger sabe disso e faz uso do mesmo.

5. Veneno Destilado é a parte do debate no blog:

Domingo, Setembro 02, 2007

O seu filho do puta se vc ã gosta de rebelde e RBD tudo bem mas ve se pelomenos respeita quem gosta ta se voce reclama deve cantar muito melhor ã é claro que ã aposto que ta morrendo de dor de cutuvelu mas e só isso adeus

maressa | 01.09.07 - 2:00 pm | #

Caro(a) amigo(a) Maressa,

Se você realmente leu todo o post você deve ter notado que em nenhum

momento eu falei mal da audiência da suposta novela. Mas acho que você só percebeu as palavras-chaves do post, já que uma pessoa que escreve "cutuvelu" duas vezes seguidas prova um analfabetismo prática em níveis gravíssimos. Mas sinta-se livre para exibir sua opinião, adoro um pensamento crítico e construtivo como o seu.

Abraços,
Roger.

Irônico, inteligente, Roger responde ao post indelicado de quem o critica por apontar o significado de um grupo que mobiliza crianças e adolescentes cujas mensagens massificam o pensamento adolescente. Nesta crítica a cultura de massa, de como a TV direciona as atitudes e é formadora de opiniões vemos que este blogueiro tem uma visão mais crítica da sociedade e que analisa o senso comum que atinge outros sujeitos, como o do post anterior.

ARQUIVO: os arquivos mês a mês;

COMENTÁRIOS: parte onde os internautas postam seus comentários e que o Roger responde;

PESQUISAR BLOG;

SINALIZAR NO BLOG: usada para sinalizar conteúdo impróprio do blog;

CRIAR UM BLOG: link que direciona o internauta ao Google onde é possível criar uma conta e, posteriormente, um blog;

DIVULGAR O BLOG: cada vez que o internauta clicar neste ícone, o blogueiro vai pontuando sua audiência.

Observe agora o que escreve sobre o Carnaval:

Quinta-feira, Fevereiro 15, 2007

Começo de carnaval. Maravilhosa festa da carne que os cristão tanto gostam apesar das origens pagãs... Hehehe, como eu amo a dicotomia humana. Mas enfim, vamos falar de coisas interessantes: a cultura de jovens embriagados do nordeste, mais precisamente João Pessoa, Paraíba. Como minha visão de Brasil é limitada vou expor mais ou menos como as coisas funcionam por aqui em época de carnaval: Uma semana antes (mais ou menos) começam os blocos de ruas. Aglomerações humanas com nomes toscos como Baratas ou Muriçocas, que acompanham o nome do bairro em que surgiram. Os indivíduos que são encontrados nesses devidos blocos variam de acordo com o "status" do bairro, mas você pode encontrar de todo tipo no meio da rua e atrás dos trios elétricos: desde modelos a praticamente-deformados. E eu não estou brincando... Latinhas de cervejas voando em cima de suas cabeças não são muito comuns, mas infelizmente também não são raras. Proteja sua carteira e seu celular de alguma mão boba indevidamente posicionada no seu bolso, e você poderá curtir uma bela noite de dança e pegação, e uma puta enxaqueca no dia seguinte se você for amigo do R-OH. É interessante também salientar os ápices de comportamentos joviais dessas noites: -Primeiro vem a ansiedade: "Será que essa porra vai ser boa e vou conseguir pegar aquela guria?" - Depois a euforia: "Caralho!! Beber cachaça, cerveja e vodka juntos foi uma idéia genial!!! Eu praticamente nem sinto meu pênis!!!" -Depressão barata adolescente: "Porra... Ela era tudo pra mim. Porque ela teve que me trocar por aquele corno manso? Por que, por que, por que..." -E por fim, o exôdo do bolo alimentar do jantar: "Bleeeeeeeeeerg!" Então, o carnaval aí de vocês ao redor do Brasil é parecido, ou isso só acontece comi... digo, com alguns jovens daqui?

Este blog é diferente dos anteriores. Este blogueiro explora os fatos do cotidiano, neste caso, o carnaval, e a “dicotomia humana. Faz um passeio pelo carnaval nordestino, as aglomerações humanas divididas em classes sociais. Resultado: “pegação, e uma puta enxaqueca”. Além disso, descreve os “ápices de comportamentos joviais”: a ansiedade, a euforia, a depressão e, por fim, o êxodo do bolo alimentar.

Este blog possui um texto mais elaborado e mescla palavreado popular (pegação, puta, porra) com colocações algo sofisticadas, quase eruditas como “êxodo do bolo alimentar”. Roger, se caracteriza como nerd / universitário. “Cuidado. Você está entrando num domínio de muitas piadas nerds, piadas rpgísticas, hipérboles exageradamente pleonásticas, posts sem sentido, drama adolescente e muito, mas muitos trocadilhos sexuais. Sinta-se em casa.” Como é um nerd, o universitário aparece, não como funcionário público que só marca o ponto, mas como uma pessoa com projetos e necessidade de presença:

Terça-feira, Março 06, 2007

Duas coisas que eu aprendi hoje na universidade: -Nunca falte aula para estudar, nem que na semana em questão você tenha duas provas com mais de 5 capítulos cada. Algum Projeto de Iniciação Científica pode dar bobeira. -Nunca deixe de olhar seu celular e-mails a cada minuto. Algum Projeto de Iniciação Científica pode dar bobeira ON-LINE. -Se mesmo assim você o perder, não se preocupe. A vida continua (ou não).

A universidade vem com uma carga de responsabilidade: os Projetos de Iniciação Científica. No caso do Roger, há maior comprometimento com os estudos, o que pode ser um ponto a mais em sua produção mais opinativa. Vamos ver como os amigos reagem ao post:



Fig. 5 – Blog do Roger

Antes das respostas, vem um toque de humor do blogueiro, que escreve “Beirando a fama com três comentários”, a questão da visibilidade do blog ou até mesmo a credibilidade, ponto de discussão com reação aos “arquivos” na rede. Outro ponto é a questão de não se ter censura, pois um dos pontos críticos de um blog é a comunicação todos com todos que tem gerado certa polêmica entre os blogueiros, pois muitos querem que haja censura às respostas de seus posts, como filtragem do receptor o que alteraria o modo de comunicação original. Nas respostas, temos amigos nerds também, pois todos concordam que a troca não vale a pena, pode acarretar “manchas em seu histórico acadêmico” – em tom humorístico. Camila aponta a faculdade como um “curso de sobrevivência diário”.

A mídia aparece como tema num post de 20/02/2007, porém associada à vida de telespectadores que consomem tragédias e alimentam o poder das comoções nacionais.

Terça-feira, Fevereiro 20, 2007

Olha só, não é pra ninguém ficar chocado não. Apesar de não ter chorado com o novo filme do Will Smith, eu não me considero uma pessoa sem coração. Fria talvez... O fato é: um garoto de 6 anos foi vítima de um crime terrível e horrendo, isso é verdade. Mas também é fato que a mídia sensacionalista se aproveita disso como abutres em volta de carne podre. O pior, não é nem a esfera jornalística. Afinal, é o trabalho deles, mas sim os pobres cidadãos de bem que ficam entrando em comunidades para o João Hélio, criando tópicos como "Vamos orar pela sua alma" ou ainda "Perdoem os criminosos"! Nossa, é muita falta do que fazer! Como se isso fosse adiantar alguma coisa, ou fazer do mundo um lugar melhor... ACORDEM! Não estudar, trabalhar, produzir e deixar de serem tão hipócritas ao

ponto de colocar a merda de uma rosa na imagem do orkut e pensar estar fazendo alguma coisa de bom. A existência já é difícil, ainda mais com esse vermes que só sabem reclamar da vida/situação financeira/criminalidade/moradia/roupa íntima/doenças venéreas. Ainda bem que, pelo menos os blogueiros e nerds que passam por aqui, não são dessa escória. Mais uma vez agradeço vocês, que deixaram comentários sarcásticos, irônicos ou venenosos, em relação a minha pessoa ou as crianças desnutridas da África. Irônicamente são pessoas assim que realmente fazem do mundo um lugar menos insuportável de se viver. Tá bom, vou deixar de pessimismo, afinal já terminou de baixar o Quinto Elemento via torrent.

Marcadores: Coisas (sem) importância
 postado por [Roger] às 1:02 AM

“O mundo é o simples prolongamento daquilo que acaba de ver no cinema” (Adorno, 2002, p.17), está é a discussão central deste post.

Na mídia, o assunto mais discutido neste período era a morte violenta do menino João Hélio, assassinado por um grupo de adolescentes no Rio de Janeiro. O tema ganhou destaque em toda a imprensa e, como citado num dos posts, a mídia, rádio, TV, jornais, fez disso um documentário e o repartiu em séries durante os programas por cinco semanas seguidas. Junto a esta história comovente, o cinema também agrega sua parcela de comoção com um novo filme, cujo protagonista é um garotinho vítima de um crime horrendo. Então, *acordem*, diz o blogueiro, pois uma página com lamentações não mudará a situação.

Analisando o post, o blogueiro quer menos paralisia das pessoas, menos ações que repetem o discurso midiático, “vão estudar, trabalhar, produzir e deixar de serem hipócritas”.

Nos comentários dos seus amigos *nerds*, dos quais transcrevemos apenas trechos, eles apontam uma série de fatos repercutidos pela mídia oficial que ficaram no esquecimento: o avião da gol, o 11 de setembro, o aquecimento global. “Bom, depois do carnaval as pessoas esquecem as tragédias... isso é comum no Brasil!” Este comentário é comum em nossa sociedade, muitos nasceram ouvindo isso.

Porém alguns blogueiros acreditam que sua ação na rede pode divulgar mais a notícia e causar algum efeito: “o mundo com certeza não vai ficar melhor, mais se pelo menos uma pessoa que leu o meu post, parar para pensar, já valeu a pena, eu sei que esse papo esta de ‘se apenas uma pessoa mudar eu fiz o meu trabalho’ é meio piegas, mais é assim que me sinto.”. Nos comentários dos amigos percebemos uma atrofia provocada pela indústria cultural, pois os pensamentos são regidos pela imprensa e o discurso no blog não difere do discurso ouvido no bar da esquina, no supermercado, no colégio; não será lendo um post piedoso ou engrossando o muro de lamentações que uma solução poderá ocorrer como pensa o blogueiro. Todos agem da mesma forma repetindo modelos comportamentais que não mudarão o sistema. O cinema é a ponte que legitima ideologias, ou seja, vamos ao cinema para aprendermos a viver com a violência.

Roger mostra em seu blog um estudante universitário que posta sobre assuntos variados, não pode ser caracterizado como um diário, mesmo tendo frequência na postagem; possui um ponto diferencial: é muito acessado e os “amigos” se manifestam e discutem os temas. Estes temas não surgem como cópia ou repassagem de fatos do cotidiano, mas sob a ótica de um universitário que se preocupa não só com a formação profissional, mas com o mundo que o rodeia. Sabe aproveitar os conhecimentos que possui, ora avaliando, ora criando polêmica, ora se identificando com outros blogueiros. O fato de se denominar nerd / universitário traz uma conotação diferente dos demais. Roger oferece também a possibilidade da navegação na rede a partir dos amigos e sites aos quais ele oferece passagem direta. Além disso, há links diretos para Ateus.Net, Yahoo, Translator, HBDia e Wikipédia, entre outros. Estes links também mudam com frequência em seu blog.

Este tipo de blog apresentado pode ser classificado como de estudante universitário cujo perfil mais crítico pode estar relacionado a uma série de fatores alheios a esta pesquisa exploratória. Porém podemos notar que o estudante pertence a uma universidade conceituada na área de produção tecnológica, cursa Engenharia da Computação, desenvolve um projeto de Iniciação Científica e fez do blog um a ferramenta para divulgar seus estudos, conhecimentos, piadas, ironias postas na rede.

Nas postagens apresentadas, critica direta e indiretamente o comportamento da sociedade à mercê da cultura de massa, engrossando a fila dos que não possuem opinião própria, choram porque todos choram, pedem justiça porque todos pedem, mas se acomodam diante dos fatos abusivos de grandes grupos. Por outro lado, este jovem também sabe tirar proveito desta standartização do conhecimento, do senso comum e faz uso de elementos que darão visibilidade ao seu blog e maior poder na rede. Seu blog é bastante acessado por proporcionar aos outros blogueiros a possibilidade de aproveitamento dos conhecimentos deste sujeito.

Blogs como este, precisam de um suporte que é conseguido neste caso devido ao curso, a presença de professores e a disposição do blogueiro. Produzir um blog é bastante simples, basta seguir as etapas fornecidas pelo provedor. Mantê-lo da maneira como o estudante faz exige disponibilidade cultural, análise crítica do mundo que o rodeia e o que o aproxima ainda mais dos amigos é uma linguagem típica, cheia de impetuosidade juvenil. O *nerd* juvenil não se esconde atrás de livros, computadores. Ele se expõe, mostra que tem conhecimento e quer se destacar e o blog é o seu portfolio.

Como todo adolescente, meu gosto musical muda a cada temporada da MTV. Minto, 50% dele. Acho que eu tenho personalidade e inteligência suficiente pra ser at... digo, não ser alienado. Bandas como System of a Down, algumas melodias de Beethoven e outras de Renato Russo não são da minha playlist mental. Em compensação é a outra metade de arquivos sonoros do meu cérebro composto por new metals da moda e bandinhas pop capitalistas. Não sei se Evanescence se enquadra nessa última, só posso dizer que eu estou viciado em suas músicas. E não é que disser que esse último clipe (Call me when you're sober) não é do caralho tá; mentindo ou sendo vítimas dos preconceitos sebosos do ensino médio. Sim, Amy Lee é bonita, ela canta bem e a música é boa. A banda pode cagar e ter cagado em todas as outras músicas, mas essa é boa.

Nesse segundo parágrafo eu ia falar de como eu acho o povo sensacionalista. Minha mãe não pode ver uma foto do acidente da Gol que já vai invocando o nome de todos os santos e de "zezuis" pra zelar pelas vítimas do acidente como se tivessem matado sua própria família e ainda postassem fotos .jpeg no seu orkut através de scraps de animaizinhos. Paciência. Eu tenho muita simpatia pelo ser humano, mas não fico falando besteiras de graça só pra me fazer de bonzinho. De falsidade já tem o Gugu no sbt. Ops, acabei falando mesmo de como o povo é sensacionalista.

Terceiro parágrafo e mais importante. Como eu odeio essa forma ridícula de tentar escrever um coração em ASCII (sim, finalmente sei o que é ASCII, precisei comer meu curso de computação para isso). Eu odeio com todas as minhas forças o "s2". Não existe coisa mais ridícula e fútil do que isso. Um coração é um monte de carne pulsante cheio de veias que fica na sua caixa torácica. Não tem nada haver com amor nem muito menos "s2". Só em ver esses dois caracteres já visualizo em minha mente aquelas adolescentes com uma saia prendada rosa, munhequeira na mão, que escuta My Chemical Romance (nada contra a banda) e dança forró com o único intuito de seduzir os parceiros machos sexuais (eu moro no nordeste, só pra informar quem for de fora). Abaixo o "s2" e viva o sarcasmo. Ou não.

BLOG 4

1. **Identificação:** "Grito Sufocado" (<http://www.gritosufocado.blogspot.com/>)

2. **Responsável:** Letícia Gonçalves, Vitor Taveira, Wlmansur, Laércio, Davi Gentili, Frederico Barnabé

3. **Descrição:** Esta é uma equipe de blogueiros universitários. O blog existe desde outubro de 2005. Neste período houve uma mudança na equipe. Esta apresentada é a atual.

4. **Observação Geral:** O título do blog é bastante significativo, pois faz referência a um passado de repressão. Também significativo é o texto de apoio ao título, como um *slogan*: "É hora de rompermos com aqueles que sufocam o nosso grito e tentam substituí-lo pelo sorriso pálido de quem não consegue lutar". Blogueiros de todo o mundo, uni-vos! Você odeia a mídia? Então seja a mídia! Exerça seu poder contra-hegemônico!!! Há uma intencionalidade ao fazer um jogo com estas ideias e palavras que fazem parte da história.

O blog é feito por seis pessoas, três com perfil universitário (os outros três não revelam o perfil). Um dos colaboradores é Letícia Gonçalves, que participa de um blog

português de grande significância para a comunidade digital, o Ponto de Análises (<http://pontodeanalises.blogspot.com>). Letícia é a única colaboradora brasileira e a única estudante. No ponto de Análises temos um professor brasileiro Sérgio Denicoli que defende a importância do blog como jornalismo, ou melhor, o futuro do jornalismo via blog.

Os blogs e o massacre na Universidade Virginia Tech

Poucas horas após o massacre que resultou na morte de mais de 30 pessoas nos Estados Unidos, devido a ação de um atirador suicida, o termo "Virginia Tech" já era o mais procurado no Technorati - o motor de busca dos blogs. Eu fui um dos que buscaram saber a versão dos acontecimentos de quem esteve lá. Decidi ler o que as pessoas sentiram e puderam publicar sem a mediação da imprensa. Encontrei o Bryce's Journal - o blog de um estudante (foto) que está fazendo a cobertura do massacre, de acordo com sua própria ótica dos fatos. Ele publicou também fotos e vídeos. Na minha opinião, em termos de transmitir o pânico que se instalou na Universidade e o que os estudantes sentiram, o blog jamais poderia ser substituído por qualquer jornal.

Posted by Sergio Denicoli on Segunda-feira, 16 de abril de 2007

Veremos nos posts do Grito Sufocado a influência de Denicoli e do Ponto de Análises nas postagens do grupo: ambos defendem a idéia do blog como nova possibilidade jornalística e Letícia mais o grupo indicam a fonte de onde buscam a notícia, atributo de jornalistas.

É importante notar que lutam contra um poder porem buscam o material para seus postes em fontes do jornalismo tradicional. Até mesmo o formato de seu primeiro post segue o jornalismo impresso:

Editorial

Isto é um blog. Mais um blog.

A internet é uma arma poderosa, mas acessível a poucos.

É um meio com imenso potencial contra-hegemônico. Todos que estão nela tem voz. Censura é impossível. É proibido proibir!

Em poucos anos, a grande maioria da população terá acesso à rede mundial de computadores. O desafio é trabalhar desde já para que esta se torne um instrumento importante de combate à concentração dos meios de comunicação e à mercantilização da cultura.

A grande imprensa é formada por mega-empresas, com muitos interesses a defender. A legislação de comunicação não a impõe limites. O lucro se torna muito mais importante que a informação de qualidade e o respeito ao leitor. Para combater os impérios comunicacionais é preciso que a sociedade civil se organize para reivindicar novas leis e criar seus próprios meios: jornais de bairro, rádios e televisões comunitárias (com o sistema digital a possibilidade de expansão é gigantesca), internet, etc.

A ciência, a cultura e a informação não podem ser bens de quem fez criou, apurou ou patenteou. Devem pertencer à humanidade, serem compartilhados entre todos. A internet nos possibilita um acesso ilimitado a tudo isso, por isso sua importância nessa nova era em que tudo parece tender a virar mercadoria.

Isto é um blog. Mais um blog.

Tudo é novo. Tudo é experimental. Aqui se pode errar. Aqui se pode tudo

A linguagem pode variar: pode ser objetiva ou subjetiva, culta ou coloquial, pode seguir a norma culta ou pd se assim msm, como se eskreve na net.

Aqui é *copyleft* total. Faça o que quiser com o que eu postar aqui. Mande pros amigos por e-mail, coloque no seu blog ou flog, imprima, mostre pra sua mãe, sei lá. Mas cite a fonte, por favor né!

Isto é um blog. Mais um blog.

7/10/05

O editorial reforça o que afirmamos. Há um pensamento de luta, juntamente com algumas ações pequenas, porém os blogueiros do Grito Sufocado não produzem sua matéria e raramente aproveitam informações vindas exclusivamente da rede de blogueiros.

Na busca por tipos de blogs, encontramos o Ponto de Análises, mandamos um e-mail ao Prof. Sérgio e este nos indicou o blog da Letícia. Vejamos alguns posts da blogueira / jornalista. Caracterizamo-la assim, pois se percebe que segue a linha de Denicoli.

Interessa-nos este blog, pois não existe um professor cobrando um blog como parte da avaliação do aluno. Porém, Letícia como outros do grupo estão matriculados em uma universidade (UFES), num curso de jornalismo e de Comunicações cujo trabalho com blogs é intenso. Em nossa navegação foram muitos casos de blogs específicos desta universidade. Este esforço em propagar conhecimentos via rede por parte de professores e alunos em conjunto com uma universidade que possui grupo de pesquisas na área sempre faz a diferença.

3.5.07

Eles não comemorariam o dia de hoje...



Anúncio da [Associação Nacional de Jornais](#) em referência ao Dia da Liberdade de Imprensa, 03 de maio.

Marcadores: [Jornalismo](#)

24.4.07

Conectando o ensino

Governo Federal diz que todas as escolas públicas terão Internet banda larga até 2010; Pesquisadores afirmam que computadores não ajudam no desempenho dos alunos

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva anunciou na última sexta-feira (20) que até o final de 2007 todas as escolas técnicas terão Internet banda larga e que todas as escolas públicas também vão dispor da ferramenta até 2010, “Porque é por meio do conhecimento que a gente pode permitir que as diferenças sociais desapareçam”, disse o presidente, segundo a [Agência do Rádio](#). No entanto, recentes estudos, da [USP](#) e do Centro de Pesquisas Européias, (leia [aqui](#) matéria da Folha de S. Paulo) mostram que a utilização do computador não garante a melhora no aprendizado dos

alunos. Escolas, da rede pública e privada, que utilizam a internet não diferem em relação ao rendimento dos alunos em comparação com escolas similares que não possuem computadores e/ou acesso à rede. Efeitos positivos aparecem quando o estudante tem acesso em casa. A pesquisadora Maresa Sprietsma, do Centro de Pesquisas Econômicas Européias aponta que a utilização do computador até piora a qualidade do ensino de português e matemática, devido ao mal uso do PC, que muitas vezes torna-se um meio de dispersão da atenção dos alunos. Para o pesquisador da USP Naercio Menezes Filho, que desenvolveu o estudo, "talvez esteja faltando em muitas escolas um professor que oriente o aluno a usar o computador, enquanto em casa essa tarefa está sendo feita pelos pais". O ponto a ser observado, apesar de óbvio, é que não importa a disponibilidade técnica para melhorar a educação, o investimento em pessoal e em capacitação continua sendo fundamental. Mas, mais uma vez com um tanto de obviedade, o mesmo vale para a ausência de equipamentos e excesso de capacitação. Os dois pesquisadores afirmam que embora o computador por si só não melhore o aprendizado, pode ajudar nessa tarefa. A Internet nas escolas é outra aliada, se bem utilizada. Mas, então vejamos o que será feito desses instrumentos em 2010. Eu, pelo menos, já consigo visualizar uma professora enlouquecida, que se quer sabe como funciona um computador, tentando convencer uma sala com 40 pestes, quero dizer, crianças, a sair do MSN e olhar para o quadro.

Marcadores: Educação, Internet, Lula

POSTED BY LETICIA GONCALVES AT 13:46

1 Gritos:

Juliana said...

Excelente colocação, lele. É isto mesmo, concordo contigo. Imagine se a internet vai de fato cooperar na educação como sonhavam os apreciadores de tecnologia e também os filmes hollywoodianos. Acredito que para existir tal realização eficaz é fundamental a mudança da consciência da população sobre a instituição Escola. Uma sala lotada de crianças ou adolescentes no msn fará muitas pessoas desistirem da atividade de professor. Se o salário já não ajuda, as novas condições de trabalho tendem a piorar a situação.

Letícia Gonçalves é coerente em seu post, sabe juntar as informações veiculadas pela mídia, faz referência à fonte de pesquisa e aponta a grande questão: a falta de um mediador para chegar ao que o Presidente Lula chama de conhecimento. O comentário que lhe chega possui a qualidade de análise temática.

Este texto se identifica mais com jornalismo atual, pois a jovem segue a linha de seu mestre, o Prof. Sérgio Denicoli, que acredita num futuro em que os blogs substituirão os jornais. Letícia se enquadra nos blogs de cunho jornalístico e que possuem um mediador, no caso, professores que estimulam esta prática aos alunos de jornalismo e comunicações. Os blogs jornalísticos são regulares, escolhem assuntos direcionados ao curso de jornalismo, como cultura de massa, educação, cidadania, ética, WEB, racismo, temas polêmicos da sociedade são postos em discussão.

Nas postagens de Letícia, encontramos a compilação de notícias veiculadas pela mídia padrão, ou seja, neste espaço ela repassa o que circula nos jornais, principalmente, e em espaços da rede que possuem mais credibilidade, como o Observatório da Imprensa.

Não há muita expressão pessoal direta destes jovens ou inserção opinativa durante os posts. Neste caso anterior aparece somente no final. Porém, na escolha dos temas está

embutido o desejo do grupo, a discussão sobre a democratização do saber, os pensamentos de personalidades que pensam a sociedade ou que comandam a mesma.

Diferentemente de muitos blogueiros, estes citam a fonte, a origem da notícia. Provavelmente esta prática vem dos ensinamentos adquiridos na universidade e de sua experiência no Ponto de Análises, a outra comunidade a qual pertence.

O blog é cercado de informações variadas que circulam diariamente, muitas pertencentes ao senso comum, porém com um olhar particular deste grupo, retratado às vezes, simplesmente em um comentário durante a postagem. Seus posts são resultantes do que está na mídia impressa do dia, com uma produção em série e alguns pontos reflexivos.

Quanto aos links, Letícia esta conectada a 52 outros pontos entre sites e blogs, entre quais podemos destacar alguns que são referência para blogueiros, pois possuem credibilidade: Observatório da imprensa, Greenpeace, Agência Carta Maior, Jornalismo Digital UFES.

Links deste blog:

[Álcool e Prozac](#), [Andreia Lopes](#), [A Ponte Clandestina](#), [Atentos À Mídia](#), [A Voz Ativa](#), [Blog do Tas](#), [Brainstorm #9](#), [Cerebração](#), [Cinema e Criatividade](#), [Com Licença, Por Favor](#), [Despertando Vozes](#), [Espaço Ambiental](#), [Espaço, Ufes, Ferrez](#), [Geração Prozac](#), [Grito Literário](#), [Haroldo Lima](#), [Impressão On-line](#), [Jornalismo Analógico](#), [Jornalismo Digital UFES](#), [Jornalismo Expresso](#), [Nosso Cotidiano](#), [Pensamento Criativo](#), [Polimídia](#), [Ponto de Análises](#), [Que Jornalismo é Esse?](#), [Relevância Zero](#), [Treta](#), [Viva La Revolucion](#), [Agência Carta Maior](#), [Centro de Media Independente](#), [CRIS Brasil](#), [Comunicação Capixaba](#), [Comunique-se](#), [Fazendo Media](#), [Intervezes](#), [novae](#), [Subindo no Caixote](#), [Domínio Público](#), [Espaço Acadêmico](#), [Futebol Capixaba](#), [Greenpeace](#), [MST](#), [Observatório da Imprensa](#), [Olhar Crítico](#), [Poetas Capixabas](#), [Porta Curtas](#), [Projeto Democratização da Leitura](#), [Quase](#), [Rede Alerta Contra o Deserto Verde](#)

Outro ponto interessante é que não existe propaganda no blog e nenhum link para espaços que não sejam fóruns, blogs de amigos ou sites relacionados aos seus estudos.

Este blog de estudantes universitários pode ser classificado como jornalístico, sem a participação direta de um professor. Porém no resultado apresentado, há grande influência de professores, profissionais da área jornalística, universidades que exploram a ferramenta blog para obter melhores resultados na transmissão do conhecimento, além de alunos dispostos a dedicar horas de seu dia para a atualização do blog.

Similares a este blog existem outros. O Blog da Rua (<http://ruanoblog.blogspot.com/>), por exemplo, feito por:

10 universitários, idiotas em muitos níveis, inteligentes em outros, que se encontram na Rua perto da Universidade Cásper Líbero resolveram fazer algo mais de suas vidas (para fugir dos vazios da alma e de outras coisas que os filósofos adoram) e criaram um blog, que fala da vida, do universo e tudo mais). Infelizmente pela falta de conhecimento de seus dez integrantes e pouca experiência de vida em um planeta da periferia do universo, acabam falando mais sobre publicidade e algumas coisinhas em geral. Isso não é ruim, se você pensar em tudo que pode ser dito e o

que pode ser opinado sobre aquilo que foi dito. Mas como publicitários, o ideal é segmentar.

Aqui, os dez componentes são universitários do curso de publicidade e fazem do espaço uma forma de repercussão de informações de seu interesse, logicamente segmentadas, como afirmam. O blog existe desde dezembro de 2006, tem toda a gama de links possíveis, além de publicidade, contagem de pontos, arquivos divididos por sessão (clipping, idéias, cinema, vídeo, TV, internet, comportamento, literatura, música, esportes, game e tecnologia, publicidade e marketing). São mais de 60 links diretos.

É um blog coletivo, repercute a mídias escrita e não está preocupado com o conhecimento produzido, mas deixa claro que tem valor opinativo: interessa a intervenção do leitor. O publicitário precisa de retorno imediato.

Dia do Blog



Assunto obrigatório de hoje nos blogs em todo o mundo, é verdade. Você vai se cansar de ler isso por aí, é verdade. Mesmo assim, o Blog da Rua não poderia deixar essa data passar em branco, e parabenizar (será?) todos os blogueiros por está data. Por curiosidade, caso ainda alguém não saiba, o dia do blog foi definido 31/08 por está data, "tipograficamente", remeter a palavra: Blog. Coisa de blogueiro que não tem mais o que fazer, é verdade. Essa já é a terceira comemoração dos blogueiros, desde que oficializaram essa data.

O que eu me pergunto é, por que eu estou trabalhando? Sou blogueiro e trabalho com isso. Deveria ser feriado, concordam? Eu não concordo nem discordo, muito pelo contrário.

Veja: <http://www.blogday.org/>

Este post explica o porquê, tipologicamente, dia 31/08 é o dia do blog. As postagens deste grupo de publicitários seguem o padrão da indústria cultural: informações reduzidas, standartizadas, com muita imagem e que não saem do senso comum. A exibição de fotos, imagens de propagandas do mundo todo, além de cenas do youtube, aparecem em todos os post. Quando ao final do exemplo acima apareceu uma reflexão, esta não foi concluída, ficou sem resposta, fato também comum neste blog.

Este tipo de conteúdo publicitário é a marca deste blog, com postagens diárias e frequência e pontuação muito altas indicadas pela Technorati Favorites, o site que supervisiona o blog. Após cada postagem, percebemos embaixo a nota atribuída (subir 10 pontos, 5 pontos, 0 pontos).

Em relação ao blog Grito Sufocado, este é mais superficial e com menos textos, a imagem, neste caso, é mais importante. Colocamos estes dois exemplos num só tipo, pois ambos têm como prioridade a mídia e estão em universidades cujos professores estimulam esta produção, porém em termos de conteúdo percebemos algumas diferenças, pois as intenções são diversas também.

BLOG 5

Neste blog, não será possível compor um perfil como os anteriores, pois o blogueiro, conhecedor de informática, não segue o padrão imposto pelo provedor; ele muda, retira do ar, não se intimida diante do sistema. Há alguns meses começamos a observar este blog, porém o blogueiro tem avisado que suas páginas passariam por uma reforma e isso vem ocorrendo.

No início, esta página parecia um caderno de anotações de um estudante dedicado. Hoje, a página está cercada por links que ao serem acessados despejam um incontável número de anúncios Google, além de uma desordem nos ícones que se apresentam. O blogueiro em questão se diz conhecedor de informática, porém estas mudanças estão dificultando a navegação em seu espaço.

O caso do blog Letras USP (<http://blog.cybershark.net/letras/>), uma iniciativa particular de estudo que encontramos na rede. Este blog pode ser classificado como blog de estudos, se analisarmos os conteúdos publicados pelo sujeito. Vejamos o que foi publicado em 08 de fevereiro de 2006.

Bem-vindos, bixos

[Letras]

Ei, bixarada 2006, parabéns! A matrícula ano passado foi no prédio da História, e acho que esse ano também vai ser. Então, nem adianta ir pro prédio da Letras pra fazer a matrícula. Preparem-se pras filas enormes no xerox e pra zona de pastas por lá. Os corredores são lotados e a galera fuma sem a menor cerimônia por eles. Você vai ler muito. E vai gostar. Nota boa conta pro ranqueamento, sim, mas nunca deixem de ser solidários com os colegas por isso. Todos colaboram, todos ganham. O meu blogue tá aqui e espero que ajude um pouco. É incompleto, muita aula não postei, tem erro de digitação. Espero que alguém faça um maior e melhor. Aqui tem fichamento e trabalho que eu fiz pra baixar, sim, mas é só pra consultar. E se consultar, cite a fonte. Não cometa a infantilidade de copiar, de mudar o nome e entregar. Essa faculdade é uma oportunidade belíssima de se educar, e desperdiçá-la pegando carona nos outros seria muito triste. Seja grande de espírito e generoso na alma.

Uma das coisas que você notará é que não sabia nada. Isso é normal. Na verdade, é uma das coisas mais legais que aprendi: que eu não sabia nada. E continuo não sabendo, aliás. Porém, lentamente vão se abrindo portinhas para mundos inteiros e você vai tendo dimensão da sua ignorância e também de quantas possibilidades legais existem. Deixe o ar fresco entrar, espie pelas frestinhas que estão se abrindo e prepare-se para explorar. Bixos...

BEM-VINDOS À LETRAS - USP!!

Publicado por **Dude** as 11:36 | Comentário(s) (7)

Neste post, Daniel ou Dude repassa seus conhecimentos de veterano. Descreve o primeiro dia de um aluno de Letras na USP e defende a idéia de solidariedade mútua, “todos colaboram, todos ganham”. Na seqüência apresenta seu blog: incompleto, com erros de digitação. Oferece seus textos como apoio à pesquisa, mas não a cópia. Se forem copiados, deverão citar a fonte e enfatiza que a universidade é uma oportunidade única. Para Daniel a universidade abre as “frestinhas” para o conhecimento. Ela é referência para a produção e apropriação do saber.

Os posts de Daniel seguem um padrão de anotação diária do conteúdo explorado em sala de aula, dicas para não cometer erros banais como bixo, links que auxiliam um novato na produção de um ensaio, de uma resenha, declinações do latim, entre tantos outros:

Lembranças de um mundo antigo 8/8/2006

Estamos estudando Carlos Drummond em Literatura Brasileira II. E eu gostei da análise do professor Roncari a respeito do poema *Lembrança do mundo antigo* (numerei os versos para facilitar).

LEMBRANÇA DO MUNDO ANTIGO

- 1 Clara passeava no jardim com as crianças.
- 2 O céu era verde sobre o gramado,
- 3 a água era dourada sob as pontes,
- 4 outros elementos eram azuis, róseos, alaranjados,
- 5 o guarda civil sorria, passavam bicicletas,
- 6 a menina pisou a relva para pegar um pássaro,
- 7 o mundo inteiro, a Alemanha, a China, tudo era tranqüilo [em redor de Clara.
- 8 As crianças olhavam para o céu: não era proibido.
- 9 A boca, o nariz, os olhos estavam abertos. Não havia [perigo.
- 10 Os perigos que Clara temia eram a gripe, o calor, os [insetos.
- 11 Clara tinha medo de perder o bonde das onze horas,
- 12 esperava cartas que custavam a chegar,
- 13 nem sempre podia usar vestido novo. Mas passeava no [jardim, pela manhã!!!
- 14 havia jardins, havia manhãs naquele tempo!!!

—

Um caminho para se interpreta este poema é ver as palavras que o autor usa e fazer associações sobre elas, para se ver um sentido maior. Existem três palavras chaves para se interpretar o primeiro verso. Clara é uma delas. Note que o nome da personagem é o oposto de cinza, escuro, sombrio. As associações de clara são óbvias e se juntam as associações de crianças: inocência, ingenuidade. A terceira palavra que se pode suar para associações é jardim. Jardim é a natureza domada, segura para o homem. E remete ao Jardim do Éden. Então as primeiras idéias que o autor passa sobre o mundo antigo do qual se lembra são de clareza, inocência, segurança, uma idade do ouro.

O segundo verso traz uma coisa estranha: o céu era verde! Isso porque ele refletia o gramado. Ou seja, não se distinguia mais o céu da terra. De novo a idéia de uma época celeste, quando ahvai inocência - como no Jardim do Éden.

A idéia de idade do ouro é reforçada mais uma vez no verso 3, com a cor dourada da água sob a ponte. As cores enumeradas no verso 4 passam a idéia de alegria, vida. O guarda civil sorria (verso 5). O guarda civil é o símbolo das proibições, das restrições. Só que neste mundo antigo ele sorri, incentivando a menina a pisar na relva no verso 6 (o que normalmente é proibido nos jardins). E ela vai pegar um pássaro, o que normalmente é muito difícil de fazer, porque o pássaro obviamente irá fugir. Mas aqui não tem medo, e se deixa pegar pela menina.

No verso 7 há referências a uma Alemanha e china tranquilas. Na época que o poema foi escrito a Alemanha vivia o Nazismo e a China era invadida pelo Japão, que estava provocando grande matança por lá.

Note que todos os versos estão no passado. Esse mundo antigo é a negação do mundo atual. Nesse mundo antigo se olhava para o céu (verso 8), nessa época não era proibido: *havia perspectivas*. O que quer dizer que *agora não*. Naquela época não havia embotamento dos sentidos (verso 9). As preocupações existiam, mas eram ordinárias, banais, e havia as compensações: podia-se passear no jardim, os sentidos eram livres, havia perspectivas, pois podia-se olhar o céu!

Com esse poema falando de um mundo antigo o autor cria um desconforto com o tempo atual, provocando uma reflexão e desejo de mudança.

Este blog traz modos de produção de textos variados, traz interpretações, análises, resumos de aula, enfim, tudo é voltado para o estudo, além do que o blogueiro não faz segredo ou esconde informações, deixa tudo em aberto para ser “consultado” à vontade. A imitação de seus passos é algo visível, há um esforço em ser solidário aos “amigos” da rede.

Depois de observar seu blog durante um período, resolvemos entrar em contato com Daniel para conhecermos um pouco mais desta vontade de repassar seus conhecimentos e também a originalidade em apresentar um blog tipicamente de estudo.

Oi Cátia, tudo bem? Que trabalho interessante você está fazendo! Vou tentar ajudar como possível. **Por que escreve o blog.** Por três motivos principais: 1. Para me ajudar no estudo. Ao repassar a matéria eu estudo e acabo me organizando e fixando melhor o conteúdo. Como tenho mais intimidade com o computador, eu acabo passando a limpo o caderno e fazendo os trabalhos no formato eletrônico, o que facilita torná-los públicos. 2. Para ajudar meus colegas. Já que eu estou fazendo pra mim mesmo no formato eletrônico, fica fácil realizar um esforço extra para ajudar os colegas que estão sem tempo, que faltaram a uma aula, que gostariam de trocar idéias sobre o conteúdo. 3. Para democratizar o conhecimento. Eu acredito fortemente que o conhecimento deve ser espalhado da forma mais ampla possível, e acontece que a Internet é um grande meio para que isso aconteça. Enquanto eu trabalhava na área técnica de informática (eu era administrador de sistemas Linux), eu sempre procurava publicar e compartilhar os meus conhecimentos a respeito. Cheguei a montar um site (<http://www.cybershark.net>) com tutoriais e artigos. Quando resolvi, por motivos particulares dar uma ginada na minha carreira e ir pra Letras, foi apenas natural continuar a publicar o que eu aprendia. E com o acesso à Internet se popularizando cada vez mais (já cheguei a fazer trabalho voluntário em centro comunitário no Jd. Jackeline em SP para viabilizar o acesso à Internet) acho que publicar o conteúdo da faculdade, ou pelo menos parte dele, na rede é uma forma de tirar o ranço de "torre de marfim" da academia e tornar a Universidade Pública um pouco mais pública de fato. A Internet tira o poder de decisão sobre o que é publicado da mão dos editores e põe na mão de qualquer um com acesso. Eu estou usando isso numa espécie de "guerrilha do conhecimento":) Inclusive estou organizando um site sobre a faculdade de Letras, para onde transferirei o conteúdo do blog de maneira organizada e revisada. Existe mais um motivo, o qual só me

dei conta um tempo depois. O site tem ajudado a tirar dúvidas sobre a Faculdade de Letras da USP, de potenciais interessados em cursá-la. Achei legal e respondo a estas dúvidas sempre que posso. **De onde tiro meus posts** Das aulas e meus trabalhos acadêmicos, basicamente. Existem três tipos de posts, em geral. Anotações de aula - como se fosse um caderno, só que eletrônico. Trabalhos acadêmicos - meus trabalhos feitos a pedido das disciplinas. Não todos, os que eu acho mais legais. E avisos em geral, programa do curso, etc. **Sobre mim** Me chamo Daniel Lobato Duclos, e já trabalhei nas três grandes áreas do conhecimento: exatas, biológicas e humanas. Eu entrei em Biologia na USP em 94, comecei a trabalhar com sistemas Linux (e posteriormente outros UNIX) em 99 e entrei na Letras em 2005, onde curso as habilitações de Português e Inglês. Atualmente faço iniciação à pesquisa com Literatura Brasileira com bolsa do CNPq. Tive um conto publicado na revista Fórum - um outro mundo em debate, com circulação nacional, e um artigo técnico na revista PC Master, também de circulação nacional. **Outros blogs** Eu sei de blog da gestão atual do Centro Acadêmico (<http://chapaoutraspalavras.blogspot.com/index.html>). Se tiver alguma dúvida, me escreva.

Daniel On 3/10/06, **mccs** <mccs@terra.com.br> (DUCLOS, 06)

As respostas ajudam a construir o perfil deste blogueiro, um universitário mais velho, que viveu outras experiências e que acredita na democratização do saber, este menos preso à Academia. A intimidade com o computador junto ao seu hábito da escrita auxilia todo o processo.

Escreve por 3 motivos: para ajudar nos estudos, ajudar os colegas e, principalmente para democratizar o conhecimento. Nesta resposta de Daniel vemos toda a influencia da mídia na formação de uma opinião. Quando a internet se tornou pública toda mídia noticiou um novo “século das luzes”, todos teriam acesso ao saber. Daniel acredita que o blog funcionaria nesta “guerrilha do conhecimento”, tiraria o “ranço da torre de marfim”, tornaria a universidade pública um pouco mais pública, além da internet “tirar o poder de decisão dos editores”.

Todas estas declarações do blogueiro seguem uma linha defendida por muitos outros que mostramos ou citamos neste trabalho. Existe uma tese bastante difundida, já quase senso comum, que acredita nesta mudança; porém, há que se analisar que a presença do blogueiro ainda é pequena, na maioria dos países do terceiro mundo. Os países mais ricos continuam no topo da produção e divulgação do conhecimento. Outro ponto é que mesmo o blogueiro que tenta este novo tipo de jornalismo ou página de produção intelectual, em sua maioria, não consegue fugir da mídia dominante. São poucos os casos que saem a procura de informação ou conhecimento para colocá-lo em rede.

Não há dúvida que o trabalho deste jovem é interessante, pois realmente tenta democratizar o saber, porém sua visibilidade no mundo virtual é praticamente nula, centrados nos muitos os amigos, a maioria de sua sala ou iniciantes. Daniel ainda não ampliou sua rede, pelo menos foi isto que observamos. Talvez esta mudança pretendida seja justamente para se

colocar nesta sociedade do consumo, transformando seu blog em mais uma mercadoria de estudo. Quando bem estruturado ao mercado, com muitas propagandas e atualizações diárias, este blogueiro pode inscrever seu blog em sites especializados na divulgação dos mesmos. Daniel talvez caminhe para este processo, pois já traz uma enorme quantidade de propagandas implícitas em links de sua página e esta democratização do saber deverá se render ao mundo capitalista porque com visibilidade maior também sugerirão novas oportunidades ao blogueiro.

Retira os posts realmente das aulas e trabalhos acadêmicos como analisamos e faz uso do blog como um caderno eletrônico disponível a todos. Daniel não é um inexperiente estudante de Letras, possui uma trajetória de estudos em outras áreas do conhecimento além de ter participado de programas para a democratização do saber. Dentro do curso e universidade escolhia, não podemos classificá-lo como um estudante comum: é engajado, sabe o que quer, participa de um grupo de pesquisas, é bolsista do CNPq, tem um conto e dois artigos publicados em revistas de circulação nacional. Este estudante universitário nos mostra algo bastante distante da cultura atual: pensar no outro.

São muitas as resposta postadas no blog de Daniel, a maioria de agradecimento dos amigos. Sobre o blog, Daniel posta em uma das páginas:

Anotações de aulas e coisas referentes ao curso de letras da USP que se inicia em 2005. Estas são **anotações de aula**, e não transcrições do curso. Portanto, **os professores não são responsáveis pelos eventuais erros e imprecisões**, e sim os autores das anotações. É como um "caderno online" Fiz para consumo próprio, mas fiquem à vontade para comentar e discutir. O Blog não possui **nenhum vínculo** com a Universidade de São Paulo, sendo apenas a visão particular sobre o curso de Letras lá ministrado, o qual frequento. Para ter as aulas em ordem cronológica clique nas categorias das matérias, no menu abaixo. - [Diretório pessoal com arquivos relacionados ao curso](#) *"TODA A PAZ NESTE PLANETA AZUL, QUE É SEU E MEU! DE TODOS NÓS! USE A WEB/REDE SEMPRE A FAVOR DE UM MUNDO FRATERNAL PARA TODOS OS POVOS!"* José Arrabal - Criador do blog: **Daniel Duclos (dude ou daniduc)**. Quer falar comigo? deixe um comentário ou me escreva em daniduc arroba gmail ponto com.

Este é um blog de estudo que funciona como diário. Na maioria dos posts, não se percebe reflexão, somente a transmissão de informações que podem facilitar a vida de outros estudantes do curso de Letras. Estas informações, muitas vezes acabam por reduzir o trabalho de quem as lê, porque o blogueiro afirma que algumas leituras são inúteis, que seus trabalhos podem ser consultados, que alguns livros não precisam ser lidos. A USP possuiria um ensino tradicional, em que se prioriza a formação total de seus alunos, explorando matérias que há tempos não são exigidas em outros IES, como a língua grega. O comportamento de Daniel em alguns momentos está direcionado ao senso comum, ou seja, não perca tempo com o desnecessário, utilize o que está pronto.

Além de o blog ser um fichamento detalhado do curso de Letras/USP é também um ponto de grande quantidade de propagandas do Google. Não há critério na escolha das propagandas, pois são diversificadas, ecléticas dando a impressão de ser uma imposição do provedor.

De todos os blogs vistos até agora, nenhum poderia ser classificado como este: de estudo.

BLOG 6

Ao iniciarmos a pesquisa nos deparamos com uma infinidade de tipos de blogs, estamos na rede, um espaço aparentemente livre. Selecionamos uns tantos blogs, tivemos de desistir deles, pois pararam de ser atualizados ou se tornaram perigosos demais, pela escolha dos posts e até pela infestação de vírus que vem junto com a “espiadinha” na rede. Desejos poéticos fazem parte da vida do adolescente e blogs deste tipo são muitos na rede.

Os blogs poéticos são um jeito barato de se expor e de expor seus dotes artísticos. Assim é comum que jovens universitários usem este espaço para divulgação de seu produto. O blog *Meu Jardim* – pedaços do que sou eu é um espaço onde o jovem escreve poesia e saudades, tem-se a impressão da ausência da casa, da família, da falta de tempo:

05.05.07

 15:26:44. CRIADO POR ZE_GUI

faztantotempo

Eta correria. Mas hj tirei um tempinho pra mim

Sinto falta de tanto

Quanto posso lembrar

Ser completo exige da alma

Mais do que ela pode dar

Ser pequeno, ter limites

Basta a quem tem mãos pra dar

Dá-se uma mão ao mundo

A toda existência que há

E a outra fica liberta

Pra no vento poder balançar

Choveu de noite

Chuva mansa

Eu ouvia

O burburinho

E seguia

No meu canto

Já cantando Baixinho

A janela Divisava

O caminho

De cada canção

A sinfonia

De todas as coisas

E a ladainha

Da solidão
 Escrevi
 Fazia tempo
 Já dava saudade
 E isso aqui tava mais parado que água de dengue.

A poesia na vida estudantil nos remete aos poetas românticos, à “Sociedade dos Poetas Mortos”, a uma cultura do desabafo por meio de textos simples encadeados ao ritmo dos versos. Guilherme Soares Ghirardi, o Zé_Gui, é o blogueiro que se descreve: “Aqui bem no fundo da minha alma mora um poeta que chora sob um luar eterno”. Postava neste blog desde maio de 2006; atualmente, não conseguimos encontrar esta página. Existem propagandas no topo de seu blog e deixa a disposição um arquivo completo de sua “obra”.

Há muito desabafo em prosa, a vontade de voltar para casa, porém o compromisso o impede:

26.12.06

Ribeirão Preto me transfigura. Não me reconheço, isso não é novidade. Ao passo que não é simples também. Cada vez que me desencontro aqui, menor é a paciência com esse meu outro lado comportamental. O primeiro impulso é a fuga. Tenho andado tão bem no meu cantinho em Bauru que sou tomado por uma vontade imediata de voltar pra casa, a despeito de toda a saudade da família e amigos daqui. Passado o desespero, impulso contido, quero me readaptar a esse lugar. Trazer um pouco do que vivo em Bauru e ser, senão eu mesmo, uma versão muito mais próxima e suportável do que o usual. Metas.

Os estudos aparecem, porém mal definidos, sem preocupação com o outro, somente inquietações totalmente subjetivas. Outra característica do blog é o desprendimento em relação às regras, neste caso, Guilherme se aproveita da fluidez do pensamento e todos os títulos possuem o mesmo padrão: não há separação entre as palavras.

25.03.06

16:29:10. CRIADO POR ZE_GUI

falandofalandofalando

Já faz algum tempo que me sinto sem chão. Sinto minha vida bagunçada, girando. Alguma coisa anda fora de lugar. Transição, talvez. Dias eu toco e estudo feito um condenado. Dias eu olho o teto, olho o teto, olho o teto. Tenho trabalhado um bocado. Bons projetos. Boas perspectivas. Satisfazem? É isso então? Planos animadores para esse ano. Planos não. Algo mais concreto. Compromissos. Ora me empolgo, grito, rio, irradio... Ora aguardo enfadado. Tudo anda realmente transfigurado, líquido, etéreo. Não tenho mais a sensação do concreto, certo, firme, perene. Hoje quero, amanhã desprezo. Hoje flui, amanhã emperra. Meu humor tornou-se um estranho, uma surpresa, uma incógnita. Saiu de mim, não sei por onde anda nem quando e com que cara vai aparecer e me surpreender. Quero estar só? Quero a mim mesmo, só pra mim por um tempo? Mas já sigo ímpar há um bom trecho dessa estrada... Quero isso? Aquilo? Quero a mulher de quem vinícius fala, "que a vida não quer, de tão perfeita", "tão linda que só espalha sofrimento"? Quero um amor, quero amar? Quero o mundo, ou apenas entender meu próprio universo? Eu quero. Deixa arder. Escreverei meu livro, gravarei meu cd, tocarei quanto puder, permaneceréi de alma e olhos abertos. Do resto o acaso se encarrega. Acaso? O rio vai correndo...

Seu blog não possui outras possibilidades de interação, pois não existem blogs ou sites anexados a ele, ou seja, rompe com as comunidades e com a rede. Quem o pesquisa ou acessa deve ser por indicação. Aparentemente, não quer que seu diário poético seja totalmente aberto, revela na rede, como num confessionário e não torna visível como a maioria dos blogueiros. Porém existe um contraste muito grande: é um diário virtual, num cyberspaço, sem links, quase sem comentários, ou seja, restrito, porém em seu perfil, o jovem revela o nome completo. Quer ou não quer ser visto? Não se sabe. Aparentemente optou por não ser visto, porque retirou sua página da rede.

BLOG 7

Um caso especial

Gostaríamos de explorar mais um tipo de blog que encontramos. Não significa que a pesquisa se restringe a estes tipos, porém optamos por analisar alguns tipos produzidos por estudantes universitários e este mescla dois dados. Marcos Lopes é um estudante de Mestrado e professor de Filosofia. Se tratamos de estudantes universitários, temos de observar o perfil de alguém que continua na universidade e que utiliza o blog tanto para estudo quanto para divulgação de um conhecimento filosófico de maneira democrática e acessível.

O blog Sarma é um amontoado de coisas (<http://sarma.zip.net/>). Pertence a Marcos Lopes, professor de filosofia e mestrando que posta poesias, gravuras, pinturas e ilustrações, além de um conteúdo filosófico bastante didático. Entramos em contato com o Marcos para saber mais sobre o blog e o porquê dos temas. Ele nos respondeu:

Oi Cátia,
Estou também fazendo mestrado: terminando meu trabalho sobre Limites da Interpretação. O blog que fiz tem o intuito de tratar de temas da filosofia a partir da cultura popular, é uma tentativa de tratar da filosofia de maneira menos aristocrática e distante do cotidiano dos alunos. Acho que não sou muito criterioso quanto a seleção de temas: nesse blog coloco coisas que me interessam de modo afetivo mesmo. Não sei que informações lhe seriam úteis, mas se puder ajudar me avise.
Abraço,
Marcos 10/03/07

Esta categoria de estudantes vem com um perfil diferenciado, voltado para a formação e pesquisa. No caso de Lopes, existe a intenção na produção que é ensinar filosofia de uma maneira mais acessível aos seus alunos, além de compor a pesquisa para o seu mestrado. No blog existem muitas reflexões interessantes, resultado talvez de suas aulas.

Lopes mantém outro blog, Filosofia Pop dentro de um projeto chamado Overmundo, um site que junta um número imenso de blogs. São os sites de divulgação que juntam blogs por categorias e fazem o marketing dos blogs. Abaixo, um post de Lopes

(<http://www.overmundo.com.br/blogs/geracao-coca-cola-industria-cultural-e-cultura-de-massa-2>)

Geração Coca-Cola, Indústria Cultural e Cultura de Massa

Marcos Carvalho Lopes, Goiânia (GO) · 12/2/2007 23:48

Mais um texto da gaveta (de um curso que ofereci há 4 anos sobre a filosofia nas letras da Legião Urbana). O motivo é o mesmo: ocupado com minha dissertação...mas isso passa!

Desde que começou a pensar em dar os primeiros passos em busca da fama, Renato Russo já sabia que seria primordial controlar o jogo para não ser simplesmente engolido e descartado pela indústria cultural (quem já conhecia bem a história dos Pistols não podia ser ingênuo nesse sentido).

Essa perspectiva aparece já na sua primeira letra, ainda dos tempos de Aborto Elétrico, Geração Coca-cola. O punk surgia como resposta a indústria cultural, porém, quem trazia o novo produto eram “burgueses sem religião”, o que demonstra por si só o no future. Aí já se anuncia o marketing do não marketing, do anti-heroísmo, de saber-se cultura de massa e não ser engolido pela fúria de lucro da indústria fonográfica (como aconteceu com o RPM).

Mas o que é Indústria Cultural? De onde vem esse termo? Do trabalho dos filósofos Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973) da Escola de Frankfurt. Para Adorno o termo Indústria Cultural serviria para explicar a arte consumida pelas massas, uma mercadoria que não é mais produzida pelo trabalho artesanal, mas conforme o modelo da manufatura e da grande indústria. O ponto de partida para as interrogações de Adorno era o uso de que os nazi-fascistas haviam feito dos meios de comunicação de massa. Essa perspectiva, abordada por Adorno, ganhou força no pós-guerra, quando, mais e mais a arte se filiou ao mercado e as regras do jogo capitalista. A arte perdia sua aura e tornava-se mercadoria produzida em série.

A perspectiva capitalista agora domina os “bens culturais”, os espectadores são vistos cada vez mais como consumidores. Consomem as idéias e os conceitos dominantes veiculados pelos meios de comunicação de massa.

Presas a necessidade de ser vendável a cultura de massa se “normaliza”, se tecniciza e tende a apontar para um senso comum, uma “fórmula do sucesso”. O produto artístico voltado para o espectador médio não pode ser chocante nem exigir mais do que uma inteligência média pode oferecer/perceber. A promessa constante de satisfação com o consumo de determinado produto é sempre adiada criando um vazio: a promessa fica por se cumprir e de forma masoquista o consumidora quer mais (Baader-Meinhof Blues do primeiro álbum fala sobre essa questão).

Ampliando seu espectro a cultura de massa cria produtos para cada tipo de consumidor. A rebeldia vendida pelos punks fazia parte desse jogo (assim como, as vésperas de lançar um álbum acústico, faz parte do jogo que um grupo como o Charlie Brown aparecer vendendo coca-cola).

A ideologia que identifica saber e poder separa os competentes e os incompetentes, os que podem falar sobre determinado assunto e os que devem calar. Os astros populares tornam-se fonte de opinião e modelo para tudo, suas idéias são consumidas e passam a servir de exemplo. O economista pode falar de economia, mas não de política. Os artista, dentro da indústria cultural, podem e são chamados para falar sobre tudo...as pessoas querem os consumir.

A educação também entra nesse ciclo quando o que é pedido no vestibular define o que se deve saber, o que se deve estudar (veja a música Química também dos tempos de Aborto Elétrico), e a partir disso, o que se deve pensar.

E o pessoal tenha clareza sobre o significado desses termos? Bem Renato era formado em jornalismo e sabia bem com o que estava lidando. Chegou a afirmar certa vez falando sobre os críticos: “Se vocês são tão importantes e rock'n'roll é tão vulgar, por que falam tanto de rock'n'roll? Por que precisa citar Adorno e Walter Benjamin para provar que não vale a pena falar disso? Eu acho que a maior falta de

juízo é discutir com alguém que não tem juízo. É sempre aquela coisa, você tem que ficar pacientemente mostrando: gente, não é por aí. As pessoas vêm me pedir entrevistas para me perguntar coisas que não têm nada a ver: o que eu acho da venda de ingressos do Sambódromo para o Carnaval... Pelo amor de Deus! Pó, vem me perguntar rock'n'roll, que pelo menos eu conheço um pouco, e mesmo assim tenho minhas dúvidas... O que acontece no Brasil é que, se você chega num certo nível, você passa a ter autoridade para tudo. As vezes, isso dá medo. E se você tenta explicar o negócio do rock'n'roll..."

Sabendo desse jogo Renato planejava minuciosamente os passos de sua banda a fim de garantir o sucesso e a longevidade. Essa minúcia e seriedade foi, em parte, causa do fim do Aborto Elétrico. Quando precisou de um baixista para a Legião sabia que ter um negro na banda seria um bom lance de marketing. Não aceitou a idéia de lançar single (a Legião foi a primeira banda do rock nacional a estreiar em álbum completo). Esse era todo construído a partir de uma idéia, de um conceito...

No primeiro disco havia dúvidas sobre que direção musical seguir. O álbum, nesse sentido, dentro da esfera do rock, atira para todos os lados: do punk padrão de Geração Coca-cola ao Reggae, do funk-punk de A Dança até a multiplicação de teclados de Por Enquanto.

Também na questão temática a dúvida, o teorema, o questionamento tomam lugar privilegiado como explica Hermano Viana: "Tudo é (repito: por princípio) motivo para dúvida: "Se eu soubesse lhe dizer qual é a sua tribo / Também saberia qual é a minha" (Petróleo do Futuro); "Vivemos num planeta perdido como nós / Quem sabe ainda estamos a salvo" (Perdidos no Espaço); "Qual é a diferença?" (Baader-Meinhof Blues); "Quem é o inimigo?" (Soldados); "Eu não sei mais o que / Eu sinto por você" (Ainda É Cedo)."

De maneira emblemática, Legião Urbana começa com Será (Será só imaginação? Será só imaginação? Será que vamos conseguir vencer?) e pensava-se em fecha-lo com a música Teorema dos versos "não sabemos se isso é problema/ ou a solução". Dentro do estúdio só surgiu uma música nova Por Enquanto que como Teorema deixava as perguntas sem respostas...

Lopes se encaixa na categoria blog de professor e de estudo, pois associa ensino a aprendizagem pessoal. Traz a filosofia para dados da realidade, mescla à música e grupos famosos para que sua disciplina seja compreendida, tudo de acordo com o seu gosto pessoal. Por outro lado, exercita quando analisa conceitos filosóficos e pensadores aos fatos do cotidiano, fazendo uma ponte mais acessível ao conhecimento. Lopes estuda e ensina ao mesmo tempo.

Seus posts são longos, diferentes dos estudantes de graduação que produzem e reproduzem informações resumidas. Há muitas associações na repercussão do seu conhecimento. Referências a vários elementos filosóficos, aplicados às músicas de um grupo faz do ensino de filosofia algo mais próximo do estudante de maneira geral. suas aulas virtuais se assemelham ao ocorrido no livro "Mundo de Sofia", cujo autor tenta, por meio de uma trama, recriar de maneira simples todos os conceitos filosóficos, compondo a história da filosofia até a atualidade.

Faz uma reflexão sobre a indústria cultural, o jogo capitalista e a produção artística em muitos outros posts, já que este é o seu foco para o mestrado e todas as ausências são resultado de seus estudos de mestrado.

Os alunos/professores têm se demonstrado muito otimistas em relação à produção de blogs, pois estudam as ocorrências desta ferramenta e suas repercussões ou fazem do blog espaço para divulgação de seus conhecimentos.

Como Lopes, existe o blog do Prof. Dr. Fábio Malini, o Jornalismo Digital (<http://fabiomalini.wordpress.com/blogs-da-ufes/>), já citado neste trabalho. Malini se define assim: “Sou jornalista. Sou professor da Universidade Federal do Espírito Santo. Moro num estado aconchegante no Brasil. adoro as transformações na cultura provocadas pelo uso tecnológico. E sou flamenguista. Ah! Estou terminando o doutorado em Comunicação e Cultura, na UFRJ.”. Vemos no seu perfil uma descrição de quem já construiu um conhecimento e que não se prende às descrições dos provedores.

Seu blog é direcionado a publicações relacionadas com sua matéria, artigos pessoais e possui links com turmas de 2006 e 2007, alunos de sua disciplina, além de servir como embasamento para a sua tese de doutoramento. Neste caso, Malini, que é professor e pesquisador, juntamente com outros professores e alunos, tem feito da UFES uma referência nos estudos das tecnologias de informação digitais.

É mais nítido, neste caso, o envolvimento com a educação e a credibilidade que ele deposita nos blogs com relação à informação democratizada via rede. Também pelos posts, percebemos que existe a preocupação com a formação de grupos mais críticos em relação à cultura de massa e às ideologias que circulam por ela. Malini estimula seus alunos a participarem de discussões sobre o futuro capixaba, indo a palestras, eventos políticos, debates que possam ajudar na melhoria do povo.

A universidade também marca presença, pois a UFES é citada na página principal e participa indiretamente desta postura, pois percebemos que ela apóia as iniciativas do jovem doutor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

São muitas as mudanças e os blogs começam a fazer história, porém, mais que um movimento passageiro, eles têm movimentado algumas comunidades que fazem desta ferramenta uma passagem para discussões. Notamos, durante a pesquisa, que “uma andorinha só, não faz verão” e um galo sozinho também não tece a manhã, ele precisará de mais um, mais outro e mais outro... Ou de quem é a culpa se a palavra de Deus não é ouvida: do padre? Do homem? Ou de Deus?

Enfim, as mudanças são tantas, foram acontecendo e se ajeitando na sociedade de tal maneira que a maioria das pessoas não percebeu as perdas, assimilaram-nas, acostumaram-se e hoje elas fazem parte de um todo.

É bom lembrar que o comodismo é um grande mal, não olhar ao redor se tornou mais fácil. Vivemos à mercê de políticos que decidem o futuro de uma nação, atentos somente aos valores pessoais, individuais. As vozes que deveriam reclamar têm se calado em troca de programas de “esmola coletiva”, pois, sem o menor pudor, a caridade, a solidariedade, a cidadania estão reduzidas a programas que iludem a maioria da população. Ações efetivas num “mundo globalizado” só ocorrem quando a miséria extrapola o controle do capitalismo.

Temos de pensar o que será ensinado às futuras gerações e como este saber poderá circular na sociedade. Usar as novas tecnologias para aprimoramento da pesquisa, da dispersão de valores morais, éticos é um grande desafio. Como embutir estes valores a um povo que possui uma maioria miserável que nem ao menos sabe o que é ser cidadão enquanto uma minoria se acostumou com as trocas de favores? (SANTOS, 2000). As tentativas apresentadas neste trabalho mostram a fragilidade da maioria universitária diante de um domínio comportamental massificado, ditado por regras pré-estabelecidas. Porém, uma rede está posta e somos responsáveis por ela também.

Quanto à universidade atual, esta também tem novos propósitos que merecem atenção. Voltar ao passado como já dissemos é quase uma utopia, pois a ordem do capital prioriza a estandartização do conhecimento e a maioria da sociedade tem “aprendido” a assimilar este conceito, pois vivem imersos numa cultura de massa. O pensamento e a reflexão não cabem a todos.

Nesta pesquisa exploratória da rede observamos também que existem esforços coletivos e particulares de repensar a ordem das coisas, porém são ilhas ainda isoladas neste oceano navegável. Junto as IES, professores repercutem valores e nos blogs, por eles

orientados ou inspirados nesses educadores, desenvolvem “tentativas” de jornalismo, de divulgação de um saber.

Esta rede de blogueiros cresce constantemente e as mudanças são inevitáveis. Durante esses dois anos pesquisando produções de estudantes vimos que muitos escrevem, porém mesmo aqueles que pretendem ser inovadores, críticos, denunciadores, mesmo esses ainda estão presos ao que as grandes redes de jornalismo repercutem.

Malini avalia este momento como uma nova possibilidade de jornalismo, porém é importante ressaltar que os blogs atingem ainda um número reduzido de pessoas e as informações e conhecimentos produzidos, na maioria das vezes, se rendem ao senso comum.

Diante de tudo isso, porém, é impossível não dar crédito a essa ferramenta educacional. Como vimos, os blogs têm proporcionado no mundo todo uma integração muito maior da sala de aula com os professores, principalmente, na área jornalística e tecnológica que encontraram espaço para atualizarem seus conteúdos. Mas para que tudo ocorra, deve haver harmonia entre as partes, professores, alunos e universidade têm de pensar a educação além dos interesses particulares, ou seja, como um exercício de cidadania.

Concluir este trabalho é uma tarefa quase impossível, pois este momento ainda é de construção desta nova ferramenta. O que fica dessa parcela analisada é que muito se pode construir, sem pensarmos em jornalismo combatente da mídia dominante, mas sim como uma possibilidade de estudo, de ensino, de pesquisa. Sozinhos os estudantes usam a rede de forma individualista, trazendo à tona sofrimentos adolescentes, desejos escondidos e repercutem valores assimilados no cotidiano. Orientados, no entanto, estarão desenvolvendo, além da escrita, possibilidades reflexivas como cidadãos, usando a tecnologia a disposição, mesmo que isso represente ainda muito pouco no universo navegável.

A visibilidade também se faz presente nesses blogs analisados e os blogueiros se aproveitam dela e disponibilizam suas páginas para anúncios variados, ou seja, quanto mais acessos obtiver o blog, mais empresas pagarão para terem seus links nessa página. Assim, alguns blogs repercutem algumas informações que satisfazem a massa para terem maior visibilidade. O blog do aluno de letras da USP é um exemplo disso: quando começou a postar não encontrávamos links comerciais; após a reestruturação, sua página está repleta de anúncios.

No caso da Letícia, o seu blog “jornalístico” possibilita que outros blogueiros acessem muitos outros blogs com o mesmo foco, pois Letícia segue o padrão de professores e blogs portugueses e espanhóis que utilizam esta ferramenta como possibilidade de ensino e pesquisa. A diferença do blog da Letícia para o blog do Eduardo (USP), além dos conteúdos,

também é a questão mercadológica: enquanto o primeiro busca um retorno financeiro e de disseminação do conhecimento, Letícia exercita seus conhecimentos jornalísticos, porém ambos repercutem elementos da cultura de massa.

A propaganda e a possibilidade de acesso a outros pontos da rede é quase uma obrigatoriedade, além do padrão das páginas seguindo uma imposição do provedor. Outro elemento é a informação repetitiva, pois um tema do dia pode se repetir em muitos blogs: se está na mídia impressa ou na TV, com certeza estará nos blogs.

Enfim, temos na atualidade muitas maneiras de mudar ou mesmo questionar o sistema posto, porém o que se vê em grande parte é a repercussão de valores impostos sem luta. A sociedade tem se “acostumado” com a violência, com a miséria, com a política e mesmo aqueles sujeitos que possuem conhecimentos têm se omitido frente as crises. Os blogs estão a serviço da banalidade, mas poderiam servir como forma de discussão desde que o universitário tenha vontade política e a universidade não se renda totalmente ao mercado. Santos afirma que “jamais houve na história sistemas tão propícios a facilitar a vida e a proporcionar a felicidade dos homens” (SANTOS, 2003, 164), porém quem possui este conhecimento não está disposto a reparti-lo.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 127 p.

AMORIM, Ricardo; VIEIRA, Eduardo. Blogs: os novos campeões de audiência. **Época**, São Paulo, n.428, 31 jul. 2006. p. 96-105.

AULA DE JORNALISMO. Disponível em: <<http://www.aulajornalismo.blogspot.com>>. Acesso de: jun.2005 a jan. 2007.

BIBLIOTECA VIRTUAL DA UNIVERSIDADE DO PORTO. Disponível em: <<http://biblioteca.up.pt/>>. Acesso em 2006 e 2007.

BITTAR, M. **O ensino superior privado no Brasil e a formação do segmento das universidades comunitárias**. In: Reunião da ANPED, 23, 2000, Caxambu. Anais. Caxambu: ANPED, 2000. Disponível em <<http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/1108T.PDF>>. Acesso em: 18 out.2006.

BLOG DA REBECCA BLOOD. Disponível em: <http://www.rebeccablood.net/>>. Acesso em: jan. 2006.

BLOG DA UNISINOS. Disponível em: <<http://www.unisinos.br/>>. Acesso em: jan. 2007.

BLOG DE ANDRÉS PEDREÑO. Disponível em: <<http://opiniones-personales.blogspot.com>>. Acesso: de set. 2006 a jun. 2007.

BLOG DE EZEQUIEL VIEIRA. Disponível em: <<http://polimidia.wordpress.com/>>. Acesso em: jun. 2007.

BLOG DE FÁBIO MALINI. Disponível em: <<http://fabiomalini.wordpress.com>>. Acesso em: jul. 2006 a set.2007.

BLOG DE FÁBIO MALINI. Disponível em: <<http://fabiomalini.wordpress.com/blogs-da-ufes>>. Acesso em: de jan.2006 a set. 2007.

BLOG DE MARCELO LOPES. Disponível em: <<http://sarma.zip.net/>>. Acesso em: de jan.2007 a set. 2007.

BLOG DE MARCELO REIS. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/marceloreis/weblog/>>. Acesso em: jun. 2007.

BLOG DE MATT DRUDGE. Disponível em <<http://www.drudgeblog.com/>>. Acesso em: jan. 2007.

BLOG DE REBECCA BLOOD. Disponível em: <http://www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html>. Acesso em: fev. 2006.

BLOG DO ALUNO – PUCCAMP. Disponível em <<http://www.puccamp.br/aluno/blog/index.asp>>. Acesso em: abr.2006.

BLOG DO PORTAL IG. Disponível em: <<http://blig.ig.com.br>>. Acesso em: jan. 2006.

BLOG DO PORTAL TERRA. Disponível em: <<http://weblogger.terra.com.br>>. Acesso em: jan. 2006.

BLOG DOS ALUNOS DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA. Disponível em: <http://blog_ue.blogspot.com/>. Acesso em: dez. 2006.

BLOG LETRAS USP. Disponível em: <<http://blog.cybershark.net/letras>>. Acesso em: de jan. 2006 a set. 2007.

BLOG OUTRAS PALAVRAS. Disponível em: <<http://chapaoutraspalavras.blogspot>>. Acesso em: Jan. 2006.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/>>. Acesso em: de jan. 2005 a set. 2007.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. **Tipos de instituição de educação superior**. Disponível em: <http://www.educacaosuperior.inep.gov.br/tipos_de_instituicao.stm>. Acesso em: 23 jan. 2006.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Prouni**. Disponível em: <<http://prouni-inscricao.mec.gov.br/prouni/>>. Acesso em: set. 2006.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Leitura e política. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Org). **Escolarização da leitura literária**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 76-91.

_____. Leitura de estudo de estudantes universitários de IES periférica: uma aproximação política. **Avaliação**, Campinas, v.10, n.4, dez. 2005. p. 105-128.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 243 p.

CATARRO VERDE. Disponível em <<http://catarro.blogspot.com>>. Acesso em: 2006.

CHAUÍ, Marilena. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: UNESP, 2001. 205 p.

_____. A universidade operacional. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 09 maio 1999. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs09059903.htm>>. Acesso em: 22 jan. 2007.

_____. **O que é ideologia**. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. 106 p.

COSCARELLI, Carla Viana (Org.). **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 143 p.

COSTA, Sérgio Roberto. Oralidade, escrita e novos gêneros (hiper) textuais na internet. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto (Org.). **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 18-27.

CRUZ, Renato. A cada segundo surge um novo blog. **O Estado de S.Paulo**, São Paulo, 5 mar. 2006. Economia, p. B9.

CUNHA, Paulo. Espaço tecnológico e espaço comunicacional: ciberespaço, novas centralidade, novas periferias. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (Org.). **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003. p.197-211.

DEFILLIPPO, Juliana Gervason; CUNHA, Patrícia Vale da. Por que nickname escreve mais que realmente?: uma reflexão sobre gêneros do discurso. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção;

COSTA, Sérgio Roberto (Org.). **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 97-115.

DIAS SOBRINHO, José. **Universidade e avaliação: entre a ética e o mercado**. Florianópolis: Insular, 2002. 190 p.

DIGESTIVO CULTURAL. Disponível em <<http://www.digestivocultural.com/>>. Acesso em dez. 2006.

DIMENSTAIN, G. **Perfil do estudante universitário de São Paulo**. São Paulo, 2007. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/folha/dimenstein/PERFIL%20DO%20ESTUDANTE%20UNIVERSIT%20RIO%20DA%20RMSP.ppt>. Acesso em: ago. 2007.

EM VOGAS – CHARGES PARA MORRER DE RIR. Disponível em: <<http://emvogas.wordpress.com/>>. Acesso em: jun.2007.

ESPAÇO AMBIENTAL. Disponível em: <<http://www.espacoambiental.blogspot.com/>>. Acesso em jul. 2007.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A escrita na Internet: nova forma de mediação e desenvolvimento cognitivo? In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto (Org.). **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 29-36.

_____. Da tecnologia da escrita à tecnologia da internet. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto (Org.). **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 11-17.

FOLHA ON LINE. Disponível em: <<http://www.folha.uol.com.br/>>. Acesso em: de jan.2006 a set.2007.

FONSECA, André Azevedo da. **Webfolio – Blogs acadêmicos dos alunos de comunicação Social da Universidade de Uberaba**. Uberaba, 2006. Disponível em: <<http://triangulohost.com.br/webfolio/artigo.html>>. Acesso em: de jan.2007 a set 2007.

FOULCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2005. 80 p.

FRAGOSO, Suely. Um e muitos ciberespaços. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (Org.). **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003. p.212-231.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação, trabalho e ética: desafios e perspectivas. In: LOMBARDI, José Claudinei; GOERGEN, Pedro (Org.). **Ética e educação: reflexões filosóficas e históricas**. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 177-179.

GALLI, Fernanda Correa Silveira. Linguagem da Internet: um meio de comunicação global. In: MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, A.C. (org.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p.120-134.

GOERGEN, Pedro. A instituição universidade e sua responsabilidade social: anotações críticas. **Quaestio**: revista de estudos da educação, Sorocaba, v.1, n.1, p-9-25, mai. 1999.

_____. Ciência, sociedade e universidade. **Educação & Sociedade**, v.19, n.63, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73301998000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 out. 2006.

_____. Ética e cidadania. 2007. (no prelo)

_____. Ética e educação: o que pode a escola? In: LOMBARDI, José Claudinei; GOERGEN, Pedro (Org.). **Ética e educação: reflexões filosóficas e históricas**. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 59-95.

_____. **Pós-modernidade, ética e educação**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2005. 95 p.

GRITO SUFOCADO. Disponível em: <<http://www.gritosufocado.blogspot.com/>>. Acesso de jan. 2006 a ago. 2007.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p.17-41.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **Acesso à Internet e posse do telefone móvel celular para uso pessoal**. 2005. Disponível em: <www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/acessoainternet/default.shtm>. Acesso em: 16 set. 2006.

INSTITUTO ETHOS. Disponível em: <<http://www.uniethos.org.br/>>. Acesso em: mar. 2006.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Número de vagas na Educação Superior cresceu 470%**. Informativo, Brasil, abr. 2007. Disponível em: <www.inep.gov.br/informativo/2007/ed_155.htm>. Acesso em: 13/04/07.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinaes**. Brasil, abr. 2007. Disponível em <www.inep.gov.br/superior/sinaes>. Acesso em: 15/04/07.

KOMESU, Fabiana Cristina. Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p.110-119.

_____. **Entre o público e o privado: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs da internet**. 2005. 269 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

LEMOS, André. Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (Org.). **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003. p.11-23.

MALINI, Fábio. **O comunismo da atenção: liberdade, colaboração e subsunção na era do capitalismo cognitivo**. 2007. Tese (Doutorado em Comunicação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: In: MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, A.C. (org.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p.13-67.

_____. **Da fala para a escrita: atividade de retextualização**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2004. 136 p.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005. 77 p.

MOTA, Teresa Lenice Nogueira da Gama. Interação universidade-empresa na sociedade do conhecimento: reflexões e realidade. **Ciência da Informação**, v.28, n.1, p. 1-8, 1999.

MUNDO ALTERNATIVO. Disponível em: <<http://mundoalternativ0.blogspot.com>>. Acesso em: de jan.2007 a mai. 2007.

NÓS MEDIA. Disponível em: <<http://nosmedia.wordpress.com>>. Acesso em: abr. 2007.

O ESTADO DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/>> Acesso em: de abr. 2006 a jul.2007.

O GLOBO. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/>>. Acesso em: de jan. 2005 a set. 2007.

OVERMUNDO. Disponível em:<<http://www.overmundo.com.br/blogs/>. Acesso em: abr. 2007.

PELLANDA, Nize Maria Campos; PELLANDA, Eduardo Campos (Org.). **Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy**. Porto Alegre: Arte e Ofícios, 2000. 250 p.

PESSOA, Fernando.**Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. p. 240.

PIMENTA NOS OLHOS. Disponível em: <<http://www.pimentanosolhos.net/>>. Acesso em: jan. 2007.

PONTO DE ANÁLISES. Disponível em: <<http://pontodeanalises.blogspot.com>>. Acesso em: de 2006 a set. 2007.

PONTO MÍDIA. Disponível em: <<http://pontomidia.com.br/>>. Acesso em: fev. 2007.

PORTAL DA UNIVERSIDADE DO PORTO. Disponível em:
<http://sigarra.up.pt/up/web_page.inicial>. Acesso em jan. 2005.

REUNIÃO DA ANPED. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/>>. Acesso em: de jan de 2005 a abr. 2007.

ROCHA, Marisa Lopes e ROCHA, Décio. Produção de conhecimento, práticas mercantilistas e novos modos de subjetivação. **Psicologia & Sociedade**, Brasília, v.16, n.1, p. 13-36, 2004.

SANCHES GAMBOA, S. Revolução Informacional: pontos de vista para o debate sobre a sociedade da informação. **Transinformação**, Campinas, SP, v.9, n.1, p. 32-42, jan./abr. 1997.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2004. 357 p.

_____. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2004. 360 p.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. 174 p.

SCIELO BRASIL. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>. Acesso: de jan. 2006 a fev.2007.

SEM IDÉIAS PARA UM BLOG. Disponível em: <<http://sipub.blogspot.com/>>. Acesso em: de jun.2006 a set. 2007.

SEVERINO, Antônio J. Educação e ética no processo de construção da cidadania. In: LOMBARDI, José Claudinei; GOERGEN, Pedro (Org.). **Ética e educação: reflexões filosóficas e históricas**. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 137-154.

SGUISSARDI, Valdemar.Universidade pública estatal: entre o público e privado/mercantil. **Educação & Sociedade**, Campinas, SP, v.26, n.90, 2005. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302005000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 jan. 2007.

SILVA JR., João dos Reis; SGUISSARDI, Valdemar. Novas faces da Educação Superior brasileira: reforma do estado e mudança na produção. **Quaestio**: revista de estudos da educação, Sorocaba, v.1, n.2, p-93-97, nov. 1999.

SOBRINHO, José Dias. **Dilemas da Educação Superior no mundo globalizado**: sociedade do conhecimento ou economia do conhecimento? São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. 258 p.

TRINDADE, José Carlos Souza; PRIGENZI, Luiz S. Instituições universitárias e produção do conhecimento. **Perspectiva**, São Paulo, v.16, n.4, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392002000400003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 dez. 2006.

UM DIÁRIO...UMA GOTA... UMA HISTÓRIA. Disponível em: <<http://embuscadeumconselho.blogspot.com/>>. Acesso em: de jan. 2007 a set.2007.

UNIVERSIDADE DO MINHO. Disponível em: <<http://www.uminho.pt/>>. Acesso em: mar. 2006.

WIKIPEDIA. Disponível em: <<http://www.wikipedia.org/>>. Acesso em: abr. de 2007.

XAVIER, Antônio Carlos. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p.170-180.